

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO
URBANO E REGIONAL

ANDRÉ CAVEDON RIPOLL

TERRITORIALIZAÇÕES *ONLINE*

O CAIS MAUÁ EM IMAGEM NO CIBERESPAÇO

Porto Alegre, 2016

ANDRÉ CAVEDON RIPOLL

TERRITORIALIZAÇÕES *ONLINE*

O CAIS MAUÁ EM IMAGEM NO CIBERESPAÇO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR-UFRGS), na linha de pesquisa Cidade, Cultura e Política, como requisito para a obtenção do título de mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador: Prof. Dr. Eber Pires Marzulo

Porto Alegre, 2016

CIP - Catalogação na Publicação

Ripoll, André Cavedon
TERRITORIALIZAÇÕES ONLINE: O CAIS MAUÁ EM IMAGEM
NO CIBERESPAÇO / André Cavedon Ripoll. -- 2016.
119 f.

Orientador: Eber Pires Marzulo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura,
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e
Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Planejamento urbano. 2. Ciberespaço. 3.
Territorialização. 4. Análise de imagem. 5. Cidade.
I. Marzulo, Eber Pires, orient. II. Título.

ANDRÉ CAVEDON RIPOLL

TERRITORIALIZAÇÕES *ONLINE*

O CAIS MAUÁ EM IMAGEM NO CIBERESPAÇO

Dissertação defendida e aprovada como requisito a obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela banca examinadora constituída por:

Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes (PROPUR-UFRGS)

Prof. Dr. Frederico Guilherme Bandeira de Araújo (IPPUR-UFRJ)

Profa. Dra. Zita Rosane Possamai (PPGEdu-UFRGS)

Porto Alegre, 2016

Este trabalho é dedicado a Cydara e Jaime, pelo apoio incondicional de uma vida inteira.

RESUMO

O ciberespaço é tratado por alguns autores como um dos vetores de desterritorialização, problemática que assume importância nas ciências que tratam do espaço na modernidade tardia. Por um lado, por provocar uma evasão da materialidade; por outro, em uma perspectiva que interessa mais a este trabalho, por se configurar como um ambiente de enunciações mais livres do que as possíveis antes de seu advento, rompendo com discursos totalizantes acerca do espaço. Este trabalho examina como a cidade pode se construir em discursos no ambiente *online*. Estes discursos são tomados como territorializações, sucessão de linhas de des/reterritorialização que constituem um dizer território, e nestas construções, assim como na construção da cidade material, operam agentes táticos e estratégicos. Interessam em particular os discursos na forma imagética. Estes são entendidos como agenciamentos de diversos discursos e têm seu sentido produzido em uma relação dialógica com o contexto de enunciação. A dissertação apresenta um estudo de caso da construção discursiva em imagens do projeto Cais Mauá, em Porto Alegre, no site de relacionamentos *Facebook*. A pesquisa examinou doze imagens postadas em dois agrupamentos na plataforma. Para a coleta destas imagens, foi utilizada a ferramenta Netvizz. Para a análise destas imagens foi construído um método que incorporou descritores formais e icônicos das imagens a elementos de análise de discurso da hermenêutica dialógica. Com este método, se construiu o signo Cais Mauá para cada um dos agrupamentos e posteriormente o signo Cais Mauá que se produz na relação dialógica entre os dois agrupamentos. O trabalho contribui para a metodologia de análise visual e para a compreensão da cidade no contexto contemporâneo de aumento das relações mediadas pelo computador.

Palavras-chave: Territorialização; ciberespaço; análise de imagem; análise de discurso; cidade;

ABSTRACT

Some authors have held cyberspace as a vector of deterritorialization, a problem that has risen in importance in late modernity among sciences that deal with space. On the one hand because cyberspace incurs in an evasion of materiality; on the other hand, more relevant to this work, because it presents a space capable of more free enunciation than it was possible before its advent, rupturing with totalizing discourses about space. This work examines how the city can be constructed in discourses in this online environment. These discourses are held as territorializations, successions of de/reterritorializations that constitute a speech on territory. In these constructions, as in the construction of the material city, both strategic and tactical agents operate. Discourses in the form of images are particularly relevant. Held as collective agencies, their meaning is produced from the dialogical relation to the context of enunciation. This dissertation presents a case study on the imagetic discursive construction of the Cais Mauá project, in Porto Alegre, on Facebook, a social media platform. The research analyzed twelve imagens posted to two groupings on the website. For data collection, the Netvizz tool was used. A method was built for the analysis of these images, to which formal and iconic descriptors were incorporated, as well as elements of dialogic hermeneutics, a method of discourse analysis. By this method, the sign Cais Mauá was constructed according to each of the groupings and later according to the dialogical relationship between the two groupings. This work contributes to visual analysis methodology and to the understanding of the city in a contemporary context of computer-mediated relationships.

Keywords: *Territorialization; ciberespace; image analysis; discourse analysis; city;*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa projeto da cidade de Porto Alegre.....	40
Figura 2 - Diagrama das redes de Paul Baran	53
Figura 3 – Esquema de uma postagem do <i>Facebook</i>	56
Figura 4 – Delineamento dos procedimentos de coleta.....	59
Figura 5 – Captura de tela da página do grupo Movimento QUERO CAIS (QC),.....	60
Figura 6 – Captura de tela da página institucional do Ocupa Cais Mauá (OC)	61
Figura 7 – Captura de tela da página institucional do Cais Mauá de Todos (CMdT)....	62
Figura 8 – Engajamento no período e postagens selecionadas.....	65
Figura 9 – Delineamento dos procedimentos de descrição e análise	66
Figura 10 – QC-54: Armazéns deteriorados do Cais do Porto	70
Figura 11 – QC-30: Pórtico do Cais do Porto com cerca de acesso fechada	72
Figura 12 – QC-20: Maquete digital Viva Cais da área junto ao Rio Guaíba.....	74
Figura 13 – QC-18: Maquete digital Viva Cais do pórtico do Cais Mauá	76
Figura 14 – QC-05: Vista do rio para o armazém A2 com portas danificadas.....	78
Figura 15 – Imagens QC-30 e QC-20.....	83
Figura 16 – Nas imagens QC-54 e QC-05.....	85
Figura 17 – OC-A-17: Manifestação Ocupa Cais Mauá na praça.....	87
Figura 18 – OC-B-11: Fotografia aérea envelhecida do centro de Porto Alegre	89
Figura 19 – CMdT-A-61: Foto em preto e branco da plataforma do Cais e armazéns ..	91
Figura 20 – CMdT-B-06: Maquete digital de projeto acadêmico	93
Figura 21 – CMdT-C-26: Apresentação pública de projeto	95
Figura 22 – CMdT-F-22; CMdT-H-67: Fotomontagem de área de Shopping.....	97
Figura 23 – CMdT-F-46: Apresentação musical à noite na rua	99
Figura 24 – Imagem OC-B-11	105

SUMÁRIO

<u>LISTA DE FIGURAS</u>	8
<u>SUMÁRIO</u>	9
<u>INTRODUÇÃO</u>	10
<u>1 DISCURSO EM TEXTO E IMAGEM DA CIDADE <i>ON-LINE</i></u>	18
1.1 A CENTRALIDADE DO DISCURSO	19
1.2 EFEITOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE O ESPAÇO	25
1.3 CIDADE NO (CIBER)ESPAÇO	30
<u>2 PARA PENSAR O CIBERESPAÇO: DO MÉTODO AO <i>CORPUS</i></u>	37
2.1 O CAIS DO PORTO, SÍMBOLO DE PROGRESSO	38
2.2 LANÇANDO BASES METODOLÓGICAS	44
2.3 O CAIS MAUÁ NO <i>FACEBOOK</i>	58
<u>3 O CAIS MAUÁ EM IMAGENS E POSTAGENS</u>	68
3.1 O CAIS MAUÁ RENOVADO: AGRUPAMENTO MOVIMENTO QUERO CAIS	69
3.1.1 DESCRIÇÃO DAS IMAGENS	69
3.1.2 SOBRE O GRUPO QC	80
3.1.3 PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS E SENTIDOS: O CAIS MAUÁ PARA O MOVIMENTO QUERO CAIS	81
3.2 O CAIS MAUÁ DA CULTURA URBANA: AGRUPAMENTO OCUPA CAIS MAUÁ/CAIS MAUÁ DE TODOS	86
3.2.1 DESCRIÇÃO DAS IMAGENS	86
3.2.2 SOBRE O GRUPO OC+CMDT	101
3.2.3 PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS E SENTIDOS: O CAIS MAUÁ PARA O OCUPA CAIS MAUÁ E CAIS MAUÁ DE TODOS	102
<u>4 (IN)CONCLUSÃO: CAIS MAUÁ E A CIDADE EM ABERTO</u>	107
4.1 A TERRITORIALIZAÇÃO DO CAIS MAUÁ NO <i>FACEBOOK</i> : SENTIDOS PLURAIS	107
4.2 UM RETORNO ÀS ELABORAÇÕES TEÓRICAS	111
<u>REFERÊNCIAS</u>	115

INTRODUÇÃO

Antes mundo era pequeno
Porque Terra era grande
Hoje mundo é muito grande
Porque Terra é pequena
Do tamanho da antena parabolicamará
Ê, volta do mundo, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará

Trecho de Parabolicamará, Gilberto Gil

Este é o trecho inicial da música título do álbum Parabolicamará, de Gilberto Gil, de 1991. Nesta canção, Gil fala sobre como as distâncias se modificaram com o avanço da modernidade, com as novas tecnologias de transporte e telecomunicação, que levam à globalização os mais resguardados cantos do país; para o compositor, a terra que antes era grande ficou pequena, enquanto o mundo – universo que percorremos enquanto sujeitos – acaba por ficar maior, do tamanho de nossos meios de explorá-lo. O interessante é que esta globalização de que trata Gil, embora instauradora de uma nova configuração do mundo para quem o explora, na opinião do autor o parece ser a partir de um lugar próprio do indivíduo. Isto é evidenciado por sua brincadeira de palavras misturando “parabólica”, um dispositivo de globalização, com “camará”, expressão utilizada em cantigas de capoeira (ARTE CULTURA CAPOEIRA, [2010-11]) e portanto remetendo diretamente à cultura afrodescendente do nordeste brasileiro de que Gil é herdeiro. Ao que parece aqui, tanto a parabólica muda o lugar do camará quanto este último muda o lugar da parabólica, sendo o entendimento de um e de outro indissociável - parabolicamará.

O que se lê na letra de Gil é o colapso das distâncias do local ao mundo, graças à extensão da tecnologia aos mais remotos pontos da terra. Daí, do ponto local, se chega ao mundo; e neste ponto se está no mundo. Se este efeito é sentido pelo autor nos mais bucólicos locais que ele traz na letra de sua música, na cidade esse efeito é ainda mais exacerbado. Para Paul Virilio (2014 [1984]), com o aumento das velocidades (em alguns

casos à instantaneidade) a cidade, principalmente na sua mais nova forma contemporânea da aglomeração metropolitana, está em contato ubíquo com o mundo; por contar com o aeroporto, a "última porta do Estado" (Ibid., p.8), é a cidade que faz fronteira da nação. Para o autor, trata-se de um efeito que rompe com a localidade da cidade. Contribui para este fenômeno o que sofre a própria arquitetura das cidades, "em que a opacidade dos materiais de construção se reduz a nada" (Ibid., p. 9): tanto as técnicas de construção empregam mais materiais transparentes ou transponíveis como pela "interface da tela (computador, televisão, teleconferência...)" (Ibid., p.9). Diz o autor:

(...) o que se apaga aqui é a diferença de posição, com o que isto supõe, com o passar do tempo. Privado de limites objetivos, o elemento arquitetônico passa a estar à deriva, a flutuar em um éter eletrônico desprovido de dimensões espaciais, mas inscrito na temporalidade única de uma difusão instantânea. (VIRILIO, 2014 [1984], p. p.9-10)

Para o autor, a cidade contemporânea se encontraria então na condição de conexão a todo momento a uma rede telemática e aceleração extrema. Esta condição levaria a uma desrealização do espaço; posto que até na física o espaço só existiria em conjunção com a existência das distâncias entre os objetos. A ideia de uma perda de realidade é ampliada pela ideia de virtualização, que assume no senso comum o sentido de oposição ao real. Reconhecida por Pierre Levy (2011 [1995]) a crescente virtualização do mundo, o autor nos lembra que o virtual em nada se opõe ao real; Levy retoma a questão de Gilles Deleuze, que coloca o virtual como uma oposição ao atual, ambas sendo facetas do real (DELEUZE, 1996). Em virtualidade estariam problematizadas as coisas em potência, em oposição às coisas resolvidas em ato da atualidade.

•••

Cabe aqui que este trabalho assuma uma posição frente às diferentes correntes epistemológicas acerca de seus entendimentos da realidade. Rejeita-se o paradigma hegemônico representacional (MARTINS e MARZULO, 2013), que assume que o real tem existência independente e *a priori* no mundo e que este seria desvelado à medida em que o homem constituísse o conhecimento. Neste paradigma, palavras, textos e fotografias são meras representações da coisa representada, que tem sua essência autônoma em relação a essas últimas. O trabalho se posiciona com a crítica ao paradigma

representacional, que adquire tração após a virada linguística wittgensteiniana (MARTINS e MARZULO, 2013) e coloca a linguagem como o limite de apreensão do real. A linguagem é tomada então não uma representação, com falhas, da realidade, mas é pela linguagem, através de atos de enunciação, que a realidade é instaurada. A produção da realidade está portanto no domínio das relações sociais e está em constante mudança e sempre em disputa. Dadas estas características, convém a decisão metodológica de abordar este fenômeno como discurso, posto que este posiciona o ato de enunciação em relação a um sujeito que fala e seus álteres (ARAUJO et al., 2007).

Retoma-se a questão da virtualização das coisas em geral e da cidade em particular na contemporaneidade com uma crítica ao argumento de que este processo significaria uma desrealização. Não se pode depositar na materialidade da cidade o estatuto de realidade do objeto cidade, se entendendo o objeto como sendo produto de uma construção discursiva. Assim, trata-se a materialidade da cidade como um discurso de cidade, e não a cidade em si – esta última nunca existente dado o posicionamento aqui. Propõe-se entender a percepção da desrealização pela virtualização como um processo geral de perda de estabilidade de conceitos da modernidade. Em relação a como o espaço é tratado, remetemos ao fenômeno que a na geografia é tratado como desterritorialização (HAESBAERT, 2014 [2004]; ARAÚJO, 2007). Para Araújo (2007) trata-se de uma perda de estabilidade de conceitos antes bem estabelecidos para tratar o território dada a polifonia enunciativa da contemporaneidade, em particular remetendo a processos de identificação dos sujeitos. Araújo (Ibid.) propõe que se trate dos fenômenos espaciais pelo conceito de territorialização, entendido como processo continuado de construção discursiva do signo território.

Interessa, portanto, tratar a cidade que se constrói *on-line* como territorialização. Toma-se a cidade *on-line* como um discurso de cidade, como outras formas são também discursos de cidade (a materialidade, a cidade dos planos diretores, a cidade para a história...). Nos interessa a forma discursiva *on-line* por seu suporte, a tecnologia computacional, ser entendido frequentemente como um vetor de desterritorialização, como mencionado, e dada sua centralidade na vida contemporânea. Ao contrário de o entendermos como desterritorialização pura, buscaremos examinar processos de territorialização neste meio eletrônico. Além do discurso textual, daremos atenção ao discurso na forma imagética. Segundo Jay (2002) a virada visual dá centralidade e importância à imagem como objeto de estudo, dada a sua profusão na contemporaneidade

e por apresentar uma forma discursiva mais alinhada com o processo de conhecimento pós-moderno.

Na produção e significação da cidade material operam agentes de diferentes tipos. Aos agentes institucionais e de mercado, que tem uma ação estrutural no processo, Michel de Certeau (2012 [1980]) chama de agentes estratégicos e são os responsáveis pela instauração da ordem do espaço. Os agentes táticos, indivíduos que percorrem cotidianamente a cidade, subvertem e resignificam esta ordem. Se identificarão os agentes destes dois tipos e como operam em relação à ordem da cidade *on-line*.

•••

Para o que se pretende discutir, realizou-se uma pesquisa como parte desta dissertação, tendo como objetivo a análise de como se constrói discursivamente uma cidade no ciberespaço. Consiste em estudo de caso, abordando as articulações *online* em resposta ao último projeto de revitalização urbana para o Cais Mauá, em Porto Alegre. Trata-se de um caso em que a população se organizou ativamente na *Internet* para disputar o que ocorre em parte da cidade material.

O Cais Mauá é a área portuária mais antiga da cidade de Porto Alegre, atualmente inutilizada e separada do centro da cidade pelo Muro da Mauá, construído para proteger a cidade de enchentes como a enchente de 1941, que causou graves danos. A área passa atualmente por um processo de intenções de requalificação, tendo sido vencedor de uma licitação para tal o consórcio Cais Mauá do Brasil S/A em 2010 (JORNAL JÁ, 2016a). O que se apresenta como intenções projetuais por parte deste consórcio encontra aceitação e resistência. Este material é na forma de maquetes físicas e eletrônicas, ainda sem apresentar um projeto completo. Se estabelece então uma situação de conflito entre grupos favoráveis à execução do projeto e grupos contrários a ela.

Com a pesquisa se pretende examinar dois agrupamentos na plataforma *online Facebook*. Toma-se um agrupamento identificado como contrário ao projeto e um agrupamento favorável ao projeto. É feita a análise de como suas interações na plataforma *online* constituem territorializações, em específico sobre o Cais Mauá, mas também mais genericamente sobre ideias de cidade. É tomado como eixo central para a composição de um *corpus* para análise postagens do tipo imagética, por se entender nesta mídia uma potência distinta para a territorialização.

O *Facebook* é popularmente conhecido como uma rede social, termo do senso comum para designar *websites* em que usuários criam perfis com informações de variáveis níveis de publicidade a outros usuários da plataforma. Nesta plataforma, os usuários com perfis pessoais podem, dentre diversos outros tipos de interações permitidas pelo sistema, associar-se em grupos de *Facebook* ou confirmar sua presença em páginas de evento do *Facebook*, que são páginas que para agendamento de eventos. Todos os possíveis vínculos entre os distintos elementos da plataforma incidem, pelo algoritmo da plataforma, sobre o tipo de conteúdo que cada usuário visualiza.

Constituem o *corpus* da pesquisa postagens a partir de setembro de 2014, período em que se identifica no Facebook o surgimento de grupos de contestação ao projeto Cais Mauá até novembro de 2015, momento da realização da coleta para a pesquisa. Foram selecionadas as postagens no grupo de *Facebook* Movimento QUERO CAIS, como agrupamento favorável ao projeto, e como agrupamento contrário ao projeto as páginas Ocupa Cais Mauá e Cais Mauá de Todos. As postagens foram analisadas em seu percurso no ciberespaço e enquanto atos discursivos, analisando-se tanto as imagens quanto os textos de comentários que as acompanhavam.

•••

No capítulo **1. Discurso em Texto e Imagem da Cidade *On-Line***, começamos por nos posicionar em relação ao campo epistêmico-filosófico. Na seção **1.1 A centralidade do discurso**, se discute primeiramente a ruptura com o paradigma representacional moderno e a centralidade que assume a linguagem no estabelecimento dos significados das coisas. Se passa, então, ao relativismo cultural que pode ser encontrado em Hall (1996) (2013 [2003]), e que posiciona a instauração do real como dependente de uma circunscrição cultural, posto que esta instauração se dá no âmbito da linguagem que é construída socialmente. A partir da crítica a este relativismo, encontrada em Jay (2002), desenvolve-se a ideia de que a significação do discurso se constrói mediante o ato de enunciação (ARAÚJO, 2007), sem gozar portanto da estabilidade (ainda que relativa) que pressupunha o relativismo cultural. O fim da seção posiciona a imagem como possibilidade discursiva, principalmente à face do contexto que Jay (2002) refere como virada visual, em que a imagem, com um renovado papel nas relações sociais, adquire nova centralidade como objeto de investigações acadêmicas. Se discute, então,

como a imagem pode constituir discurso em um trabalho que assume os posicionamentos epistêmico-filosóficos adotados aqui.

Em **1.2 Efeitos contemporâneos sobre o espaço**, se discutem as transformações sobre o espaço, por um lado em decorrência de novas estruturações socio-políticas, e por outro pelas novas concepções epistêmicas abordadas na seção **1.1**. Para este argumento, faz-se uso do conceito de desterritorialização (DELEUZE e GUATTARI, 2011 [1980]; ARAÚJO, 2007) para entender o tensionamento que o sofre o conceito clássico de espaço para as ciências duras e para uma geografia de base epistêmica realista/materialista, que identificamos em Santos (2012 [1996]). São abordadas, então, as tecnologias de mediação pelo computador e sua contribuição para os processos de desterritorialização segundo autores como Levy (2011 [1995]) e Virilio (2014 [1984]). A partir de Virilio (op. cit.), se examinam ainda os movimentos sobre o espaço, não mais como um movimento geométrico-posicional sobre o espaço material, mas antes como um movimento comunicacional.

Em **1.3 Cidade no (ciber)espaço**, se lançam os conceitos pelos quais se constrói o entendimento da pesquisa realizada e apresentada no capítulo **2**. Se inicia pela ideia de que espaço pode ser um conceito heurísticamente rico para tratar de disputas discursivas pela cidade. Da conceituação de Michel de Certeau (2012 [1980]) sobre o espaço como decorrente da experiência de uma ordem se chega então ao conceito de territorialização de Deleuze e Guattari (2011 [1980]) como um modo de existir no mundo, se constituindo por um processo continuado de des- e reterritorialização. Assim, tomado numa perspectiva discursiva como este trabalho faz, o conceito territorialização abarcaria tanto processos de identificação ligados a um território geográfico (ARAÚJO, 2007) como a processos pelos quais se instauram ordens discursivo-espaciais. Se elabora a partir de Lemos (2004) como as novas mídias, em oposição às mídias de comunicação em massa, se caracterizam pela dispersão do pólo de emissão e quais os possíveis impactos disto sobre as enunciações discursivas.

No capítulo **2. Para pensar o Ciberespaço: do método ao *corpus***, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa realizada como parte desta dissertação de mestrado. O capítulo se divide em três seções, a primeira sendo uma discussão de método (ainda que a discussão sobre método seja, em alguma medida, feita ao longo do restante do capítulo também), a segunda uma apresentação do caso e a terceira apresentando a estruturação dos dados cuja análise se dará no capítulo **3**.

Em **2.1 Lançando bases metodológicas**, se apresenta o método construído para a realização desta pesquisa. A partir de formulações da hermenêutica dialógica (ARAUJO e AL, 2007), se procura construir procedimentos para a análise de imagens. As imagens são tomadas como agenciamentos (DELEUZE e GUATTARI, 2011 [1980]), e para sua interpretação são incorporados então descritores icônicos e formais (POSSAMAI, 2008). São discutidas também as particularidades de uma pesquisa no ciberespaço e no *Facebook*, usando para isso os conceitos de Recuero (2009).

A seção **2.2 O Cais Mauá no Facebook** apresenta os procedimentos para coleta e seleção do *corpus* de análise da pesquisa. São identificados os dois agrupamentos que serão fontes dos dados, o primeiro sendo o grupo Movimento QUERO CAIS e o segundo sendo a junção das páginas Ocupa Cais Mauá e Cais Mauá de Todos. São coletadas postagens destes agrupamentos do período de Setembro de 2014 a Novembro de 2015, utilizando a ferramenta Netvizz (RIEDER, 2013) e processadas inicialmente através de planilhas de Microsoft Excel. Estes procedimentos reduzem o *corpus* de um universo de algumas centenas de postagens de *Facebook* dotadas de imagens e texto, utilizando para isso critérios de interação, a 12 postagens.

Em **2.3 O Cais do Porto, símbolo do progresso** se apresenta uma contextualização histórica do caso do projeto Cais Mauá em Porto Alegre, RS. Se busca o contexto de construção do Cais do Porto no início do século XX em Souza (2008), Pesavento (1991) e Franco (1992). É feita uma retomada também dos projetos de requalificação da área após a desativação do Cais do Porto na década de 80 em fontes de jornal e no site da empresa responsável pelo projeto, chegando-se ao contexto encontrado no momento da realização da pesquisa que consta neste trabalho.

No capítulo **3. O Cais Mauá em Imagens e Postagens** procedemos à análise dos dados. Esta seção se divide em duas partes, a primeira dizendo respeito ao agrupamento Movimento QUERO CAIS e a segunda ao agrupamento Ocupa Cais Mauá/Cais Mauá de Todos. As duas seções se dividem em três partes cada. Na primeira parte, **Descrição das imagens**, são apresentadas as imagens analisadas para cada agrupamento, trazendo seus descritores icônicos e formais e sua descrição textual. Em **Caracterização do grupo**, o agrupamento é caracterizado a partir dos comentários e textos que acompanham as postagens selecionadas. Em **Produção de significados e sentidos**, as imagens são analisadas dentro do contexto de cada agrupamento para construir o signo Cais Mauá para cada um deles.

No capítulo **4. Conclusão**, é feita uma ponderação dos resultados obtidos com a pesquisa à luz da discussão teórica realizada. Primeiramente, no capítulo **4.1 A Territorialização Do Cais Mauá No Facebook: Os Sentidos Plurais**, se construirá o signo Cais Mauá que é produzido na relação dialógica entre os dois agrupamentos e se discutirão os resultados da pesquisa realizada. Em **4.2 Um Retorno às Elaboraões Teóricas** os resultados obtidos servirão de base para reavaliar os conceitos teóricos acionados no capítulo **1.** e o método desenvolvido no capítulo **2.** Assim, serão retomados elementos teóricos relevantes para a discussão destes resultados e sua relevância para o campo, bem como estabeleceremos novos questionamentos e pontos em aberto para futuras investigações.

1 DISCURSO EM TEXTO E IMAGEM DA CIDADE *ON-LINE*

De uma tecnologia obscura em seus primórdios, servindo a redes militares, universitárias ou de entusiastas, a internet passou a ser central no cotidiano, tendo um uso tão difundido na sociedade ao ponto de alguns autores se referirem à nossa época como a ciber-era (HALL, 1997) ou era digital (JAY, 2002). A difusão de uso destas novas ferramentas comunicacionais, em conjunção com os avanços nas tecnologias de transporte, é acompanhada de impactos sobre o espaço, em particular sobre a cidade; a concentração de infraestrutura tecnológica nas cidades torna delas os nós pelos quais informações, produtos e pessoas circulam no mundo. A esta cidade permeada por dispositivos tecnológicos André Lemos (2004) chama de ciberurbe, a cidade do cibercultura. Ela é marcada pelas cada vez mais comuns interações mediadas pela tecnologia. Mesmo para funções que ainda exigem um deslocamento físico, as atividades são atravessadas e ampliadas pela tecnologia computacional; e muitas das funções para as quais anteriormente era necessário o deslocamento físico são agora feitas de forma completamente telemática. Para Pierre Levy (2011 [1995]), esta é a crescente virtualização do mundo, em que até empresas não tem mais sede física mas em oposição existem no ciberespaço.

Mas o que significa para a cidade esta virtualização? À primeira vista, significaria uma perda de suas propriedades reais, para existir num mundo menos real – o virtual. Logo, um trabalho que se propõe a discutir o ciberespaço e os impactos das novas possibilidades comunicacionais sobre o espaço urbano suscita de partida uma discussão sobre o real. Isto porque esta é a definição que temos de virtual a partir do senso comum: a de uma imitação da coisa real. Ao contrário desta, este trabalho assume uma posição crítica a esta ideia, a de que a realidade é uma produção social instaurada por atos discursivos.

Neste capítulo, procura-se construir os argumentos teóricos para se tratar do ciberespaço como um ambiente de territorialização (DELEUZE e GUATTARI, 2011 [1980]), entendida aqui como o movimento continuado de des- e reterritorialização. A ideia que se procura apresentar é que os efeitos das transformações contemporâneas proporcionadas pelas novas tecnologias, que provocam certo rompimento em relação ao

modo como nos entendíamos no mundo antes destas transformações, oferecem também possibilidades de enunciações que afirmem ou reconstruam a ordem de um próprio.

1.1 A CENTRALIDADE DO DISCURSO

Ao apresentar a proposta de um trabalho que trata do *online*, cabe uma reflexão sobre como este ambiente é tratado no senso comum, que é frequentemente de maneira sinônima ao virtual. Algumas definições de dicionário para virtual é: “1 Que não existe como realidade, mas sim como potência ou faculdade. 2 Que equivale a outro, podendo fazer as vezes deste, em virtude ou atividade.” (MICHAELIS, [2009]). A palavra se difundiu com as tecnologias computacionais: realidade virtual ou mundo virtual são expressões coloquialmente utilizadas para se referir ao mundo em jogos ou *online*, de uma realidade simulada por computador, e carregam em si uma ideia de existência não real, em oposição ao modo de existir do mundo material; este, aí sim, seria completamente real (VIRTUAL REALITY SOCIETY, [ca. 2010]).

Em salas de chat online do início dos anos 90 surge o acrônimo IRL, *in real life*, empregado quando o usuário dizente queria se referir a encontros ou acontecimentos literais, fora do mundo da *internet*, como se esse fosse menos real que o mundo da materialidade dos corpos. A ideia de que a existência *online* seria menos real encontra certa contestação entre ciberativistas. Este é o caso do título do documentário sobre o portal de *downloads Pirate Bay*: TPB AFK: The Pirate Bay Away from Keyboard (2012). No título é usado o acrônimo AFK, *away from keyboard*. Este acrônimo refere-se ao estar *offline* como estar longe do teclado em oposição ao estar *online*, mas entende ambos os momentos como reais. Temos assim duas posições, a do senso comum que coloca a existência *online* como virtualidade e oposta à realidade e uma posição que se aproxima de um senso comum erudito, que entende as existências *online* como tão reais quanto às do mundo material. Pode-se aproximar estas duas distintas, por um lado, ao paradigma representacional, central para estabelecer a ciência enquanto forma moderna de conhecer a realidade, e, por outro lado, ao posicionamento crítico a este paradigma, que assume a realidade como sendo uma construção social (MARTINS e MARZULO, 2013).

O entendimento moderno do mundo dotado de realidade essencial se apoia na filosofia realista representacional platônica (MARTINS e MARZULO, 2013). Platão

apresenta como metáfora explicativa deste pensamento o mito da caverna, em que a humanidade assiste à realidade apenas através de suas sombras. Este entendimento do real se refere portanto à noção de que as coisas têm existências ideais, às quais teríamos acesso somente através de simulacros imperfeitos no mundo da *physis*. O acesso à ideia pura estaria reservado aos filósofos que, pela racionalidade, despiriam a *physis* de suas impurezas desvelando assim a essência real das coisas.

Esta herança filosófica encontra eco na separação homem-natureza. A positivação de uma natureza única e universal independente do homem cognoscente está imbricada, por sua vez, na separação sujeito-objeto enquanto central na forma moderna de conhecer o mundo, ou seja, na ciência moderna (JAY, 2002). Através do método científico, compreendido aqui como análogo moderno da racionalidade filosófica platônica, o sujeito cientista construiria conhecimentos incrementalmente mais perfeitos sobre o objeto estudado. O método garantiria a neutralidade frente ao objeto e eliminaria os ruídos. Como consequência lógica, cientistas distintos chegariam ao mesmo conhecimento sobre um mesmo fenômeno, posto que este teria existência própria independente.

O conjunto de procedimentos estabelecidos em decorrência do método científico e da relação sujeito-objeto constituem um estatuto de cientificidade (MARTINS e MARZULO, 2013), que atribui legitimidade como dizer científico àquelas explicações que se aproximariam do real pela "noção de representação sintética quantitativa universal" (Ibid., p. 1). Uma epistemologia representacional que conhece o mundo através de modelos sintéticos baseados nas linguagens física e matemática se estabelece, então, como paradigma da modernidade.

Este paradigma de caráter empírico matemático tem seu absolutismo abalado, por um lado, com a publicação da teoria da relatividade de Einstein em 1905 (BACHELARD, 2005 [1938]). O trabalho de Einstein quebrou conceitos tidos como fixos e imutáveis para a física, área constituidora deste modelo clássico de ciência, além de trazer avanços que rompem com a imutabilidade de que gozavam outras áreas da ciência até então: os teoremas de incompletude de Gödel colocam em cheque o projeto de que a matemática pudesse constituir uma linguagem universal para descrever o mundo, posto que demonstram a necessidade de um estabelecimento axiomático externo a sistemas aritméticos; e o princípio da incerteza de Heisenberg que por sua vez estabelece a impossibilidade de se precisar ao mesmo tempo a posição e a velocidade de uma partícula,

derrubando o projeto moderno de a física ser a ciência central pela qual se conhece o mundo.

Por outro lado, o paradigma hegemônico referido é tensionado também pela disputa de áreas das ciências sociais por legitimidade frente ao estabelecido estatuto de cientificidade. Inicialmente amparadas no modelo da biologia, as ciências sociais estabelecem uma relação semelhante à das empírico-matemáticas com seu objeto de estudo, construindo "modelos matemáticos ou, pelo menos, quantificáveis" (MARTINS e MARZULO, 2013, p. 2). No desenvolver das ciências sociais, em especial para as ciências sócio-históricas, a tensão com o primeiro referencial se estabelece pela não adequação de modelos matemáticos como construção de critérios de veracidade para seus fenômenos (Ibid.).

De partida as ciências sociais questionariam o par sujeito-objeto. A positivação da dissociação entre um e outro é fundamental para o entendimento clássico de ciência, uma vez que garante ao mesmo tempo o universalismo da essência do objeto e uma possibilidade de neutralidade por parte do sujeito cientista. Para as ciências sociais, a constatação de que o indivíduo pesquisador necessariamente se insere no mundo social (BOURDIEU, 2008 [1973]), seu objeto de pesquisa, coloca esta dissociação como problemática.

Sobre a separação entre essência e aparência, uma superação possível para as ciências sociais parece surgir a partir da virada linguística wittgensteiniana. Ela entende a linguagem como estabelecendo os limites para se tratar das coisas; em termos epistemológicos, "a existência do mundo só se objetiva enquanto constituída no pensamento que, aqui, confunde-se com a linguagem" (ARAÚJO, 2007, p. 16). Esta concepção não nega a existência de uma essência do mundo enquanto tal, mas afirma que tal existência, para fins de conhecimento, se torna irrelevante. Desta concepção derivam outras que ampliam a virada epistemológica de modo a entender a linguagem não como sujeita à realidade, mas como sua instauradora. Em se tratando do âmbito da linguagem pertencente ao domínio do social, a questão se torna não mais de como bem representar o mundo, mas de como ocorrem os processos que lhe atribuem significado.

A mudança de paradigma acima estabelece então um entendimento filosófico-epistemológico que opera para construir conhecimentos sobre a sociedade. Tal construção ocorre não mais sobre teorias da representação, mas sobre "'teorias sógnicas', que correspondem ao domínio dos 'processos de significação'" (Ibid., p. 16), entendendo que o

"próprio caráter do vínculo social é linguístico" (ARAÚJO, 2007, p. 17). Sendo o signo um produto constituído nas relações sociais, entendemo-lo como englobante das mais diversas problemáticas destas relações, como a política, e constitutor de sentido apenas quando situado espaço-temporalmente (Ibid.). O discurso assume centralidade, como abordagem metodológica que incorpora ao entendimento da linguagem as relações de poder que disputam o real. Neste contexto que poderia ser referido como pós-paradigmático – haja visto que não se pode mais afirmar a existência de uma única visão de mundo – o discurso se torna instaurador do mundo, uma vez que constrói significações às coisas (MARTINS e MARZULO, 2013).

A colocação sobre a centralidade do discurso acaba por produzir um efeito duplo sobre o que se considera, aqui, ser o fazer ciência social. Como primeiro efeito, torna-se absolutamente legítimo o discurso como objeto de investigação das ciências sociais. Deste modo podem ser investigados fenômenos que perspectivas epistemológicas materialistas ou essencialistas desmereceriam por buscarem realizar suas investigações baseadas na suposta essencialidade de seus objetos. As formulações linguísticas estabelecem as possibilidades de indivíduos e sociedades entenderem-se no mundo e, portanto, são também instauradoras do mundo: aí poder-se-ia então investigar, enquanto disputas discursivas, a objetivação das relações sociais.

Como segundo efeito, esta referida centralidade do discurso tem impactos sobre o próprio dizer científico, posto que é este próprio também discurso. Segundo esta perspectiva, a realidade e o seu conhecer se confundem, pois a forma de conhecer a realidade é também forma de construção da realidade. Descarta-se assim qualquer externalidade do objeto científico em relação à prática científica. A implicação disto se manifesta em uma metodologia que não busca conhecer um objeto intrínseca e independentemente real, mas que, em oposição, o constrói para si. Percebe-se que a possibilidade de uma suposta neutralidade da ciência está descartada; pelo menos como o valor absoluto que supunha a ciência moderna.

Ao considerar-se juntas as formulações que originam estes efeitos – a de que o discurso é instaurador da realidade e, enquanto construção social, tem efeitos políticos; e a impossibilidade de uma neutralidade absoluta – torna-se premente uma reflexão ética da ciência em relação a esta neutralidade e em relação aos impactos que a ciência produzirá sobre a sociedade. Isso porque, por um lado, o cientista está imerso no mundo social e chega ao trabalho científico com pré-concepções oriundas de experiências do

senso comum. Por outro lado, o próprio trabalho estabelecerá um dizer que deve percolar por outros campos do mundo social.

O referenciar de autores e utilização de seus conceitos, em um trabalho científico, constitui já um posicionamento do cientista dentro do campo de conhecimento ao estabelecer seus interlocutores intelectuais. A filiação a um determinado campo, assim, já constituiria o que Bourdieu (2008 [1973]) chama de vigilância epistemológica, que garante um controle do viés com que se aborda um tema. Assume-se aqui também que o trabalho científico não reivindica para si o estatuto de um dizer sobre a verdade, mas é apenas um dizer possível entre uma multiplicidade de dizeres possíveis sobre o mundo.

A assunção de que as coisas são instauradas discursivamente, ou seja, por processos de caráter social, implica na compreensão da significação das coisas como dependentes do contexto em que ocorre sua enunciação. Este pensamento está relacionado com o movimento de pensadores relativistas culturais para quem o real se encontra não na coisa em si mas na própria cultura (JAY, 2002). Sobre o conceito antropológico de cultura capaz de sustentar estas significações, Jay diz:

Often understood in terms of national or ethnic entities, the anthropological culture concept proved elastic enough to be extended to virtually any other community able to generate a collective identity with normative constraints and affective demands on its members. (Ibid., p. 271)

A compreensão do significado de discursos sobre a realidade passaria então pela identificação do grupo cultural em questão, processo que envolve tanto a sua circunscrição quanto outros processos de significação de sua identidade. Jay (Ibid.) considera ainda que o conceito pós-moderno de cultura se aplicaria mais adequadamente a sub-culturas, ou grupos dentro de um estado-nação, mais do que a um grupo cultural de abrangência nacional supostamente homogêneo.

A ideia de que todo o significado de um dado objeto é relativo à cultura encontra uma série de críticas, obviamente. Mas interessa aqui o conjunto de argumentos por Martin Jay (Ibid.) que problematiza a própria habilidade de se individuar determinada cultura, como processo necessário para a circunscrição de contexto de uma significação:

If, however, it can be shown that no allegedly distinct and integrated culture is really coherent and bounded, none able to police its borders successfully against pollution from without, none organized like a living

organism, then the idea that different cultures produce incommensurable views of the world cannot logically hold. (JAY, 2002, p. 273)

Esta questão se relaciona com a ideia de território como uma porção do espaço que compreende uma determinada população, que por sua vez partilha de características culturais, apresenta a mesma inconsistência lógica quando tomado dentro do posicionamento epistêmico que adota este trabalho. Em relação aos processos de significação de um determinado objeto, é importante compreender que incorporam enunciações em diferentes escalas, inclusive aquela que sofre incidência de movimentações externas ao que consideraríamos um grupo cultural circunscrito. Ou seja, nenhuma cultura seria hermética o suficiente a ponto de compreender mecanismos isolados de outros externos a ela, nem pequena o suficiente que não pudesse ser subdividida em uma pluralidade de sub-culturas, as quais apresentariam conceitualmente os mesmos problemas de abordagem.

Assim, a linguagem não pode ser circunscrita e estabelecida como tendo variações regionais ou temporais precisas, mas deve ser entendida como existindo em constante movimento. Esta reflexão é trazida por Jay (Ibid.) para avaliar as possibilidades de se analisar imagens como constituidores de significações, discussão que nos interessa justamente por propormos a análise imagética como técnica principal de investigação na parte de pesquisa.

Em dado momento a fotografia gozava de um estatuto de fidelidade em relação àquilo que expunha (Ibid.). Esta visão claramente remete – e só faz sentido se considerada assim – ao paradigma epistêmico representacional. A fotografia seria a representação mais perfeita do que está representado. Mesmo frente a questionamentos acerca da capacidade de representar das palavras, que levariam à referida virada linguística, este estatuto da fotografia resistiria.

Herança de uma filosofia clássica, a concepção da imagem como mimética do real permaneceria aceita mesmo frente à crítica sobre a arbitrariedade das palavras – em qualquer caso ainda se aceitando a existência ontológica da coisa representada. Enquanto as palavras seriam tomadas como "significantes arbitrários sem a necessária relação com o que significam" (Ibid., p.269), já que construídas pelo homem para nomear as coisas, a fotografia seria entendida como capaz de capturar fielmente tais coisas.

Para Jay (2002), a profusão de imagens experienciada no cotidiano nesta época em que vivemos, da última década do século XX em diante, coloca ineditamente a

imagem como objeto central de investigação. Trabalhos recentes contestam o estatuto de fidelidade de que gozava a imagem em dado momento, pois remetia à ideia da mais perfeita representação da coisa representada. Mesmo esta leitura que relativiza culturalmente a questão da significação da imagem encontra críticas, como vemos no trabalho de Jay (Ibid.).

1.2 EFEITOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE O ESPAÇO

Uma vez estabelecido o referencial filosófico de partida, a discussão sobre o espaço parece ser um prosseguimento interessante. O espaço no senso comum contém claramente um aspecto de realidade em si para as experiências cotidianas. Tais experiências levam a crer que se algo há de real, esta realidade pode ser verificada na experiência corpórea da materialidade. Mesmo na ciência, a ontologia do espaço é historicamente banalizada de forma a se tornar senso comum científico; a matemática clássica, ao constituir a geometria euclidiana, a constitui como um modelo representacional do "espaço que nos cerca", o espaço real. Por outro lado, a filosofia ocidental do último século e até estudos dentro das *hard sciences* levantam questionamentos sobre esta concepção de espaço. A seguir procuro discutir as abordagens em relação ao espaço: da que o pressupõe essencialmente real à que o entende como uma construção discursiva, segundo a qual o território assume posição chave enquanto conceito para entender-se desterritorialização e territorialização.

A ciência se estabelece sobre um estatuto de cientificidade segundo o qual mais legítimo seria o campo de investigação quanto mais elegantemente este pudesse expressar seus objetos e fenômenos de estudo em equações matemáticas. O referencial máximo disso seria a física, que se utiliza desta linguagem matemática para descrever tudo no mundo em função de seu posicionamento no tempo e no espaço. O conceito de espaço é portanto central para o estabelecimento desse estatuto da ciência através da própria física. O espaço neste contexto é composto por três eixos isométricos; o tempo, por sua vez, é também mensurável sobre um eixo, cujo deslocamento entretanto é contínuo e linear, unidirecional para o futuro. Espaço e tempo formam um modelo indissociável para as ciências em sua representação do mundo.

A centralidade do conceito de espaço é tão grande para a ciência e para o pensamento moderno em geral que é tomado como essencial e imutável, absolutamente real, assumindo oposição a usos distintos do termo. Milton Santos, ao conceituar o espaço para a geografia, baseia-se na ideia de que este espaço que nos cerca é essencialmente real, opondo usos metafóricos do termo à "realidade constitucional do território" (SANTOS, 2012 [1996], p. 30).

Santos sustenta que o espaço a ser abordado pela geografia, em oposição a utilizações metafóricas do termo, tem uma realidade de aspectos ontológicos que o constituem, sendo este então identificável apenas através das técnicas. É importante notar aqui a utilização pelo autor do termo território quase como um sinônimo de espaço. Território é para Santos categoria de análise para tratar o espaço. No entanto o autor é da posição de que a categoria a ser utilizada é o território usado – ou seja o território tomado em conjunto com as relações sociais sobre ele e não apenas território – pela sua capacidade de abordar a problemática espacial em sua totalidade (SANTOS, 1999).

O espaço geográfico para Santos é um espaço em si abordado conjuntamente com as relações humanas. Esta noção é retomada nas definições de Santos (2012 [1996]) para espaço geográfico como um par de configuração territorial e relações sociais ou como o conjunto de sistema de objetos e sistema de ações. De qualquer forma, parece ser clara a noção em Santos da importância que um destes sistemas tem sobre o outro, ao mesmo tempo em que cada elemento se constitui autonomamente.

Embora para Santos seja importante a consideração da relação que as pessoas têm com o território, pois aí se encontra a chave para entender sociologicamente o papel do espaço, fica evidente a ideia de que o espaço é existente a priori de seu tratar, com a ideia de que existe um "território em si" (SANTOS apud HAESBAERT, 2014 [2004]). Esta abordagem entende que o território envolve sempre uma dimensão simbólica, de apropriação social, mas também uma dimensão política e econômica, que envolve o controle da determinada porção do espaço geográfico que ordena e disciplina também os indivíduos nele habitantes (HAESBAERT, 2014 [2004], p. 94). É fundamental na modernidade a ideia de territórios nacionais, sobre os quais e dentro dosquais operam mercados e governam estados nacionais à frente de uma nação de indivíduos que compartilham desta identificação.

A partir da publicação da teoria da relatividade de Einstein, se pode pensar dentro das *hard sciences* de uma maneira distinta sobre o espaço. A mencionada teoria afirma

que a experiência do espaço-tempo é distinta de acordo com a relação do observador com este par de construtos; ou seja, a velocidade e a aceleração do observador alteram sua percepção do espaço e do tempo. Isto significa um entendimento de espaço e de tempo não lineares, mas curvos. Para além disso tal entendimento permite finalmente concepções, dentro da física, de um universo que tem mais do que estas as dimensões clássicas de distância e tempo, permitindo inclusive saltos posicionais.

A questão da velocidade como um componente para experimentar-se o espaço é abordada na área dos estudos geográficos. Paul Virilio, em sua obra *O Espaço Crítico* (2014 [1984]), analisa os efeitos das tecnologias que aumentaram as velocidades no mundo sobre o entendimento do espaço. Sobre este impacto, o autor diz o seguinte:

Se o espaço é aquilo que impede que tudo esteja no mesmo lugar, este confinamento brusco faz com que tudo, absolutamente tudo, retorne a este “lugar”, a esta localização sem localização... o esgotamento do relevo natural e das distâncias de tempo achata toda localização e posição. (Ibid., p.14)

Para o autor, as coisas passam a se mover com uma velocidade tão grande que o espaço como um construto baseado na distância entra em colapso. É importante notar que Virilio se refere não apenas a movimentos dos corpos no espaço material, mas também às existências ubíquas proporcionadas pelas tecnologias de comunicação – preocupação do autor mesmo antes de a cibercultura se tornar um fenômeno. Para Virilio (Ibid.) o espaço é portanto consequência não de uma configuração material das coisas, mas de uma configuração relacional.

A discussão sobre território se torna bastante comum nas ciências sociais no último quartio do século XX, período em que manifestam-se preocupações com o fim dos territórios; este é o elemento motivador da obra *O Mito da Desterritorialização*, de Haesbaert (2014 [2004]). Para o autor, a constatação por parte de cientistas sociais de uma chamada desterritorialização ocorre por diversos fatores: a globalização proporcionada pelos avanços tecnológicos acaba por comprimir o espaço-tempo; as fronteiras que antes eram elementos de grande estabilidade, se fragilizam na medida em que mercados se globalizam e cultura se torna um produto importável; e, por fim, em razão da existência de uma ruptura com representações identitárias, de modo que a vida passa a ser baseada em construções identitárias com bastante mobilidade. Em todos estes aspectos, as tecnologias comunicacionais, em particular a *internet*, representam um elemento importante.

Vivemos na era de maior velocidade na história. Nunca antes as coisas se moveram tão rápido. Efeitos de um processo de tecnologias aplicadas aos transportes e à comunicação, os tempos de transmissão e envio hoje se aproximam do zero. Como discutido antes, diversos cientistas e pensadores, como Paul Virilio (2014 [1984]), investigaram o impacto do aumento das velocidades sobre o espaço; a popularização dos transportes aéreos e dos veículos motorizados, mas também dos telefones e computadores conectados a uma rede mundial de comunicações são apontados como os principais responsáveis por esta mudança.

As novas velocidades mudaram, por um lado, nossa percepção de tempo e duração e, por outro, por consequência, nossa percepção das distâncias; não apenas porque estas são percorridas mais rapidamente, mas também porque a alta velocidade depende de infraestrutura tecnológica que não é igualmente distribuída sobre o espaço. A "distância percebida" entre dois pontos depende menos de sua distância no espaço físico e mais do tempo que se gasta para fazer algo percorrer o trajeto de um a outro. E, por sua vez, o tempo que se gasta não depende unicamente do posicionamento destes pontos no espaço, mas de características do como e o que se transporta.

Se antes o que limitava a viagem de um ponto a outro eram as distâncias medidas linearmente, já que estas eram percorridas por terra ou água continuamente sobre a superfície da terra, agora a possibilidade de tomar um vôo e rapidamente estar em outra cidade que conte com um aeroporto faz com que algumas cidades do mundo pertencentes a esta rede aeroviária pareçam muito mais próximas do que dizem suas distâncias métricas. São Paulo, por exemplo, parece hoje muito mais próxima de metrópoles no mundo todo a cidades do interior do próprio Brasil, como cidades da fronteira, para as quais o percurso passa por estradas na superfície, com uma velocidade muito menor do que aquela de um avião a jato. Para Virilio (1993), a relativização das distâncias (até sua redução a zero, às vezes) incorreria em uma implosão do espaço-tempo que "achata toda a posição e localização"; este autor chega a prever o fim da geografia como um dos resultados desses efeitos sobre o espaço.

Segundo Virilio, a contiguidade visual “domina progressivamente a contiguidade territorial” (2005, p. 13), fazendo do território categoria em processo de extinção. Fronteiras em seu desenho sobre um mapa perdem importância quando se transita ou transmite entre capitais em opostos do planeta, sem que o transmitido ou transportado jamais experiencie a transposição daquela linha imaginária.

A informatização crescente do mundo seria outro aspecto de desterritorialização, fator peculiar da globalização que afeta a relação com o espaço não por acelerar as velocidades dos corpos, mas por transferir as coisas de uma existência no mundo material para uma existência no mundo das redes de computadores. Na leitura de Slater (2002), alguns autores atribuem ao descolamento do ciberespaço do mundo material a degradação da sociabilidade presente no espaço físico.

Esta transferência de existências, para Levy (2011 [1995]), seria um processo de virtualização do mundo, desterritorializações pelo êxodo do espaço físico ao espaço dito virtual. Gera-se uma desconexão em relação ao meio material, na medida em que empresas, órgãos governamentais, lojas ou mesmo novas existências tomam presença no meio online. Estas existências, em termos geográficos, não teriam posição, isto é, não se pode dizer onde estão. O território como conceito da geografia, remetendo a uma porção do espaço, perde a capacidade de descrever seu objeto.

Por isso a desterritorialização na modernidade tardia, na leitura de Araújo (2007), é uma questão discursiva que decorre do enfraquecimento da capacidade explicativa do signo território - signo identitário relacionado ao espaço. A questão da identificação discursiva, para o autor, é central para entender-se a desterritorialização, tratando-se de uma problemática do dizer território. Primeiramente, este fenômeno decorre da dificuldade da atualização prática de seu objeto. No que concerne à possibilidade de qualquer coisa ser identificada, há a necessidade de relativa durabilidade da coisa identificada. No que concerne o território, vimos que existe um processo em que o espaço passa por modificações constantes; as fronteiras são enfraquecidas, as distâncias relativizadas. Ou seja, o objeto do signo território tem sua durabilidade quebrada pelos efeitos descritos na seção anterior.

Em particular nas fronteiras o impacto deste fenômeno é o enfraquecimento dos territórios nacionais, baseada nos quais se dá a existência geográfica dos Estados Nacionais, fundamentais da modernidade. Entram em crise também as identidades-nacionais, minando o território não apenas em seu objeto, mas em seu caráter simbólico. A ideia de território de um estado-nação pressupunha um objeto - porção do espaço - mas carregava em seu dizer uma porção de significados, por exemplo de que neste território habitava uma população com determinados traços identitários. Este conceito de nação, como um projeto que abarcava além de limites geográficos características culturais e políticas, entra em crise com a fragilização dessas identidades com o surgimento de novos

agrupamentos identitários, em novas relações que não as modernas de classe, trabalho e religião, novas identidades de gênero, orientação sexual, biótipo, etc. (ARAÚJO, 2007).

1.3 CIDADE NO (CIBER)ESPAÇO

Podemos perceber que o espaço tem inicialmente uma abordagem como um construto de realidade, que diz respeito à existência material dos corpos no mundo. Interessa a este trabalho, contudo, uma ideia de espaço que o entenda como derivativo de uma construção de relações possíveis, inclusive discursivas, ou seja, como o estabelecimento de relações em um sistema de códigos, uma linguagem.

Para Certeau (2012 [1980]) a espacialidade ocorre a partir da prática do lugar, e não é o lugar uma elaboração específica sobre o espaço. Não é uma característica própria pré-determinada por uma configuração, mas é resultante da prática de uma determinada configuração:

Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou proximidades contratuais. (Ibid., p.184)

O espaço nesta abordagem é existencial, e portanto haveria "tantos espaços quanto experiências espaciais distintas" (Ibid., p.184); uma concepção distinta do espaço geométrico, espacialidade homogênea e isótropa.

Entendendo-se o lugar como um produto discursivo e não necessariamente uma existência geométrica e material, podendo por exemplo ocorrer textualmente ou em outros meios capazes de estabelecer um "próprio" de relativa estabilidade, o espaço pode também ocorrer como produto de uma prática não geométrica em ambientes imateriais.

Surge a partir de conceituações do tipo relacional ou existencial de espaço a possibilidade portanto de olhar para o meio *online* como meio possível de constituir espacialidade, pois estabelece operações como as mencionadas por Certeau, apenas não sobre uma materialidade. Slater (2002) identifica que uma leva de estudos sobre o *online* de fato o abordam "não como um meio, mas um lugar para habitar", como uma mídia que é capaz de sustentar sociabilidade, e parte deste argumento se baseia na identificação de uma espacialidade no *online*. Para Slater, esta espacialidade deriva justamente das configurações de relações no *online* que incidem sobre o fluxo de informações.

Como visto até aqui, ao se falar do *online* é inevitável que apareça a ideia de virtualidade. No senso comum, o mundo online é tratado como o mundo virtual, em oposição ao mundo real, e mesmo em áreas da ciência que estudam a *internet* não parece haver exatamente um consenso sobre estes conceitos. É necessário portanto um esclarecimento sobre os vários termos para esta pesquisa.

Pierre Levy inicia seu livro "O que é o virtual?" (2011 [1995]) questionando-se sobre a possibilidade de uma desrealização geral, como prenunciada por Baudrillard, devida à crescente virtualização. Esta, por sua vez, é entendida como ultrapassando em muito a questão tecnológica. Para tratar da questão, Levy (Ibid.) resgata os conceitos de Deleuze (1996) sobre o virtual. Segundo este último, o virtual em nada se opõe à realidade. Virtual seria o que existe em potência e não em ato, opondo-se assim ao atual; são ambos dotados de realidade, no entanto; apenas modos de existência distintos. O que existe enquanto virtual existe enquanto potência, e tem a tendência de atualizar-se. A atualização de um virtual não é a mera realização de um possível. Para Deleuze (Ibid.), é a solução de algo que se encontrava em problema, e que neste processo nunca é exatamente o que existia enquanto virtual. Na atualização há sempre criação.

Nesta concepção, virtualidade ou atualidade nada têm a ver com as tecnologias, embora estas tenham permitido outras formas de virtualização. O *online* e *offline* seriam categorias que distinguem o espaço de uma rede mediada pelos computadores do espaço da materialidade. Ao espaço do *online*, que se constitui como um plano autônomo do *offline*, poderíamos chamar de ciberespaço. Pierre Levy o define como "o espaço de comunicação aberta pela interligação mundial dos computadores e das memórias informáticas" (2000, p. 95). A sua existência enquanto espaço pressupõe que permita em si possibilidades de atualização, não apenas virtualização.

As condições para um plano autônomo de existência no ciberespaço se relacionam a afirmações culturais ligadas à pós-modernidade e ao pós-estruturalismo (SLATER, 2002). Características de desembeimento e descorporeidade, para o autor, fazem com que existências no online possam ser anônimas quanto a taxonomias socialmente muito relevantes do mundo dos corpos: cor de pele, gênero, orientação sexual... A *internet* se torna em seu período inicial um espaço de grupos sociais que se organizam em torno de questões identitárias e, na visão de Slater, passam a tensionar consequentemente também no mundo *offline* quanto à realidade ontológica destes traços constitutivos das identidades, característico da pós-modernidade.

A conclusão fácil sobre o fato de o ciberespaço permitir tais modos de existência é de que este é mais democrático (como supunha o senso comum) ou livre (numa palavra com mais rigor). Não devemos concluir porém que, por ser um espaço supostamente autônomo em relação à ordem do espaço material, o ciberespaço não dispõe de uma ordem própria. Este espaço existe sobre uma estrutura tecnológica *hard* mas também *soft*, sobre sistemas de plataformas de relacionamento que são instituídas e estabelecem uma ordem às relações viabilizadas neste espaço.

De fato, autores relacionam ao ciberespaço o advento de uma nova cultura que rompe com a forma como se fazia mídia até então. Com a chamada cibercultura, os meios de comunicação de massa em geral e o jornal em particular dão espaço para meios que têm como principal característica a liberação do pólo de emissão (LEMOS, 2004; LEVY, 2000). Mesmo que se possa fazer uma crítica ao termo cibercultura, pois pressupõe uma homogeneidade cultural que demonstramos no início do capítulo ser problemática, os impactos sobre as formas de produção e difusão de discursos devem ser levados em conta.

Esta liberação do pólo de emissão não pode ser tomada como total e irrestrita, no entanto. O ambiente comunicacional ainda é dominado por sistemas estruturadores, mesmo na era da cibercultura. A estrutura mais primária é a linguagem (enquanto sistema de códigos), que permanece necessária para qualquer ato comunicacional, mas sobre ela acumulam-se outras estruturas. No caso do ciberespaço, a infra-estrutura tecnológica, os sistemas de roteamento, os softwares e as plataformas. Alguns websites se apresentam como pólos centralizadores das relações de troca mais do que outros, como o *Facebook* e o *Google*, e estes têm sua própria ordem.

Tendo isto em mente e partindo-se de um pressuposto que leva em conta formulações pós-estruturalistas sobre o mundo, a distinção entre o ciberespaço e o espaço físico como espaços mediado e não mediado, respectivamente, é problemática. Pode-se jogar o olhar de volta sobre as existências no espaço físico e considerá-las também como mediadas. Georg Simmel em seu ensaio clássico "The Metropolis and the Mental Life" (1971), publicado em 1903, já se preocupava com a existência de uma estrutura social que prescreve relações, em particular na vida na cidade; a estrutura mais radical poderíamos supor a linguagem. O trabalho de Michel de Certeau (2012 [1980]) mostra como a ordem atravessa todos os aspectos da vida cotidiana, também o espaço da cidade, enquanto estratégias.

Se o espaço físico e o ciberespaço têm uma ordem, resta a pergunta sobre o estabelecimento destas ordens. O estabelecimento de uma tem incidência sobre a outra? A estrutura em comum mais óbvia entre estes dois espaços é a linguagem, que nos primeiros anos da *internet* é puramente textual, mas, em particular agora, pode ser entendida enquanto um sistema de códigos que ultrapassa o texto e pode ser estendido à imagem e outros artefatos audiovisuais e a sistemas de símbolos ainda mais abstratos. Mas outras estruturas existem no ciberespaço; como as ruas, calçadas e parques ali postos pelo planejamento urbano estruturam as possibilidades de relações no espaço material da cidade, também são os sistemas e plataformas sobre os quais interagem atores sociais no ciberespaço estruturadores destas outras relações.

É interessante o uso do termo desterritorialização por Deleuze e Guattari (2011 [1980]) sem uma conotação espacial, mas que é completamente aplicável em uma interpretação discursiva do território geográfico. É interessante porque o território é para estes autores um conceito aplicável a qualquer coisa, e as particularidades da questão da territorialização enquanto discurso não são nada particulares à geografia, na verdade. Para os autores, a desterritorialização são linhas de fuga de um lugar próprio, de uma ordem estruturadora. A desterritorialização é o movimento de quebra com o poder da estabilidade de um significante com seu objeto, e assim é assim "aumentar seu território" pelas multiplicidades de linhas de atualização, e múltiplos objetos e múltiplos significados.

Entendida genericamente em relação à linguagem, o território é um domínio de significação. Para estes autores, pode-se entender a reterritorialização como um retorno à construção de um lugar próprio, a uma ordem, reconstrução de um território relativamente estável; movimento oposto à desterritorialização, que é uma fuga deste lugar. Importante é abordar a territorialização como um par indissociável destes dois movimentos. Só se desterritorializa a partir do território, assim como só se reterritorializa a partir de uma desterritorialização.

A partir desta formulação de territorialização, se pode pensá-la quanto à sua possibilidade de construção de um lugar:

Um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do "próprio": os elementos considerados se acham uns *ao lado* dos outros, cada

um situado num lugar "próprio" e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. (CERTEAU, 2012 [1980], p. 184)

Para Certeau (Ibid.), sobre o estabelecimento de um lugar operam dois tipos de ação, estratégias e táticas. Estratégia seria um gesto cartesiano, "gesto da modernidade científica, política ou militar" (Ibid., p. 184). Este gesto "transforma as forças estranhas em objetos que se podem observar, medir, controlar" (Ibid., p. 184). Certeau (Ibid.) explicita que, no ato de cortar este lugar próprio do outro, existe aí ainda a característica de que este "lugar do poder" não é em si de onde emana o poder, mas é instituído por este último.

Em oposição a estratégias, que individualizam e cortam o mundo para estabelecerem os lugares próprios, haveria as táticas, que se caracterizam por não terem lugar próprio nem tampouco delimitado, operando a partir do que Certeau (Ibid.) chama de não-lugar. A tática é a arte do fraco. É a arte pela qual ele opera a realidade a partir das brechas permitidas pela ordem dominante. A tática não tem por definição, portanto, uma visão globalizante. Se discernem assim, então, tática e estratégia; a tática é determinada pela *ausência de poder*, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder (Ibid.).

Pode-se tentar estabelecer um paralelo entre os pares de conceitos de Certeau (Ibid.) e de Deleuze e Guattari (2011 [1980]), quanto a suas possibilidades de instaurarem um lugar. A territorialização estaria para a estratégia como a desterritorialização para as práticas. Este paralelo não é sem distinções. Para Certeau (2012 [1980]) é claro que a estratégia é a ação dos poderosos, enquanto que para Deleuze e Guattari (2011 [1980]) mesmo entre os fracos se constituem linhas de reterritorialização. Portanto para Certeau esse par existe em oposição, enquanto para Deleuze e Guattari os movimentos de des- e reterritorialização ocorrem conjuntamente e não de forma dicotômica.

Certeau constrói a cidade como um dos campos espaciais em que concorrem a estratégia e a tática. A cidade-panorama estaria enquanto o simulacro operacional da estratégia que circunscreve seu objeto, sem no entanto enxergar o que acontece no plano das calçadas, esquecendo-se da prática do cotidiano urbano na escala do corpo do cidadão. O cidadão percorre a cidade-habitada, inapreendida pelos poderes ordenadores.

Escapando às totalizações imaginárias do olhar, existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite

avanzado, um limite que se destaca sobre o visível. Neste conjunto, eu gostaria de detectar práticas estranhas ao espaço "geométrico" ou "geográfico" das construções visuais, panópticas ou teóricas. [...] Uma cidade *transeunte*, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível. (CERTEAU, 2012 [1980], p. 159)

É importante a comparação que o autor faz das práticas desta cidade do pedestre citadino como uma ação que estabelece metáforas. Esta comparação é direta à metáfora da linguística; enunciar metáforas é significar elementos de composição sintática em valores distintos daqueles que manda a gramática - leia-se a ordem estruturadora dominante. Através desta metáfora, se pode pensar inversamente no ciberespaço como um espaço em que operam táticas e estratégias, desterritorializações e territorializações na constituição de suas ordem e estrutura. Para Certeau (Ibid.) são claros os poderes ordenadores da cidade: Estado e mercado. Seriam estes também agentes ordenadores do ciberespaço?

Se existem epicentros destas transformações no espaço geográfico, certamente eles se dão nas cidades. Nelas estão concentradas não apenas as redes de infra-estrutura e as instalações tecnológicas, mas também as populações que mais comumente utilizam as novas mídias de telecomunicação (LEMOS, 2004).

A cibercultura, cultura pós advento do ciberespaço, teria uma cidade correspondente. A esta cidade contemporânea, da sociedade das redes telemáticas, André Lemos chama de ciberurbe (Ibid.). A ciberurbe é o pólo de acesso às redes, principalmente por ser nas cidades onde se concentram as infra-estruturas e instalações tecnológicas necessárias aos processos cibernéticos, mas também por se concentrarem aqui as populações que mais fazem uso destas, os cidadãos da cibercultura.

A face que se fazia da cidade material era claramente distinta do campo na era industrial, detinha limites claros e localização geográfica precisa; suas superfícies, por sua vez, eram de espessura nula. A cidade da cibercultura, de outro lado, , tem suas superfícies tornadas interfaces (VIRILIO, 2014 [1984], p. 9); telas e monitores adquirem espessura e profundidade, conectando pontos distintos e borrando a geografia.

Esta relação dos cidadãos com o ciberespaço faz surgir uma cidade no online, que Lemos (2004) chama de cidade eletrônica e Levy (2000) de cidade digital. Levy (Ibid.) vê a cidade digital como uma analogia da cidade real, uma contraparte representacional do que seria a cidade de verdade, a cidade dos corpos. Já Lemos (2004) vê a cidade

eletrônica como algo distinto da cidade do espaço físico, mas tão real quanto, e defende tratar a ciberurbe como uma cidade em que se evidenciam interações complementares entre estes dois espaços.

A desvinculação de uma posição geográfica a certos aspectos da vida contemporânea da cidade não parece incorrer em uma completa desestruturação de seus vários sistemas. O que se vê, se alguma desestruturação ocorre, é a crescente reordenação do mundo social em novas estruturas apoiadas sobre os novos suportes comunicacionais – por vezes desmaterializadas, sim, mas tão estruturas quanto antes. O mundo cibernético parece ser uma extensão do mundo que conhecíamos antes, não rompendo por completo com aquelas estruturas mas sim oferecendo novas, ainda que distintas.

Interessa portanto tratar as existências no mundo cibernético não como puras virtualidades, mas como movimentos reais que oscilam entre a virtualização e a atualização, movimentos de des-, re-, territorialização, mesmo fora do mundo material. Enquanto a digitalização de objetos - ou, antes, a construção de objetos enquanto dados digitais - possibilita um processo de virtualização, removendo existências de um ponto no tempo e no espaço, estes mesmos dados quando processados e lidos, o são em pontos definidos do tempo e do espaço, mesmo que agora se entenda este espaço não como aquele puramente das materialidades, mas um espaço de nova topologia. Interessa observar onde estão e como se dão as linhas de fuga, proporcionadas por este novo meio, das estruturas antigas e novas e como os sistemas levam a um retorno às estruturas, sempre modificadas por este movimento.

Com a abordagem aqui proposta, a cidade deve ser pensada não como um objeto dotado de essência incontestável, mas um objeto de produções discursivas presentes no fazer cidade, percorrer cidade, olhar cidade e dizer cidade. A cidade é construída discursivamente em cada arquitetura, obra urbana ou plano diretor, mas também no seu caminhar e percorrer, no espreguiçar sobre o gramado de um parque ou mesmo na subversão de uma manobra de skate sobre um banco de praça; e atualmente esta construção se dá também em um meio completamente desvinculado da materialidade. A cidade se territorializa no espaço material e no ciberespaço, portanto, levando a uma ideia de que o ciberespaço não é completamente autônomo em relação ao espaço material, já que existências são construídas entre um ou outro plano.

2 PARA PENSAR O CIBERESPAÇO: DO MÉTODO AO *CORPUS*

Neste capítulo é apresentada inicialmente uma contextualização histórica do caso de pesquisa. Trata-se do projeto de revitalização do Cais do Porto em Porto Alegre, o Cais Mauá, por envolver uma situação na qual ocorre uma disputa de valores de cidade nas postagens de diferentes usuários da plataforma *Facebook*, que por vezes partilham padrões e sentidos e por outras contestações que levam a rupturas. Trata-se destes diferentes posicionamentos e argumentos como diferentes dizeres de cidade, que quando levados a público compõe um discurso plural e heterogêneo de cidade. Não obstante sua heterogeneidade, entende-se haver distinções de posição e estabilidade dos diferentes aspectos dos atos discursivos, tratados como estratégias e táticas (CERTEAU, 2012 [1980]) no capítulo anterior¹, para constituir o movimento de des- e reterritorialização.

Na segunda parte do capítulo apresenta-se uma discussão de método de pesquisa e, a seguir, o processo de coleta de dados da pesquisa bem como o *corpus* dela resultante. O método desenvolvido tem por objetivo construir e analisar a territorialização a partir de discursos *online* na forma de imagens. Para isso, busca-se na primeira parte do capítulo referências de análise de discurso e análise de imagens para construir critérios próprios, capazes de em um primeiro momento descrever as unidades imagéticas selecionadas e em um segundo momento analisá-las como discursos que constituem territorializações.

Na última parte do capítulo, apresenta-se o processo de coleta e filtragem dos dados, constituindo o *corpus* de análise. Cada unidade trata de uma postagem de *Facebook* que apresenta uma imagem acompanhada ou não de texto. Interessa entender-se a liberação do pólo de emissão, dado por autores (LEVY, 2000; 2004) como característico da Internet, provoca uma diferença na função de agentes estratégicos, tidos como maiores definidores da cidade material, e de agentes táticos nesta cidade que se constrói no ciberespaço. Relevante é, em particular, analisar o papel da imagem neste contexto, dada a profusão de compartilhamentos deste tipo na era da comunicação digital e o crescimento da imagem como objeto de estudo científico contemporaneamente (JAY, 2002).

¹ Em especial, ver página 34 e seguintes.

O que se realizou aqui foi colocar em análise, dialogicamente, a atividade de grupos favoráveis e contrários ao projeto Cais Mauá na Internet. Como visto, a cidade também aí, no mundo *online*, se constrói, e interessa entender as dinâmicas dos diferentes agentes em um meio que é característico das relações sociais contemporâneas. Foram abordados os agrupamentos Movimento QUERO CAIS, Ocupa Cais Mauá e Cais Mauá de Todos na plataforma de redes sociais *Facebook*.

2.1 O CAIS DO PORTO, SÍMBOLO DE PROGRESSO

A aproximação inicial do caso se deu em trabalhos acadêmicos de cunho histórico sobre a área e, para fontes mais recentes, em notícias de jornais, referenciados na seção em que apresentamos o caso². Com esta aproximação, pudemos delimitar o escopo da pesquisa tanto em relação aos tipos de dados a abordar quanto à janela temporal à qual nos ater. Como será relatado nos próximos subcapítulos, identificamos dois agrupamentos a serem incluídos na pesquisa; um deles identificamos como favorável ao projeto de revitalização do Cais Mauá e outro contrário. Recortamos o período de análise a partir do surgimento da presença no *Facebook* do agrupamento de contestação ao projeto, em setembro de 2014, até o momento da coleta dos dados, em novembro de 2015.

A pesquisa que realizamos como parte desta dissertação tem como objetivo a análise de como se constrói discursivamente uma cidade no ciberespaço, e consiste em estudo de caso, abordando as articulações populares online em resposta ao último projeto de revitalização urbana para o Cais do Porto, em Porto Alegre. A parte do Cais do Porto ao longo da Avenida Mauá é a área portuária mais antiga da cidade de Porto Alegre, atualmente inutilizada e separada do centro da cidade pelo Muro da Mauá, construído na

² Esta seção faz uma construção do contexto histórico do caso abordado. Ainda que se pudesse fazer uma crítica à ideia de factualidade da história, já que esta é também um discurso – questão que carregaria reflexões conceituais filosóficas acerca do próprio tempo – , tomou-se a decisão de apresentar uma narrativa histórica consolidada por relativo grau de consensualidade, fundada nos discursos acadêmico e jornalístico. Isto porque não é objeto deste trabalho a historiografia e sim a discussão em torno dos discursos contemporâneos sobre o tema.

década de 1970 para proteger a cidade de enchentes como a enchente de 1941, que causou graves danos.

Porto Alegre, freguesia tornada capital de província em 1773 e atingindo o estatuto de cidade em 1822, era considerada até o século XIX feia e atrasada. A cidade passaria por grandes intervenções urbanas com o intuito de trazer melhoramentos e embelezamentos para a cidade (SOUZA, 2008). Ao fim do século XIX tais intervenções já tinham impactos visíveis, constatados os movimentos da população pelo centro da cidade, realizando compras ou o *footing*, e nas suas “praças simetricamente ajardinadas à maneira dos jardins barrocos franceses” (SOUZA, 2008, p. 33).

Este movimento de modernização da cidade teria como ápice o conjunto de obras que incorporavam a construção do Cais do Porto, cuja concepção tem início no fim do século XIX. Sua importância foi comparada à de projetos de modernização de grandes portos em outras cidades do mundo, e o Cais do Porto tornou-se um símbolo de chegada da modernidade e do progresso à cidade de Porto Alegre, (ALVES, 2005). A intervenção, iniciada em 1912, tratava não apenas da construção do Cais, mas sua construção acompanhava ainda a criação de um grande aterro de 100 metros de largura ao lado norte do centro da cidade (FRANCO, 1992).

Em 1914 é publicado o Plano de Geral de Melhoramentos, quando o processo de construção do Cais do Porto já estava em andamento. O plano, de autoria de Moreira Maciel, tinha como objetivo a ordenação e o embelezamento da cidade (SOUZA, 2008) e pensava também nas áreas secas que a cidade iria ganhar com o aterro para a construção do Cais. Dentre estas áreas, aparece a concepção também de espaços abertos, como se verifica na figura 9. Segundo Pesavento (1991) este período é de busca pela modernidade urbana para a cidade, o que é refletido pelo projeto de uma avenida ajardinada com canteiro central que ligasse a praça da Matriz até o Porto. Trata-se da Av. Sepúlveda, que culmina no Portão Geral do Cais do Porto. Este projeto, de 1909 e de autoria de Attilio Trebi, ficaria em parte nos planos de Moreira Maciel e tem hoje parte executada.

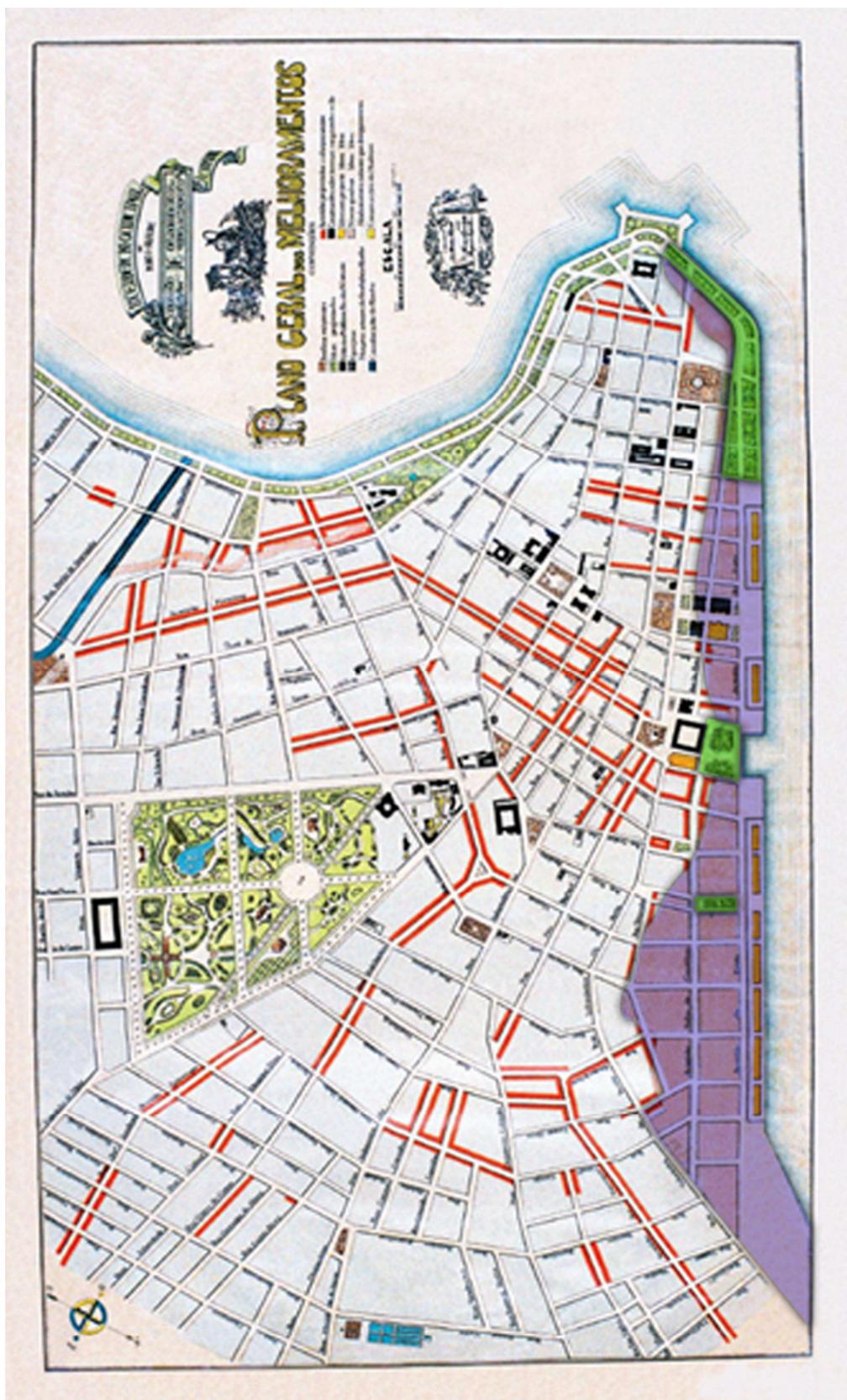


Figura 1 – Mapa projeto da cidade de Porto Alegre, de autoria de Moreira Maciel, 1914. Fonte: INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL, 2005. Marcadas pelo autor em roxo a área de aterro na margem norte da cidade prevista no plano e em verde os espaços abertos pensados para esta área de aterro.

É interessante que o Cais do Porto surja concomitantemente ao próprio espaço público urbano da cidade, tutelado e formatado por uma concepção de modernidade espelhada a grandes intervenções como a renovação haussmanniana de Paris. A Praça da Alfândega em sua formatação atual, de jardins simétricos, surge neste período, com a demolição da Casa da Alfândega para a execução do aterro e do Cais do Porto (KRUSE, 2011). O grande esforço para esta intervenção, incluindo tal aterro, representaria um domínio do natural e sua subjugação ao poder artefato da cidade, capaz de impulsionar a cidade em economia e inserção do movimento civilizatório global. O progresso vem, então, acompanhado da adequação da cidade à própria vida pública urbana moderna de modo burguês (PESAVENTO, 1991).

O Cais tem seu primeiro trecho inaugurado em 1921 e é finalmente concluído em 1930. O Cais do Porto representa ao longo das décadas seguintes um importante equipamento da cidade, movimentando quantidades importantes de mercadorias. Porém com a construção de mais terminais portuários ao norte e com o desenvolvimento do sistema rodoviário de transporte no país, o Cais do Porto reduz quase totalmente suas atividades como porto na década de 1970 e tem seus armazéns centrais (A e B) e pátio tombados em 1983 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sendo o restante do conjunto tombado em 1996 pelo município (SPH-RS, s.d.).

Desde o fim das atividades do Porto e subsequentemente ao seu tombamento, diversos projetos têm sido propostos para uma requalificação de usos da área do Cais do Porto ao longo da Avenida Mauá (PMPA, s.d.). O que há de comum entre todos estes é a busca por um financiamento majoritariamente da iniciativa privada, cabendo ao poder público apenas alguns custos. Entre tais tentativas, em 1988 o Governo Municipal propôs o projeto "Cais do Porto: centro de Comércio, Lazer e Turismo", criticado à época por atender apenas aos interesses da iniciativa privada (JORNAL JÁ, 2016b).

Em 1996, mesmo ano do tombamento municipal do conjunto, o Governo do Estado organizou um concurso para a área, conjuntamente com o Instituto dos Arquitetos do Brasil, IAB-RS, (JORNAL JÁ, 2016b). Entre propostas que propunham parques públicos, a vencedora tinha um enfoque comercial para a área. A proposta, intitulada Porto dos Casais, propunha *shopping center*, hotel 5 estrelas, um centro empresarial e uma sede para a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, OSPA, sendo esta última a única parte do projeto que contaria com verba pública.

Os projetos acabaram esbarrando em um contexto desfavorável de aceitação pela população ou problemas burocráticos ao encaminhamento para sua realização. Durante este período, e principalmente durante a década de 2000, os armazéns Cais do Porto têm usos culturais relevantes pela população, abrigando áreas da Feira do Livro da cidade e da Bienal do Mercosul Cais (PMPA, s.d.). Porém, durante a maior parte do tempo, a área ficou sem um uso pela população.

A investida mais recente para um projeto de requalificação urbana da área começou em 2007, durante o mandato da governadora Yeda Crusius para o Governo do Estado (JORNAL JÁ, 2016a). Neste período empresas colaboraram com o Governo para a realização dos estudos que subsidiaram o posterior edital para a execução da obra de revitalização do Cais Mauá. Em 2010 procedeu-se então à realização da licitação pública, vencida pela empresa Cais Mauá do Brasil S/A, consórcio que incluía algumas daquelas empresas que colaboraram na realização do edital e que acaba por não encontrar concorrência na disputa.

O consórcio vencedor é formado por diversas empresas associadas, sendo que o grupo espanhol GSS Holding detém 51% do negócio. O projeto apresentado pela empresa é assinado em parceria do escritório Jaime Lerner Associados com o escritório espanhol b720 Fermín Vázquez Arquitectos, e propõe espaços públicos e privados na área entre a Avenida Mauá e o Rio Guaíba³ (REVISTA CONSTRUÇÃO MERCADO, 2013).

³ Há um debate de algumas décadas acerca da taxonomia do corpo d'água "Guaíba". Historicamente ele era apresentado como rio, mas trabalhos acadêmicos recentes na área da geografia física, ao se alinharem a evoluções dos critérios de definição do campo, o têm afirmado lago, sendo importante na popularização desta mudança de nome o lançamento do Atlas Ambiental de Porto Alegre, em 1998. Estas duas taxonomias, com um sentido próprio dentro do campo da geografia, são também tipificadas na legislação urbanística e ambiental, a qual se aplica com maior leniência a lagos do que a rios. Assim, uma simples modificação nos critérios taxonômicos de um campo científico foi capaz de deixar as margens do Guaíba sob maiores ameaças da especulação imobiliária, sem que o fenômeno físico Guaíba em si tenha mudado para o próprio campo que o nomeia. Frente a este exemplo de processos discursivos de instauração do real, assumo neste trabalho o posicionamento político de chamar o Guaíba

A proposta de projeto apresentada gerou reações tanto contrárias como favoráveis para a sua implementação. A proposta de reurbanização da área inclui a construção de shopping, hotel, centro de eventos e torres comerciais, além de áreas para lazer e gastronomia, segundo informações do próprio *site* da empresa (CAIS MAUÁ DO BRASIL SA, s.d.).

A problemática conflituosa que se estabelece no âmbito da esfera pública da cidade a partir da apresentação do projeto desta empresa tem por motivos aspectos tidos como polêmicos da proposta. A proposta em si é movida por uma intenção de exploração econômica centrada na empresa proponente, mas encontra apoio entre a população em argumentos que defendem, entre outras coisas, a devolução de uma parte da cidade que se relaciona com o rio à população. Como argumentos contrários à proposta, surgem os de caráter técnico do campo do planejamento urbano e ambiental e, entre a população, a crítica à elitização e privatização de um espaço público da cidade.

Segundo artigo de 2013 na página online da Revista Construção Mercado (2013), publicação da editora PINI, são apresentados alguns dos pontos polêmicos no levantamento da própria revista. Ali são mencionados como polêmicos a alteração de regime urbanístico para a área, que geraria um adensamento exagerado na área central de Porto Alegre e a manutenção do Muro da Mauá, elemento que tinha por função a proteção da cidade contra enchentes, mas que gera em si um bloqueio físico ao acesso à área do Cais. São tratados como elementos não polêmicos do projeto, neste artigo, o rebaixamento da Av. João Goulart (prolongamento da Av. Mauá) e a melhoria na qualidade de circulação de pedestres.

Em uma pequena seção de comentários de personalidades, o artigo apresenta ainda os argumentos críticos de que o processo não permite a participação popular e que o projeto não considera as "necessidades da sociedade no foco de aproveitamento cultural, comunitário, histórico e ambiental, voltando-se somente para a parte exploratória comercial" (REVISTA CONSTRUÇÃO MERCADO, 2013). Como contraponto

de rio, valorizando assim os aspectos históricos e ambientais sobre os aspectos do campo da geografia física e sobretudo sobre as investidas de uma especulação imobiliária predatória.

positivo, um comentarista afirma que o projeto é bem-vindo já que o Cais está subutilizado como depósito de lixo e seus galpões abandonados.

Em evento de um grupo denominado Comitê UFRGS pelo Cais Mauá, em janeiro de 2016, alguns professores da Universidade apresentaram argumentos contrários à proposta de revitalização. Eber Marzulo (2016) denuncia o projeto como anacrônico, tomando decisões urbanísticas contrárias às tendências contemporâneas. Como exemplo, apresenta o adensamento de áreas centrais e o privilégio ao transporte automotivo individual. O projeto ainda desrespeitaria o patrimônio construído do Cais do Porto e se trataria de uma privatização de área pública.

Os argumentos favoráveis e contrários acabam sendo bandeiras de grupos da população, que se alinham em posições que defendem ou contestam esta proposta de intervenção. Em ambos os casos, não sabida a extensão da articulação destes grupos de modo *offline*, podemos verificar que suas atividades têm grande presença na Internet, em particular no período mais recente. Este meio é significativo tanto para discussões como para articulação de encontros *offline*, no caso de grupos contrários ao projeto. Cabe a observação de que o nome Cais Mauá não é o nome comum do porto de Porto Alegre, embora seja a designação oficial a um dos trechos do porto pela Secretaria de Portos e Hidrovias (SPH-RS, s.d.). O nome popular dado à área portuária próxima ao centro da cidade era simplesmente Cais do Porto (FRANCO, 1992). O nome Cais Mauá parece ter tomado conta da linguagem popular, no entanto, desde o início da campanha publicitária para o atual projeto, a verificar-se pelo uso do nome para referir-se à área (e não ao projeto), inclusive por manifestações contrárias à intervenção. Como apresentado a seguir, o nome Cais Mauá está no título de todos os grupos tomados como fonte desta pesquisa.

2.2 LANÇANDO BASES METODOLÓGICAS

O processo de construção e análise dos dados remete à identificação de como agentes estratégicos ou táticos estão envolvidos na construção de uma territorialização (como des/reterritorialização) Como visto no capítulo anterior, entende-se os elementos de agentes estratégicos como aquelas significações que instauram ou reafirmam a ordem da cidade e que estão portanto centradas nos agentes que dispõem de poder para

instauração ou reafirmação, isto é, as instituições do Estado e do Mercado (CERTEAU, 2012 [1980]). Quanto aos agentes táticos, referem-se aos elementos que ofereçam as ressignificações daquilo oferecido pela ordem instaurada pelos agentes estratégicos, através da prática dos espaços da cidade (Ibid.). Assim, busca-se os agentes táticos não apenas em ações de contestação que possam ser consideradas óbvias à ordem estratégica da cidade, mas também naquelas ações que constroem ressignificações pela apropriação incontestada da ordem.

A abordagem tomada é de análise de discurso, em que o sentido dos dados não se encontra nos dados em si, mas é construído pelo próprio processo de análise em relação ao contexto de elementos do *corpus* em análise. O trabalho se debruça sobre a categoria de territorialização; o sentido que se procura aqui é um que permita construir um conhecimento sobre as relações de disputa acerca do fenômeno do dizer território. Assim, este sentido não é único e verdadeiro, mas um sentido possível e por vezes plural e contraditório justamente por ser resultado da interação de uma multiplicidade de agentes discursivos, e não um produto completo de responsabilidade daquele que fez a postagem no meio *online* ou daquele que a produziu como suporte, seja fotógrafo ou artista computacional. Como o livro que para Deleuze e Guattari (2011 [1980]) é um agenciamento e que ao qual os autores gostariam de não atribuir a totalidade de sua autoria, a imagem será tomada não como um discurso produto de um único sujeito, mas como o agenciamento de diversos discursos.

Como método de análise buscam-se os instrumentos necessários para a construção deste sentido nas diversas imagens que compõem o *corpus* do trabalho. Este sentido é uma produção no campo da linguagem, uma construção social, e como tal não pode ser circunscrito à subjetividade de um autor; mas é sim construído na relação entre os elementos da imagem, seu arranjo interno e o contexto de enunciação e de interpretação. Sendo o intuito construir este sentido, deve-se buscar um método capaz de considerar estes elementos, em particular o contexto, para atribuir significação aos dados construídos. A técnica para análise dos dados deve colocar o ato enunciativo do discurso em análise em contexto, para maior compreensão do sentido que se possa construir.

A Hermenêutica Dialógica (ARAUJO, GUEDES, *et al.*, 2007) é um método de inspiração bakhtiniana que busca construir o sentido de um texto além daquele

intratextual.⁴ A abordagem baseia-se na ideia crítica à linguística do século XIX para a qual a compreensão de um texto pode ser feita pela análise da totalidade de sua peça. Para a abordagem da Hermenêutica Dialógica, o ato discursivo deve ser compreendido como estabelecendo uma relação dialógica com um suposto interlocutor (Ibid.). O ato enunciativo se constituiria pela ação de arranjo de unidades de idiomas (palavra, oração e conjunto de orações), entendidas como os elementos neutros do discurso por terem definições léxica e gramatical. Esta ação se constitui em discurso por ser um pronunciamento que emite um enunciado próprio, mas que carrega também um enunciado de outrem na assunção de um interlocutor. Estes dois enunciados são "carregados de intenção valorativa determinada pelos respectivos sujeitos discursivos" (Ibid., p.5). Segundo os autores, isto faz com que "os outros do discurso sejam sujeitos ativos na constituição dos enunciados" (Ibid., p.6).

A aplicabilidade desta fundamentação ao proposto neste trabalho – a análise do agenciamento de diversos discursos em imagens – deve-se ao exame das relações de alteridade presentes nos discursos, tanto na suposição de interlocutores quanto no fato de os enunciados serem construídos sobre significações anteriores. A Hermenêutica Dialógica não é aplicada diretamente, embora parte de sua fundamentação seja adotada, tendo sido feitas adaptações para um método capaz de responder às particularidades desta pesquisa, como o caráter imagético das unidades e a inserção destas em um meio *online*. A identificação dos álteres do discurso é um passo fundamental mantido na análise de imagens; a sua circunscrição não se dá por termos e palavras como no texto, mas por descritores icônicos, desenvolvidos a seguir.

A compreensão do discurso, para a Hermenêutica Dialógica, passa pela construção do signo, ou seja, construção dos quatro elementos que o compõem: objeto apontado no mundo; significante, que denota o objeto e constrói uma conotação em si (definição de dicionário); os significados, conotação construída intradiscursivamente; e o

⁴ A Hermenêutica Dialógica é trazida neste trabalho como uma referência metodológica para a abordagem de discursos e não como o método a ser aplicado na análise parte desta pesquisa. A seguir, se construirá um método próprio de análise, de fato executado, que toma como inspirações não apenas a Hermenêutica Dialógica mas também o método de análise de imagens de Possamai (2008).

sentido, conotação construída extradiscursivamente (ARAÚJO, GUEDES, *et al.*, 2007). Para construir-se um procedimento para a análise de imagens que incorpore esta composição do signo, faz-se necessário buscar categorias análogas a estas últimas.

O elemento neutro da linguagem para a Hermenêutica Dialógica são as definições de dicionário e gramaticais presentes no texto. Mas qual é o elemento neutro da imagem? Se o idioma escrito ou falado pode ter seus códigos léxicos e gramaticais explicitamente expressos e enquadrados a um idioma com circunscrição territorial clara, não se pode fazer a mesma afirmação em relação à imagem. A proposição de que léxico, acompanhado de definições de dicionário, e gramática sejam elementos neutros e de conteúdo absoluto se circunscritas ao conjunto de falantes deste idioma não encontra paralelo quando se toma a imagem como discurso, porque a imagem não tem um código formalizado como a língua falada e escrita. Este trabalho assume que a interpretação que constrói a partir da posição do analista, autor do trabalho, é uma interpretação possível por um suficiente partilhamento de codificações imagéticas com o contexto das imagens analisadas; tal partilhamento, entende-se, é suficiente para identificação tanto dos arranjos formais quanto icônicos das imagens.

Assim, no contexto de discursos imagéticos, como elemento análogo à língua em discursos textuais, este trabalho trata sobre descritores da imagem (POSSAMAI, 2008). No trabalho de Possamai (Ibid.) estes descritores são aplicados em uma pesquisa de análise de conteúdo, em que o valor de cada descritor se encontra dado para a totalidade das unidades que o apresentam. Aqui, entretanto, busca-se construir um sentido que não se encontra no próprio valor deste descritor, mas que será construído pela análise de discurso em relação ao contexto de enunciação. Esta abordagem pressupõe que o sentido de cada elemento exposto em uma imagem não tem um valor intrínseco, mas é construído na relação com o conjunto e com o contexto da imagem. Se distancia portanto de análises de imagem que a entendam como representação. Para o paradigma representacional uma análise de dados é adequada a um sistema de valores das categorias analisadas, pré-definido e em geral sobre assunções de características imutáveis do real. Como forma geral, para análise de imagens e textos, este posicionamento empregaria a análise de conteúdo. A análise de conteúdo, segundo Phillip Bell (2001, p. 13), é:

[...] an empirical (observational) and objective procedure for quantifying recorded 'audio-visual'(including verbal) representation using reliable, explicitly defined categories ('values' on independent 'variables').

Ou seja, a análise de conteúdo define extrinsecamente suas categorias de análise para análise de seu material, construindo portanto um significado ontológico ao representado nas imagens analisadas. Bell (Ibid.) afirma ainda:

Content analysis alone is seldom able to support statements about the significance, effects or interpreted meaning of a domain of representation.

Como método, a análise de conteúdo não forneceria os instrumentos necessários para abordagem do sentido de uma imagem em relação às suas significações extratextuais, nem daria conta de analisar as contradições internas que porventura possam ser identificadas na análise de discurso. A análise de conteúdo é muito eficiente em realizar análises quantitativas de grande volume de dados. Embora não seja adotada para a realização deste trabalho, não estariam descartadas de pronto técnicas quantitativas, ainda adequadas a responder questões como a filtragem dos dados a serem incorporados ao *corpus*; as técnicas aqui aplicadas são apresentadas no item de apresentação do *corpus*, 2.3, mas os critérios para o procedimento de análise e portanto atribuição de valor às categorias empregadas são construídos contextualmente e as suas limitações em capacidade explicativa estão explícitas em relação ao posicionamento epistêmico-metodológico da pesquisa.

Trataremos de dois conjuntos de descritores, a partir do trabalho de Possamai (2008): os descritores icônicos que se referem ao conteúdo de um discurso e os descritores formais que se referem à composição visual da imagem. Ou seja, o primeiro conjunto se refere ao conteúdo apresentado na imagem e o segundo conjunto ao seu arranjo. Embora o trabalho de Possamai (2008) seja referente ao campo da história, entendem-se os descritores desenvolvidos como método aplicáveis nesta pesquisa, sendo uma questão de linguagem pertinente a análises de discurso. Sobre a sua análise, diz a autora:

A análise dos atributos icônicos para o historiador tem como pré-requisito o conhecimento do objeto de investigação, seja este a cidade, as personalidades, os acontecimentos, enquanto a análise dos atributos formais necessita das informações sobre a própria história da fotografia, no que se refere à evolução dos procedimentos técnicos do ato fotográfico e das possibilidades tecnológicas disponíveis ao fotógrafo no momento em que ele está captando as imagens. (Ibid., p.259)

Como o texto escrito, que constrói palavras e outros significantes a partir de unidades como as letras do alfabeto, as imagens constituem iconografias, elementos reconhecíveis como coisas dentro de um sistema de códigos, a partir de sua construção visual. Em relação à **forma**, os seguintes aspectos foram adotados:

- **Abrangência:** A abrangência refere-se ao grau de aproximação em relação ao exposto. Através deste elemento pode-se considerar o grau de inserção do observador em uma cena, por exemplo, podendo variar entre uma colocação do observador dentro da cena a uma exposição distanciada, “externa”, do exposto.
- **Ângulo:** Pode ser vertical, horizontal ou oblíquo. É relevante pois remete a diferentes formas de “ver” a cidade. Como demonstrado por Certeau (2012 [1980]), o ângulo de ver a cidade remete diretamente às diferenças entre estratégias e táticas.
- **Ponto de vista:** Podendo ser central, diagonal, ascencional ou descencional; estabelece a tomada de posição do olhar do observador em relação ao exposto na imagem.
- **Eixos compositivos:** Descreve a relação compositiva dos elementos expostos na imagem em relação ao seu enquadramento e em relação à relação que estabelecem entre si. Aqui evidenciam-se centralidades, dinamismos e outras relações entre os elementos.
- **Formato:** Refere-se ao formato da imagem, podendo ser retângulo vertical, retângulo horizontal ou quadrado.
- **Elementos técnicos do suporte:** Refere-se a aspectos compositivos não geométricos, como cor e grão da imagem. Aqui evidenciam-se também aspectos tecnológicos em relação à produção da imagem.

Em relação ao **conteúdo** das imagens, em se tratando de imagens que constróem uma ideia de cidade, toma-se aqueles elementos que permitam constituir discursos sobre espaço. Assim, as imagens serão analisadas segundo os descritores icônicos:

- **Elementos fixos:** elementos do espaço urbano que tenham relativa perenidade, ainda que se alterem no tempo, como os elementos arquitetônicos ou mobiliário urbano.
- **Elementos móveis:** objetos que por ventura apareçam na cena exposta, mas não são parte do conjunto construído, como carros e bicicletas.

- **Personagens:** descritor que se refere à exposição, na imagem em análise, de pessoas. Descreve se estão em grupo ou apenas juntas ou se explicitam desempenhar alguma profissão, por exemplo.
- **Funções e atividades:** descritor que remete às funções expostas na imagem em análise, no caso de estas estarem manifestadas por objetos perenes, ou atividades desempenhadas na cena, no caso de serem temporárias.
- **Localização:** referência de que espaço está exposto na imagem em análise, podendo ser referente a espaços restritos do caso em estudo ou mais amplo.

Dada a necessidade metodológica de se considerar um contexto específico para construir as relações de alteridade que se estabelecem nos discursos em análise e assim a construção de um sentido no dizer cidade destas imagens, uma análise qualitativa que percorra com detalhe um *corpus* pequeno de unidades a serem analisadas se faz adequada e por isso elegeu-se a realização de um estudo de caso.

De acordo com Howard Becker (2009 [1970]), um estudo de caso cumpre um objetivo duplo: por um lado, o estudo de caso proporciona uma oportunidade de se realizar um estudo compreensivo da comunidade em questão. Esta pesquisa examina o caso das dinâmicas em operação no caso do Cais Mauá em Porto Alegre numa circunscrição muito particular, que é sobre como o caso ocupa o ciberespaço, e assim construirá um conhecimento importante sobre esta situação em particular. Por outro lado, um estudo de caso também almejaria chegar a formulações mais genéricas sobre a estrutura social que contribuam para o corpo teórico do campo (Ibid.). Porém, o fato de um estudo de caso ter como meta o estudo compreensivo de um grupo específico torna difícil o teste de proposições de cunho genérico (Ibid.).

O estudo de caso sobre o modo como o Cais do Porto e sua mais recente proposta de requalificação, o Cais Mauá, são tratados na Internet permite um entendimento tanto deste caso específico – o desta revitalização urbana – quanto das dinâmicas contemporâneas que acompanham o crescimento do uso da Internet. Em relação ao caso específico, interessa saber que outros aspectos desta qualificação estão em disputa na cidade que não aqueles já identificados em grandes veículos de mídia ou no discurso explícito dos diferentes agentes envolvidos. A análise de discurso, não obstante a particularidade de tratar-se aqui de enunciações primariamente imagéticas, permite a construção de um subtexto nos significados e sentidos dos elementos analisados. Assim,

espera-se chegar tanto a questões internas e locais referentes ao Cais do Porto quanto a questões gerais como disputas por concepções distintas de cidade e de política urbana que se encontram em operação em Porto Alegre.

Além destas formulações, espera-se construir também um entendimento sobre como e com que incidência os distintos agentes na construção da cidade atuam. Sendo no campo do urbanismo e planejamento urbano, vastas são as contribuições sobre como estes processos ocorrem em relação a cidade material – nesta pesquisa dedicamos especial atenção ao trabalho de Michel de Certeau (2012 [1980]) –, mas aqui procuraremos contribuir para o entendimento teórico das dinâmicas de construção discursiva da cidade, agora perpassadas por esta mídia ainda nova que é a Internet.

Tratando-se de um estudo de um grupo específico, o caráter não genérico do estudo de caso demanda uma preparação particular. Howard Becker tece em sua obra *Sociological Work* (2009 [1970]) críticas à atividade de metodólogos, que se ocupam de desenvolver métodos que seriam meramente aplicados por um outro grupo de cientistas em seu trabalho investigativo. Métodos desenvolvidos fora e antes do trabalho de campo não levam em conta particularidades da circunscrição em questão e podem inclusive cegar o pesquisador a aspectos teoricamente relevantes que de outra forma seriam captados no trabalho de pesquisa (Ibid.).

Para construir o contexto de enunciação que o caso vai analisar, em se tratando de uma pesquisa na *internet*, deve-se levar em consideração as particularidades das relações mediadas pelo computador. Recuero (2009) expõe as características de atores e conexões em oposição ao que chama de relações não-mediadas. Embora este trabalho assuma que relações mantidas no espaço material sejam também mediadas, a começar pela própria linguagem, as mediações pelo ciberespaço têm particularidades que merecem ser explicitadas.

Recuero (2009) afirma que ao tratar-se de atores na rede *online*, não se trata dos atores em si, mas de suas representações, como perfis em *sites* ou comunidades *online*, um blog ou um perfil de *twitter*, por exemplo. Este trabalho, ao contrário, assume estes elementos não como representações, mas como distintas existências de um determinado ator na rede da *internet*. O que se pode estudar na Internet são os rastros deixados pelos atores ao interagirem na rede, segundo Recuero (Ibid.), na forma de seus perfis e principalmente nas conexões estabelecidas. Uma característica própria da interação em meio online, é que ela permite interações simultâneas ou distantes no tempo, já que uma

postagem ou outro material criado por um ator permanece enquanto virtualidade podendo ser atualizada a qualquer momento por outro usuário da rede. Estas interações estabelecem conexões de diversos tipos, que permanecem como rastros.

Os diferentes graus de interatividade na utilização da *internet* conforme os tipos de material que se está acessando variam desde a passividade quase total, em que o usuário é apenas um telespectador do material exibido, até interações complexas em que o usuário tem um grande poder de alterar o material disponível na rede (RECUERO, 2009). Em qualquer caso, o usuário sempre encontra uma estrutura de *hard-* e *software* subjacente, que condiciona qualquer interação através de protocolos e linhas de código.

A forma mais passiva de utilização da *internet* é nomeada interação reativa. Esta consiste em interações limitadas de estímulo e resposta, como ao visitar *sites* pré-configurados através de *links* ou endereços do tipo *URL* (Ibid.). O usuário pode interagir clicando em novos *links* nesta página e acessando assim diferentes conteúdos, mas não tem nenhuma influência sobre aonde leva tal *link*, a ele só seria facultada a decisão de clicar ou não.

A outra forma de interação seria do tipo interação mútua, em que a atividade se dá de forma inventiva e experiências de distintos usuários se afetam mutuamente (Ibid.). É o caso de *sites* como fóruns ou *sites* de redes sociais em que se pode postar novo material ou comentários. A partir da postagem de novos materiais ou textos, a experiência de outros usuários se altera.

Cabe notar que estas duas categorias não parecem completamente adequadas para distintamente caracterizar as interações na *web* hoje em dia, fazendo mais sentido tratar das interações como um espectro que varia de menos a mais interatividade. Devido a algoritmos de métrica de utilização, hoje em dia o simples ato de visitar um *site* pode modificar a forma como um sistema alimenta conteúdo para os usuários de uma rede. No *Facebook*, por exemplo, a visitação de um *site* faz com que ele suba na métrica de relevância do sistema e o *link* para o seu acesso vai aparecer para mais usuários da rede (FACEBOOK, s.d.).

Uma forma de abordar os rastros das interações na rede é nos laços estabelecidos entre elas, sendo estes de dois tipos: associativo e dialógico (RECUERO, 2009). O laço associativo é do tipo reativo e consiste em estabelecer uma conexão entre dois nós de determinado sistema, por exemplo criar um elo entre dois perfis de *Facebook* do tipo "amizade" ou participação em um grupo. O laço dialógico é do tipo interação mútua,

como por exemplo uma conversa mantida na seção de comentários de alguma página. Dada a interatividade que se dá nesse tipo de laço, é apropriado tratá-lo como um agenciamento.

Estas conexões estabelecidas na rede acabam por configurar redes que podem ser mapeadas, levando-se em conta estes tipos distintos de laços (Ibid.). As redes têm uma topologia própria que, entre outros aspectos, determina como se dá o fluxo de informações em seu interior. Estas redes podem ser construídas como redes centralizadoras, em que um determinado nó da rede concentra a maior parte das interações entre outros nós, redes distribuídas em que a interação entre nós se dá de forma relativamente livre ou através de uma combinação das duas.

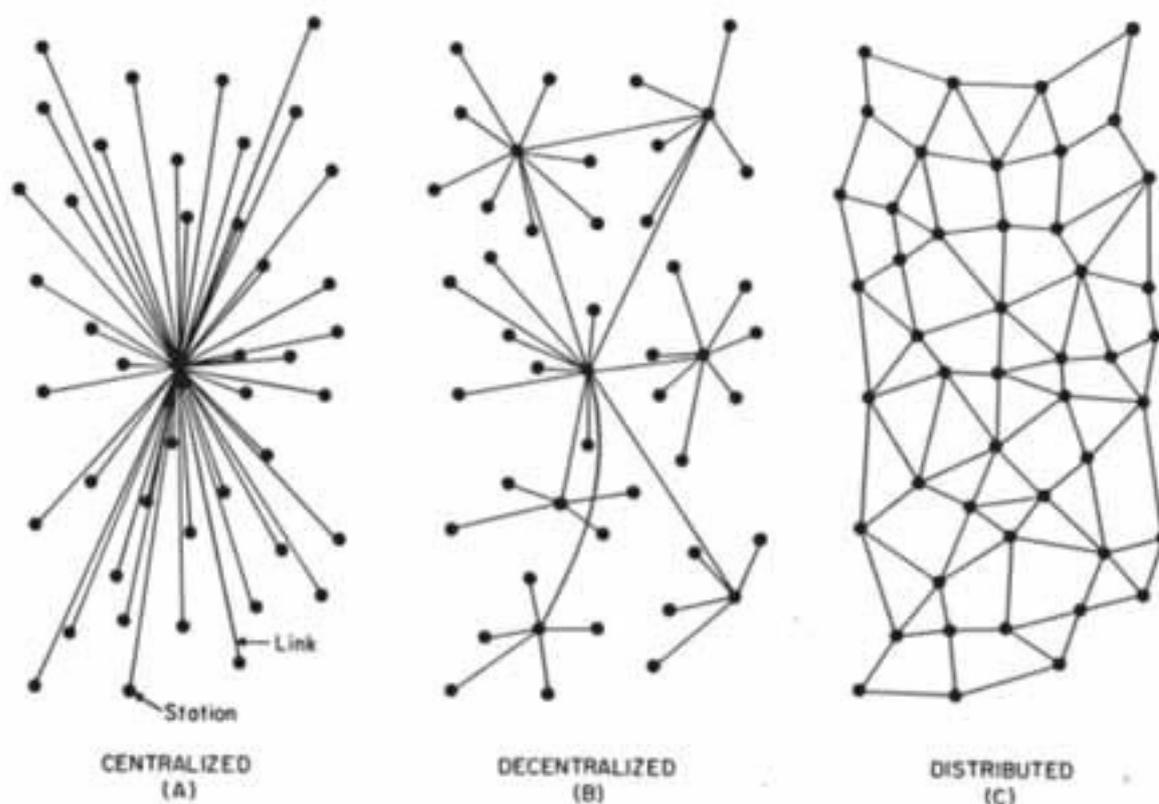


Figura 2 - Diagrama das redes de Paul Baran. Fonte: Recuero (2009), p. 56

Esta pesquisa analisa quase integralmente dados que constrói a partir da plataforma de relacionamentos sociais online *Facebook*. As condições para execução desta pesquisa limitam as fontes da rede estudada àquelas de acesso público, como grupos do *Facebook*. Não se conheceria a totalidade da rede configurada pelas interações dos usuários, apenas a parcela detectável a partir dos rastros deixados nestes nós.

O *Facebook* é um SNS – *social networking site* (LEWIS, KAUFMAN, *et al.*, 2008), ou site de rede social. Trata-se de uma plataforma *online* na qual usuários criam perfis próprios (presenças pessoais no sistema da plataforma) e estabelecem diversos tipos de vínculos entre seus perfis e outros elementos da estrutura. O vínculo mais usual é o de amizade, entre dois perfis de usuários da rede, mas também podem ser estabelecidos vínculos através de páginas de interesse ou do pertencimento a grupos específicos (LEWIS, KAUFMAN, *et al.*, 2008).

Em 2008 o *Facebook* foi o sexto site mais acessado e o responsável pelo maior número de compartilhamento de imagens no mundo (Ibid.). Por essa razão, esta plataforma é particularmente interessante para examinarmos o papel da imagem na construção de um discurso de cidade na contemporaneidade. O compartilhamento de informações na plataforma dá-se pelo que denominamos postagem ou *post*, publicação de autoria de um perfil na sua própria página ou em páginas de grupos e eventos. Pelo algoritmo da plataforma, esta publicação tem mais chances de ser visualizada por perfis participantes de uma mesma rede que o autor da postagem, sendo os vínculos entre os diferentes elementos desta rede relevante para o partilhamento de informações.

O tipo de elemento mais básico a constituir a rede desta plataforma é a de **perfis** de usuários, que remetem a indivíduos, mas há também perfis de BPOs (SLATTERY, MCHARDY e BAIRATHI, 2013) – Businesses, Public Persons and Organizations: empresas, pessoas públicas e organizações, que denominaremos **páginas institucionais**. Em termos metodológicos, consideraremos perfis como sendo indivíduos e páginas institucionais como grupos ou coletivos explicitamente organizados, podendo tratar-se inclusive de empresas.

Um dos artefatos que tratamos aqui é o que o Facebook chama de evento. Este é um tipo de página que se propõe a criar um evento de agenda para encontros ou outras ocasiões. Para esta pesquisa, quando nos referirmos a este tipo de página, usaremos o termo **página de evento**, para evitar confusões com o uso conceitual que o termo pode ter no campo desta pesquisa. Há ainda os **grupos de Facebook**, que reúnem **perfis** associados em relação a um tema em comum.

A unidade de análise para esta pesquisa é a imagem compartilhada em um *post*. A sua estrutura é apresentada no diagrama da figura 2 (a seguir). Um *post* tem como autor um **perfil** ou uma **página institucional** e consiste na publicação em página própria ou em um grupo ou evento de um conteúdo que pode conter elementos audiovisuais como

vídeos, áudios e imagens, *links* para outras páginas de internet e texto. Com este *post* podem interagir outros perfis da rede, compartilhando-o (republicando-o em suas próprias páginas ou em páginas com as quais tenham vínculo), comentando-o (se estabelecendo assim uma discussão entre vários perfis) ou *curtindo-o* (representando uma marca de aprovação àquele conteúdo). A estas interações o *Facebook* chama de engajamento com o conteúdo.

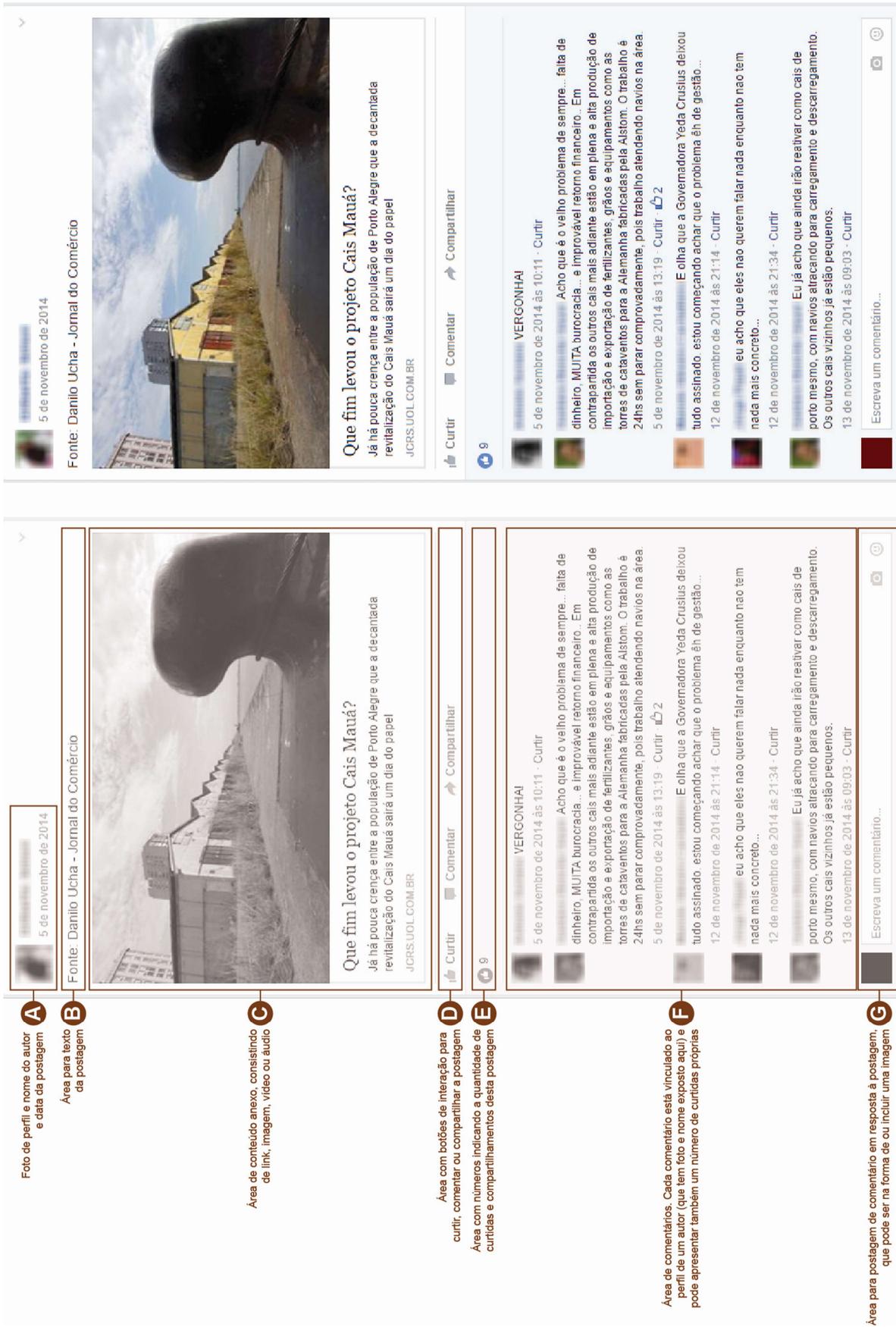


Figura 3 – Esquema de uma postagem do Facebook. Fonte: gráficos do autor sobre postagem do grupo Quero Cais.

A quantidade de interações com um determinado *post* é relevante para o próprio algoritmo de funcionamento da plataforma (FACEBOOK, s.d.). Um usuário do *Facebook* visualiza em sua página inicial, denominada Feed de Notícias (Ibid.), conteúdos (denominadas pela plataforma de histórias) que tenham alguma relevância para este usuário segundo os critérios deste sistema:

As histórias que aparecem no Feed de Notícias são influenciadas por suas conexões e atividades no Facebook. Isso ajuda você a ver mais histórias que sejam do seu interesse, compartilhadas pelos amigos com quem você mais interage. O número de comentários e curtidas que a publicação recebeu, bem como o tipo da história (por exemplo: foto, vídeo, atualização de status), também podem torná-la mais propensa a aparecer no seu Feed de Notícias. (Ibid.)

Algumas técnicas comumente utilizadas pela análise de conteúdo podem apresentar grande utilidade à abordagem aqui proposta, neste caso em particular as que fazem uma construção quantitativa do fenômeno estudado. Os grupos de *Facebook* selecionados como fontes desta pesquisa apresentam um volume muito grande de postagens; após o crescimento em membros do grupo passam a aparecer também postagens de propaganda não relacionadas ao tema do grupo.

É fundamental estabelecer-se critérios de relevância de cada postagem para construí-la como dado desta pesquisa. Propõe-se aqui que o grau de interação entre membros do grupo e postagens específicas seja um critério adequado para estabelecer relevância a estas últimas. Isto porque o *Facebook*, em seu algoritmo de funcionamento, faz com que conteúdos com maior interação apareçam mais para os membros da rede. Assume-se também que o ato de interagir com uma postagem possa ser entendido como atribuir-lhe importância. Para qualquer outro tipo de dado, a pesquisa teria que ser construída de forma distinta. A utilização de critérios quantitativos parece então ser adequada à seleção do *corpus*.

Os dados primários utilizados têm origem na plataforma de relacionamentos sociais *online Facebook* e envolvem atividades de postagens, comentários e participação de grupos e eventos (entidades desta plataforma) de indivíduos que têm uma conta e um perfil nesta plataforma. Por questões éticas, todas as fontes selecionadas para esta pesquisa na plataforma *Facebook* consistem em postagens do tipo públicas; ou seja, que

podem ser visualizadas por qualquer usuário a partir de um terminal com acesso à plataforma, mesmo que este usuário não possua vínculos diretos ao autor da postagem.

2.3 O CAIS MAUÁ NO *FACEBOOK*

Questões referentes ao mais recente projeto de reurbanização do Cais do Porto, o Cais Mauá, aparecem de diversas formas no *Facebook*. Para esta pesquisa, decidiu-se utilizar como fontes interações vinculadas a grupos, eventos e páginas do *Facebook*, que constituem nós de um sistema de rede descentralizada, aos quais usuários e as postagens por eles produzidas mantêm um vínculo associativo (RECUERO, 2009). Os grupos e eventos configuram assim um ponto da estrutura onde se concentram enunciações acerca de um tema. Estas postagens, no que diz respeito à sua classificação conforme os tipos de laços, são do tipo dialógico.

Os procedimentos para a coleta dos dados para a pesquisa seguiram o delineamento esquematizado na figura 3. Trata-se de quatro etapas, começando pela escolha dos grupos ou comunidades de *Facebook* a servirem de fontes para a pesquisa. Procedeu-se à coleta de metadados das respectivas postagens consistindo, entre outras informações, de valores de engajamento de usuários e conteúdo textual dos comentários vinculados a estas postagens. Em seguida foi feita uma filtragem das postagens por nível de engajamento, mantendo-se aquelas postagens que apresentavam um nível de engajamento alto. Por último, dentre estas postagens, foram selecionadas aquelas que em conteúdo apresentavam elementos para a discussão do que a pesquisa apresentava como problema.

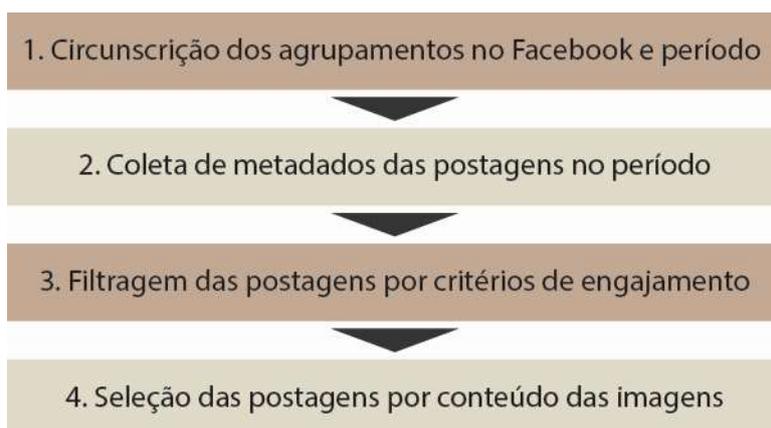


Figura 4 – Delineamento dos procedimentos de coleta

Foram identificados, por um lado, o Movimento QUERO CAIS (QC), um grupo de *Facebook* entendido como favorável ao projeto de reurbanização; e por outro lado as páginas Ocupa Cais Mauá (OC) e Cais Mauá de Todos (CMdT), entendidos como contrários ao projeto. O primeiro grupo, QC, existe desde 2010 como uma comunidade para discutir “assuntos relacionados ao Cais Mauá” (Figura 4). Neste grupo tomaram-se as postagens e suas interações para compor o primeiro conjunto do *corpus* de dados que, pelo menos em uma primeira vista dada à descrição do grupo, se classificaria como de manifestação a favor do projeto Cais Mauá.



Figura 5 – Captura de tela da página do grupo Movimento QUERO CAIS (QC),

Os outros agrupamentos, OC e CMdT, que se poderia classificar como contrários ao projeto Cais Mauá, não se encontram na rede como grupos de *Facebook*, mas como páginas institucionais do tipo comunidade nesta plataforma, criadas para organizar manifestações contrárias à implementação do projeto Cais Mauá. As páginas institucionais não permitem o tipo de interação desejável para esta pesquisa como os grupos de *Facebook*, pois apenas os seus administradores têm plenas permissões para postar. No entanto, estas páginas institucionais podem criar páginas de evento, que têm um funcionamento parecido com grupos no que concerne às possibilidades de interação com as postagens. Aos participantes de uma página de evento é possível criar, comentar e curtir postagens como em grupos. Assim, por analogia (BECKER, 2009 [1970]), esta pesquisa toma as atividades das páginas de eventos destas páginas institucionais como complemento e contraponto àquelas do grupo QC. Na figura 5 se exibem as páginas de eventos mantidas pelo agrupamento OC.



Figura 6 – Captura de tela da página institucional do Ocupa Cais Mauá (OC), com a listagem de páginas de eventos para o ano de 2014

O Ocupa Cais Mauá é o primeiro movimento organizado contrário ao projeto do Cais Mauá que se pode encontrar no *Facebook*. Foram realizados 4 eventos sob esta página, marcados para datas entre 8 de Setembro e 15 de Novembro de 2014. Entre 2014 e 2015 esta página diminuiu suas atividades no *Facebook*, realizando postagens mas não organizando mais quaisquer eventos. A contestação ao projeto Cais Mauá foi retomada pela página Cais Maua de Todos (CMdT), que pode ser verificado na figura 6.

Cais Mauá de Todos
Comunidade

Assistir ao vídeo Curtir Mensagem

Linha do Tempo Sobre Fotos **Eventos** Mais

Eventos 195 assinantes Assinar

PRÓXIMOS EVENTOS

Cais Mauá de Todos não tem nenhum evento próximo.

EVENTOS PASSADOS

30 OUT	ManiFESTA! Por um Cais Mauá de Todos Sex 5 PM · 92 amigos confirmaram presença	Rua General Câmara Porto Alegre
18 SET	Audiência pública do Cais Mauá Sex 6 PM · 75 amigos confirmaram presença	Rua Quintino Bocaiuva, 500...
01 AGO	CAIS MAUÁ DE TODOS - Audiência Pública POPULAR ... Sáb 3 PM · 50 amigos confirmaram presença	Praça Brigadeiro Sampaio Porto Alegre
27 JUN	ARRAIAL DOS VIZINHOS - Encontro dos Vizinhos do C... Sáb 3 PM · 40 amigos confirmaram presença	Praça Brigadeiro Sampaio Porto Alegre
23 MAI	TODOS PELO CAIS: Mobilização + Conexão + Cultura ... Sáb 7 PM · 46 amigos confirmaram presença	Av. Sepúlveda - Porto Alegre
18 ABR	TODOS PELO CAIS = URBANISMO + MÚSICA + ATIVI... Sáb 7 PM · 64 amigos confirmaram presença	AV. Sepúlveda - Porto Alegre
17 ABR	Exposição do projeto MANIFESTO MAUÁ Sex 2 PM · 25 amigos confirmaram presença	Arquitetura da UFRGS
07 ABR	AUDIÊNCIA SOBRE ESPAÇOS PÚBLICOS NA CÂMARA... Ter 3 PM · 13 convidados	Câmara dos Deputados Brasília
13 MAR	TODOS PELO CAIS MAUÁ - LARGO VIVO - Av. Sepúl... Sex 7 PM · 45 amigos confirmaram presença	Avenida Sepúlveda - Centro...

Figura 7 – Captura de tela da página institucional do Cais Mauá de Todos (CMdT), com a listagem de páginas de eventos para o ano de 2015

O Cais Mauá de Todos organizou 9 páginas de eventos com datas entre 13 de Março e 30 de Outubro de 2015. Os organizadores destas duas páginas contrárias ao Cais

Mauá (OC e CMdT) começaram a colaborar para as organizações em 2015⁵. Este fato, junto o fato de não haver sobreposição de página de eventos entre os dois grupos, levou à decisão de tratar o conjunto de páginas de eventos das duas comunidades como um agrupamento, por assumirem posição contrária ao Cais Mauá. O grupo Movimento QUERO CAIS (QC), por sua vez, é tratado como um outro agrupamento oposto. O período de tempo de atividade de interação nos eventos das duas comunidades contrárias ao projeto também levou à definição do intervalo de tempo a ser assumido pela pesquisa para coleta dos dados. A coleta foi realizada na primeira semana de Novembro de 2015 e considerou postagens realizadas em quaisquer dos agrupamentos no intervalo de 14 meses entre Setembro de 2014 (início das atividades do agrupamento contrário ao projeto) até Novembro de 2015 (momento da coleta).

Para a coleta foi utilizada a ferramenta Netvizz (RIEDER, 2013). Esta ferramenta permite capturar de forma automatizada metadados de diversos elementos da plataforma *Facebook*. A ferramenta tem funcionalidades diferentes para elementos diferentes do sistema, e para esta pesquisa foi utilizada a seção que permite capturar dados de postagens em grupos. Durante a realização da pesquisa, o *Facebook* alterou suas regras de privacidade e a ferramenta Netvizz passou a funcionar apenas em grupos com definição de privacidade como grupos públicos. Dada a semelhança de estrutura entre as páginas de eventos e os grupos de Facebook, a mesma seção da ferramenta Netvizz (originalmente projetada para funcionar apenas em grupos) foi capaz de capturar também os dados nas páginas de eventos.

A ferramenta Netvizz produz dados em dois formatos: o primeiro, um formato de redes, capaz de gerar uma representação gráfica da topologia de vínculos; o segundo, na forma de planilhas que relacionam valores quantitativos e de conteúdo, referentes à forma como usuários interagiram com postagens. Este segundo grupo de metadados foi utilizado para a seleção daquelas postagens que apresentassem um grande número de engajamento. O engajamento é a soma dos valores de curtidas, comentários e compartilhamentos de uma determinada postagem. Apenas postagens que apresentassem o compartilhamento de uma imagem foram incorporadas a este filtro. Após esta primeira filtragem, procedeu-

⁵ Informação obtida através de um informante de um dos grupos, durante a etapa de preparo para a pesquisa.

se a uma seleção de postagens com base em seu conteúdo, buscando-se elementos que remetesse a uma disputa pela ideia de cidade, ainda sem ter sido feita a análise destas imagens. Por fim, o conjunto final de postagens consiste de 5 unidades do QC, 2 unidades do OC e 5 unidades do CMdT, tendo uma dessas imagens do CMdT sido compartilhada duas vezes. Buscou-se postagens próximas de períodos de grande atividade, como pode ser visto na figura 7, em que as postagens selecionadas estão dispostas ao longo de uma linha do tempo, junto a um gráfico de engajamento por grupo.

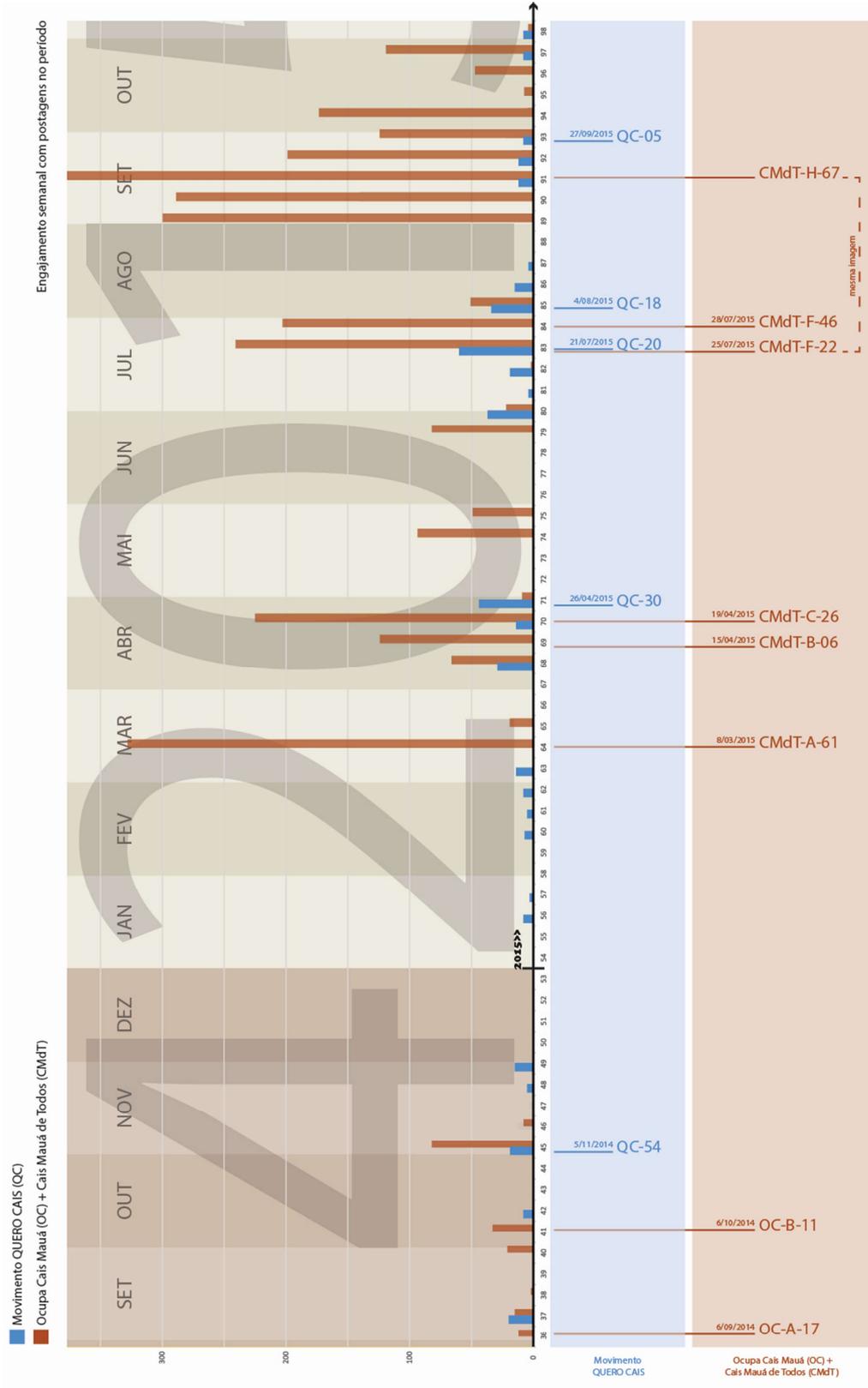


Figura 8 – Engajamento no período e postagens selecionadas dos dois agrupamentos

Cada postagem recebeu um código para identificação dentro da pesquisa. Este código se refere ao conjunto da totalidade de metadados capturados pela ferramenta Netvizz. O código de cada imagem é mantido para fins de identificação. As postagens do Movimento QUERO CAIS recebem o código no formato QC-00, com o número variando, sendo o menor número a postagem mais antiga do período. As postagens do Ocupa Cais Mauá recebem o código OC-A-00, sendo a letra referente ao evento em que foi realizada a postagem e o número referente à idade da postagem, novamente sendo as letras e os números mais baixos referentes aos eventos e postagens mais antigos, respectivamente. Por fim, as postagens do Cais Mauá de Todos seguem a mesma lógica do Ocupa Cais Mauá, trocando-se OC por CMdT, ficando o código das postagens no formato CMdT-A-00.

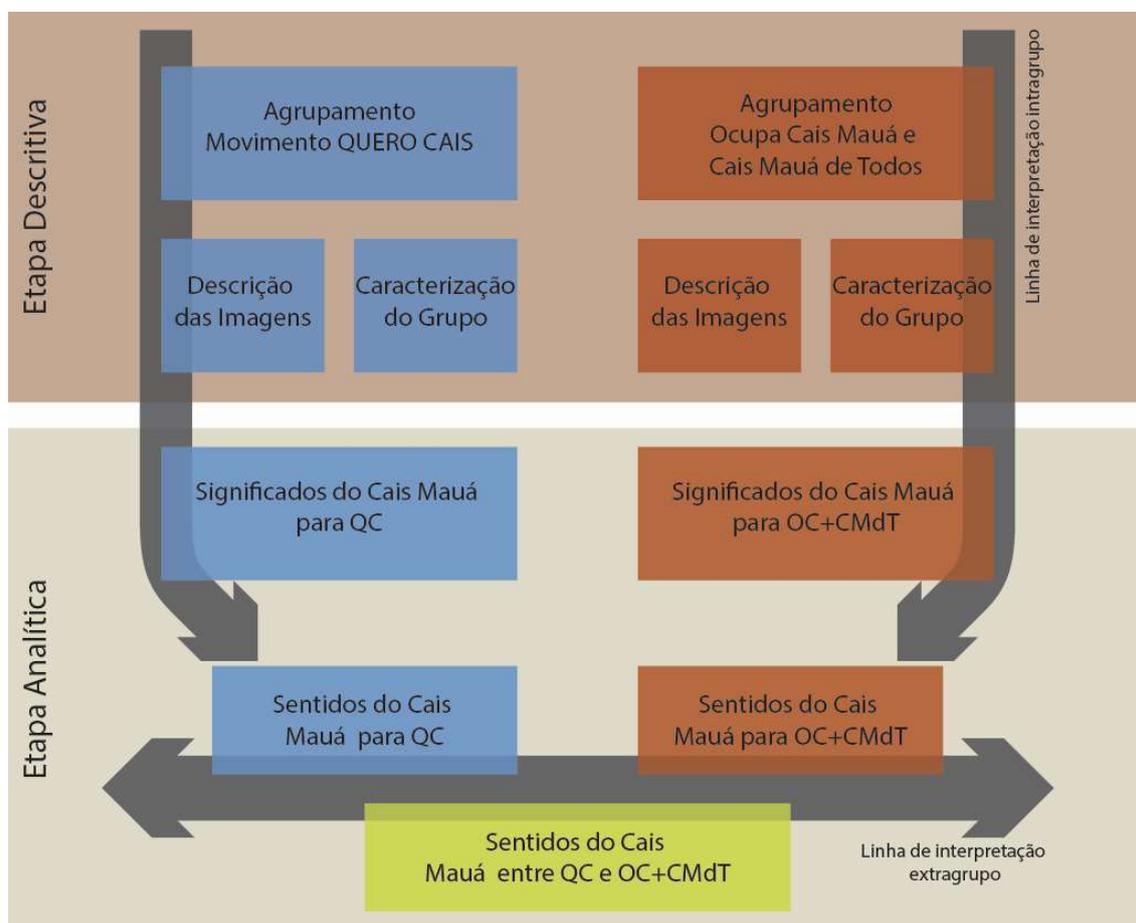


Figura 9 – Delineamento dos procedimentos de descrição e análise

Com a coleta realizada, as imagens foram então divididas em dois conjuntos, um deles referente ao agrupamento QC e o segundo conjunto referente ao agrupamento

OC+CMdT. A realização da pesquisa passa pela descrição e análise destes dois conjuntos, conforme esquema na figura 8. A primeira etapa é a etapa descritiva, e consiste em duas coisas: a descrição das imagens e a caracterização dos agrupamentos baseados não apenas nas imagens das postagens selecionadas, mas também no conteúdo dos comentários destas postagens.

A segunda etapa é analítica, na qual procura-se construir interpretações de significados e sentidos das imagens selecionadas. A primeira linha de interpretação é interna ao grupo em que foram postadas as imagens. Constrói-se então o significado do Cais Mauá e o sentido para cada um dos agrupamentos, considerando-se o contexto de enunciação destas postagens, ou seja, seu agrupamento.

Os agrupamentos de Facebook são tomados como os Sujeitos Discursivos das enunciações em análise, embora seja aqui necessária uma observação. A construção teórica apresentada neste trabalho constitui os contextos de enunciação como abertos, com uma crítica à possível designação de um autor para os discursos. Neste sentido, seria problemática a circunscrição de grupos como Sujeitos Discursivos distintos. A decisão metodológica para tal se deve a elementos da própria empiria, já que é o vínculo de pertencimento a um desses grupos especificamente que serve de dois fios condutores distintos para seleção e análise das postagens, que são produto da interação nestes grupos. A interação, inclusive, é um critério para seleção das postagens que vêm a compor o *corpus* de pesquisa. Assim, o sentido interno das postagens deve ser compreendido como incorporando esta interação. Por fim, se procede ao desenvolvimento de uma linha de interpretação entre os grupos, em que o sentido do Cais Mauá é construído levando-se em conta a relação dialógica entre os discursos dos dois agrupamentos.

3 O CAIS MAUÁ EM IMAGENS E POSTAGENS

Este capítulo apresenta as descrições e análises realizadas em duas partes. O objetivo é construir o signo Cais Mauá⁶. Conforme apresentado na figura 8⁷, as duas partes remetem às linhas de interpretação intragrupo, ou seja, se produz os significados e sentidos a partir da análise das postagens em relação ao próprio agrupamento em que foram compartilhadas. Na última seção do capítulo, que tem caráter de conclusão da pesquisa, se apresenta a linha de interpretação intergrupo, em que se constróem os sentidos que podem ser produzidos pelo confronto dos sentidos produzidos entre os dois agrupamentos considerados.

⁶ A Hermenêutica Dialógica (ARAUJO, GUEDES, *et al.*, 2007) busca construir significados e sentidos dos discursos para distintos Sujeitos Discursivos, um em relação a outro, baseada no princípio dialógico da expectativa de resposta, e posteriormente constrói os significados e sentidos para o analista. Esta não foi a abordagem deste trabalho, que na verdade constrói significados e sentidos apenas na visão do analista. Assim, toma-se como significados aqueles conteúdos construídos intradiscursivamente e como sentidos aqueles conteúdos construídos pela análise conjunta de distintas peças, ou seja, interdiscursivamente. O dialogismo estaria presente, assim, na concepção de que os sentidos não se encontram dados em cada peça discursiva em análise mas são constituídos na relação entre elas.

⁷ Ver página 61

As seções de análise intragrupo tem como organização interna a separação em etapas de descrição das imagens, caracterização dos agrupamentos e análise interna, conforme apresentado no capítulo 2. Aqui se apresentam as descrições das imagens, incluindo os descritores formais e icônicos e uma descrição em texto. Para a caracterização dos grupos, são incorporados os dados textuais dos comentários vinculados às postagens em análise bem como os percursos do conteúdo postado pelo ciberespaço. Pelo percurso entende-se qual a página da Internet que publicou determinado conteúdo originalmente. Para a construção de significados, as imagens são interpretadas como um conjunto e para a construção de sentidos estas são examinadas em relação ao grupo em que foram postadas.

3.1 O CAIS MAUÁ RENOVADO: AGRUPAMENTO MOVIMENTO QUERO CAIS

3.1.1 Descrição das imagens



Figura 10 – QC-54: Armazéns deteriorados do Cais do Porto com cabeço de amarração

QC-54: Armazéns deteriorados do Cais do Porto com cabeço de amarração

Descritores Formais

ABRANGÊNCIA:

Panorâmica Parcial Pontual

ÂNGULO DE VISÃO:

Vertical Horizontal Obliquo

PONTO DE VISTA:

Central Diagonal Descencional Ascencional

EIXOS COMPOSITIVOS:

Perpendicular Diagonal

FORMATO:

Ret. Horizontal Ret. Vertical Quadrado

Descritores Icônicos

Elementos fixos: armazéns do Cais do Porto e cabeço de amarração), edificações comerciais ao fundo

Elementos móveis: mato/capim, cabo de aço

Personagens: -

Funções e atividades: porto de cargas, atividade comercial/escritórios

Localização: plataforma do Cais do Porto, aproximadamente alinhado com a Av. Sepúlveda

Descrição da imagem

A imagem expõe um trecho do Cais do Porto, provavelmente na altura da Av. Sepúlveda pois, como tem a direção visual ao oeste, pode-se ver o prédio de esquina da Caldas Júnior na borda esquerda do quadro. A imagem foi produzida com a câmera a poucos centímetros do chão, estabelecendo uma relação levemente ascencional com o tema fotografado. Os armazéns do Cais do Porto perdem-se em uma perspectiva de ponto de fuga centralizado no enquadramento, ocupando porção da esquerda do quadro, em oposição ao rio Guaíba, que em pequena porção da imagem se vê chegando à linha do horizonte onde encontra uma faixa de terra.

Junto ao rio, na margem do porto que corre na mesma perspectiva de ponto de fuga central, se vê em primeiro plano na imagem e junto à borda direita do quadro um cabeço de amarração em ferro. O cabeço, escuro pela iluminação que vem de trás do objeto de um ponto à direita do quadro, contrasta com o restante da imagem que está bem iluminada. Nos armazéns do Cais nota-se sinais de desgaste, como vidros quebrados. Capim alto é exposto acompanhando a borda do cais, cobrindo parcialmente a visão que se teria dos armazéns.



Figura 11 – QC-30: Pórtico do Cais do Porto com cerca de acesso fechada

QC-30: Pórtico do Cais do Porto com cerca de acesso fechada

Descritores Formais

ABRANGÊNCIA:

Panorâmica Parcial Pontual

ÂNGULO DE VISÃO:

Vertical Horizontal Obliquo

PONTO DE VISTA:

Central Diagonal Descencional Ascencional

EIXOS COMPOSITIVOS:

Perpendicular Diagonal

FORMATO:

Ret. Horizontal Ret. Vertical Quadrado

Descritores Icônicos

Elementos fixos: pórtico do Cais do Porto, cerca/portao de acesso ao Cais, ilhas do estuário

Elementos móveis: -

Personagens: -

Funções e atividades: porto de cargas (armazéns do Cais), controle de acesso, contemplação

Localização: fotografia entre o muro da Mauá e o pórtico do Cais do Porto, alinhado com a Av. Sepúlveda

Descrição da imagem

A imagem foi tomada entre o conjunto de construções do Cais do Porto e o muro da Mauá, próximo do ponto em que a Av. Sepúlveda encontra a Av. Mauá. A composição enquadra em primeiro plano o pórtico do Cais do Porto, elemento construído em aço e vidro, em uma perspectiva ascencional em relação ao observador.

Através do pórtico se vêem os elementos do fundo da imagem: o Rio Guaíba e, na linha do horizonte, parte das ilhas do estuário. O fundo é filtrado por outro elemento em primeiro plano que é a cerca em aço do pórtico, que se encontra fechada. A fotografia é tirada contra a luz do pôr-do-sol, embora o sol não seja visível no quadro; o pôr-do-sol. Por esta razão o primeiro plano encontra-se escuro, enquanto o fundo é iluminado.



Figura 12 – QC-20: Maquete digital Viva Cais da área junto ao Rio Guaíba

QC-20: Maquete digital Viva Cais da área junto ao Rio

Descritores Formais

ABRANGÊNCIA:

Panorâmica Parcial Pontual

ÂNGULO DE VISÃO:

Vertical Horizontal Obliquo

PONTO DE VISTA:

Central Diagonal Descencional Ascencional

EIXOS COMPOSITIVOS:

Perpendicular Diagonal

FORMATO:

Ret. Horizontal Ret. Vertical Quadrado

Descritores Icônicos

Elementos fixos: armazéns do Cais do Porto renovados, guias do porto, edificações e vegetação ao fundo, guarda-corpo, bancos, poste de iluminação

Elementos móveis: mesas de bar

Personagens: usuários do espaço, famílias, crianças, casais, ciclista

Funções e atividades: porto de cargas desativado (armazéns do Cais), atividade comercial (armazéns renovados), passeio, contemplação

Localização: plataforma do Cais do Porto, entre o rio Guaíba e os armazéns do Cais

Descrição da imagem

A imagem é uma maquete digital, gerada por computador, e retrata o projeto proposto para o Cais do Porto entre os armazéns e o Rio Guaíba. A composição acentua o comprimento do complexo pela perspectiva com um ponto de fuga, deslocado ao terço da direita da imagem. À direita estão a água e uma fonte de luz que remete ao pôr-do-sol.

Pelo trecho entre os armazéns e a água circulam diversas pessoas. Entrando no quadro pela esquerda está um ciclista. Ao fundo aparecem as guias desativadas do Cais do Porto e, por trás dos armazéns, alguns edifícios. Os armazéns aparecem a partir do conjunto que tem o pórtico em direção ao leste e recebem iluminação direta, refletindo nos vidros das grandes aberturas o pôr-do-sol.



Figura 13 – QC-18: Maquete digital Viva Cais do pórtico do Cais Mauá

QC-18: Maquete digital Viva Cais do pórtico do Cais Mauá

Descritores Formais

ABRANGÊNCIA:

Panorâmica Parcial Pontual

ÂNGULO DE VISÃO:

Vertical Horizontal Obliquo

PONTO DE VISTA:

Central Diagonal Descencional Ascencional

EIXOS COMPOSITIVOS:

Perpendicular Diagonal

FORMATO:

Ret. Horizontal Ret. Vertical Quadrado

Descritores Icônicos

Elementos fixos: armazéns do Cais do Porto renovados, portão de acesso, muro da Mauá, grua do Porto, canteiros, ilhas do estuário

Elementos móveis: -

Personagens: usuários do espaço, família, ciclista

Funções e atividades: porto de cargas desativado (armazéns do Cais), atividade comercial (armazéns renovados), passeio

Localização: fotomontagem entre o muro da Mauá e o pórtico do Cais do Porto, alinhado com a Av. Sepúlveda

Descrição da imagem

A imagem, uma maquete digital, expõe a via que existe entre os armazéns do Cais do Porto e o muro da Mauá.  uma composição de perspectiva acentuada do conjunto via-armazéns com ponto de fuga próximo do limite esquerdo da imagem. O limite esquerdo é enquadrado pelo que parece ser o muro da Mauá. Ao longo da via se pode ver um par de trilhos no chão de paralelepípedos.

Como tema, a imagem parece apresentar os armazéns do Cais do Porto com o pórtico do Cais como elemento central. Por um pequeno trecho se visualiza ao fundo o Rio Guaíba. As portas dos armazéns do Cais estão todas abertas. Nesta via estão diversas pessoas desempenhando diversas atividades; no centro da imagem se encontra um ciclista que se direciona à direita da imagem. O observador visualiza a cena por cima de um canteiro de plantas roxas próximo ao ponto do observador.

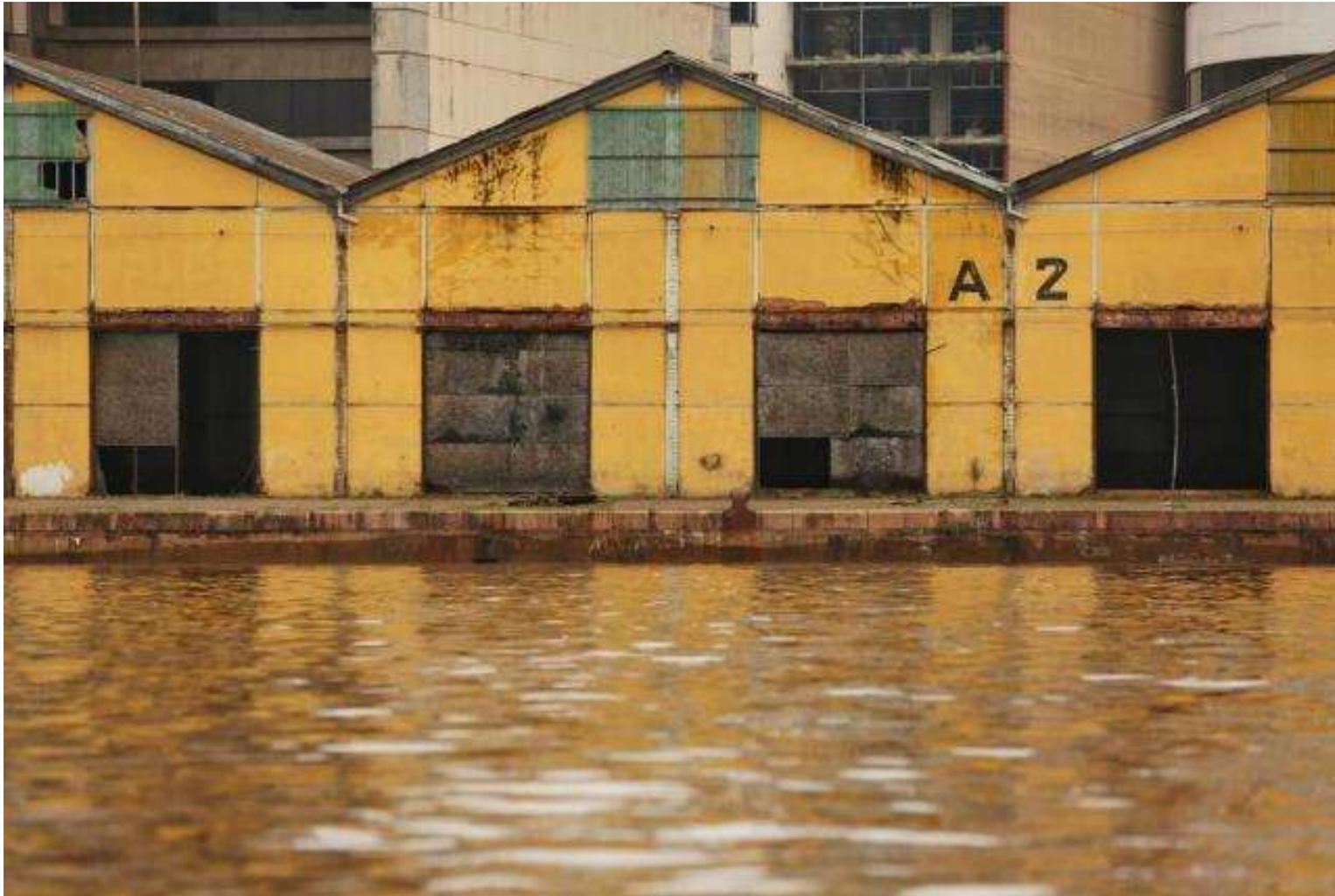


Figura 14 – QC-05: Vista do rio para o armazém A2 com portas danificadas

QC-05: Vista do rio para o armazém A2 com portas danificadas

Descritores Formais

ABRANGÊNCIA:

Panorâmica Parcial Pontual

ÂNGULO DE VISÃO:

Vertical Horizontal Obliquo

PONTO DE VISTA:

Central Diagonal Descencional Ascencional

EIXOS COMPOSITIVOS:

Perpendicular Diagonal

FORMATO:

Ret. Horizontal Ret. Vertical Quadrado

Descritores Icônicos

Elementos fixos: armazéns do Cais do Porto com sinais de deterioração, edificações comerciais ao fundo

Elementos móveis: -

Personagens: -

Funções e atividades: porto de cargas (armazéns do Cais), atividade comercial/escritórios

Localização: fotografia a partir do rio Guaíba, distante do objeto retratado (armazém A2 do Cais do Porto), aproximadamente alinhado com a rua General João Manoel

Descrição da imagem

Exposta na imagem está parte do armazém A2 do Cais do Porto de Porto Alegre vista a partir do rio. Ocupando quase toda a metade inferior da imagem está a lâmina de água do rio, com poucas ondulações e saindo de foco conforme se aproxima do fotógrafo.

O tema central da imagem, os armazéns, são expostos sem distorção geométrica. Os armazéns apresentam marcas de deterioração, com manchas nas paredes, portas e placas que cobrem as janelas com pedaços faltando e capim crescendo na base da edificação. Através das aberturas mal cobertas dos armazéns é exposto o interior escuro. Ao fundo, atrás dos armazéns, vê-se em detalhe alguns prédios da cidade.

3.1.2 Sobre o grupo QC

Em relação as imagens selecionadas dentre as postadas neste grupo, há duas imagens de tipo jornalístico, tendo sido compartilhadas a partir de sites dos jornais Jornal do Comércio (QC-54) e Zero Hora (QC-05), e uma das imagens tem caráter de registro artístico (QC-30). Duas imagens são de publicidade, do empreendimento Cais Mauá (QC-20 e QC-18), sendo imagens geradas por computador e não fotografias. A notícia do Jornal do Comércio faz uma crítica à situação de abandono do Cais e do atraso nas realizações das obras de renovação da área. A notícia do jornal Zero Hora, de título “O que prevê o projeto de revitalização do Cais Mauá e quem está contra” (ZERO HORA, 2014), explica o ponto do que chama de “expoentes da comunidade cultural do Estado” (Ibid.), contrários à “exploração imobiliária e comercial que consideram excessiva”.

Em relação aos comentários postados pelos participantes do grupo, pode ser traçada uma divisão entre dois pensamentos, que debatem entre si, que constroem ideias plurais acerca dos diversos agentes que aparecem como álteres dos discursos; um destes pensamentos se poderia dizer mais favorável ao mercado e à exploração comercial, enquanto o outro pensamento se apresenta como crítico à exploração mercadológica e ao projeto apresentado para o Cais. Utiliza-se os termos de um dos comentários nas postagens para classificar estes pensamentos: o primeiro pensamento é o dos “inovadores”, enquanto o segundo é o da “vanguarda do atraso”, segundo o seguinte comentário de um dos inovadores:

DEBATE (QUASE) INTERMINÁVEL ENTRE VANGUARDA DO
ATRASO E INOVADORES EM POA
AGORA SOBRE O CAIS * (...)

Comentário em QC-05

Assim, pode-se afirmar que os inovadores constroem esta vanguarda do atraso como pessoas resistentes ao progresso e atrasados. Em comentários, usam os termos “esquerdismo militante” (comentário sobre QC-30). Já estes classificados como vanguarda do atraso se referem aos inovadores como “arcaicos” (comentário sobre QC-20), defensores de um projeto de conceitos ultrapassados. Ambos os discursos constroem seus interlocutores como atrasados no tempo, de alguma forma, e se consideram contemporâneos ou modernos.

O Estado aparece nos comentários como álter do discurso dos inovadores, como um dos obstáculos ao progresso, sendo um dos responsáveis pelo atraso no processo de

implementação do projeto Cais Mauá. Aparece aqui uma rejeição à estatização, com referências ao excesso de burocracia e problemas de gestão (comentários em QC-54). Os inovadores constroem também como áter de valor positivo a iniciativa privada, na forma dos empreendedores do projeto Cais Mauá, dispostos a gastar 700 milhões de reais (comentários sobre QC-20) como investimento para qualificar a área.

A vanguarda do atraso constrói como áter também a iniciativa privada, porém com um valor negativo, à qual remete uma ideia de modelo de progresso anacrônico e ultrapassado. Como símbolos desta ideia, são apresentados nos comentários o carro (comentários sobre QC-18) e o shopping center (comentários sobre QC-5, QC-20 e QC-30).

3.1.3 Produção de significados e sentidos: O Cais Mauá para o Movimento QUERO CAIS

Para a construção do signo Cais Mauá para o grupo QC, remete-se primeiramente à tabela 1, que traz uma síntese dos descritores icônicos das imagens compartilhadas por este grupo. Em termos de objeto, elemento do signo que designa um referente no mundo, as imagens apresentam todas, em comum, ou os armazéns do Cais do Porto ou o pórtico do Cais, ou seja, elementos construídos deste conjunto. Em termos de localização geográfica, todas as imagens também estabelecem esta região da cidade material em comum. Outros objetos designados, como o cabeço de amarração e as gruas, são elementos que compõe o conjunto do equipamento Cais do Porto, enquanto aparecem ainda os elementos Rio Guaíba e alguns edifícios como constituindo um contexto para o Cais.

Em termos de significados, estas imagens constróem um Cais do Porto como um espaço de algumas funções que podem ser delineadas. A primeira destas é como um espaço de atividades portuárias. Esta função está retratada na presença dos armazéns e outros objetos que remetam a esta função de porto de cargas, como o cabeço de amarração da imagem QC-54. Em algumas imagens esta função é retratada como obsoleta,

degradada e inativa, apresentando os elementos que remetem a ela com sinais de avarias⁸ ou tomados por vegetação⁹.

	QC-54	QC-30	QC-20	QC-18	QC-05
Elementos fixos	Armazéns, cabeço, edifícios	Pórtico do Cais, cerca, ilhas do Guaíba	Armazéns renovados, Pórtico, guias, edificações e vegetação, mobiliário	Armazéns renovados, Pórtico, grua, muro da Mauá, canteiros, ilhas	Armazéns deteriorados, edifícios
Elementos móveis	Mato	–	Mesas de bar	–	–
Personagens	–	–	usuários do espaço, famílias, casais, ciclista	usuários do espaço, famílias, ciclista	–
Funções/ Atividades	Porto de cargas desativado, comercial/escritórios	Porto de cargas desativado, controle de acesso	Porto de cargas desativado, comercial (armazéns renovados), passeio, contemplação	Porto de cargas desativado, comercial (armazéns renovados), passeio	Porto de cargas desativado, comercial/escritórios
Localização	Plataforma do Cais do Porto	Cais do Porto entre muro da Mauá e Pórtico	Plataforma do Cais	Cais do Porto entre muro da Mauá e Pórtico	Rio Guaíba, olhando para o Cais do Porto

Tabela 1 - Sistematização dos descritores icônicos para o agrupamento QC

A segunda função que se constrói é a de passeio e consumo. Em duas imagens¹⁰ há um uso ativo do espaço, marcado pela presença de personagens nas imagens. Estes estão fazendo uso de um espaço renovado, em que há uma oferta de serviços, ainda que indefinidos.

⁸ Imagens QC-54 e QC-05

⁹ Imagem QC-54

¹⁰ Imagens QC-20 e QC-18

Em todas estas funções está presente a ideia do Cais do Porto como um espaço de relação com o Rio Guaíba ou com a paisagem por ele oferecida. Primeiramente a relação é para fins de comércio, na função de porto de cargas, mas também é estabelecida uma relação de contemplação. Esta é marcada pela presença do pôr-do-sol, que aparece na imagem QC-30 como um pano de fundo e na imagem QC-20 como sendo contemplado por frequentadores do espaço.

Em relação ao sentido produzido pela leitura das imagens, são produzidos pares de sentidos positivos ou negativos: a fruição da paisagem contra a negação desta fruição; a ausência de quaisquer atividades contra o uso efetivo do espaço e a degradação contra a renovação.

Tendo como pano de fundo para a interpretação a caracterização do grupo QC como um grupo que demanda uma renovação da área do Cais do Porto na forma do projeto Cais Mauá, é ressaltado o sentido positivo da relação com o Rio Guaíba como um dos motivos para essa renovação. Na imagem QC-30, do Pórtico do Cais do Porto contra o fundo em que aparece o rio Guaíba e parte das ilhas ao horizonte, a cor alaranjada remete de pronto ao pôr-do-sol do Guaíba, um símbolo cultural popularmente reconhecido como um dos valores da cidade. A paisagem natural e o elemento pôr-do-sol são apresentados aqui com um sentido positivo, expresso no comentários nesta imagem. Este aspecto positivo é retomado na imagem QC-20, em que o pôr-do-sol é utilizado como elemento para atribuir valor ao espaço retratado nesta imagem gerada por computador.



Figura 15 – Imagens QC-30 e QC-20 colocando o pôr-do-sol como atribuindo um sentido positivo ao espaço

O Cais Mauá se constitui então como um possibilitador da prática deste espaço de relação com a paisagem natural e com o pôr-do-sol, na sua forma renovada nas imagens QC-20 e QC-18, e por vezes colocando-se como obstáculo: nas outras imagens do conjunto¹¹ pode ser lido este papel de separação que o Cais pode cumprir. Na imagem QC-30, o fundo em que figura o pôr-do-sol está filtrado pelos elementos do Pórtico e cercas do Cais; na imagem QC-54, o cabeço de amarração ocupa uma grande parcela do primeiro plano, obstruindo a visão que o observador poderia estabelecer com o rio que está por trás do cabeço; e na imagem QC-05 o conjunto de edificações do Cais é o plano intermediário entre o rio, no primeiro plano, e a cidade, que é plano de fundo. Nestes elementos que se colocam como anteparos de controle pode-se ler a significação do governo, que é tratado nos comentários como apresentando problemas de gestão do espaço do Cais do Porto:

E olha que a Governadora Yeda Crusius deixou tudo assinado.
estou começando achar que o problema êh de gestão...

Comentário em QC-54

Contra estes significantes as imagens constroem uma relação de incapacidade de ação, presente na relação ascencional com o tema retratado nas imagens QC-54 e QC-30 e no travamento da imagem oferecido pela ausência de dinamismo que há na falta de distorção geométrica da imagem QC-05. Este sentido negativo dado aos elementos do Cais do Porto é reforçado pelo comentário acima.

¹¹ Imagens QC-54; QC-30 e QC-05

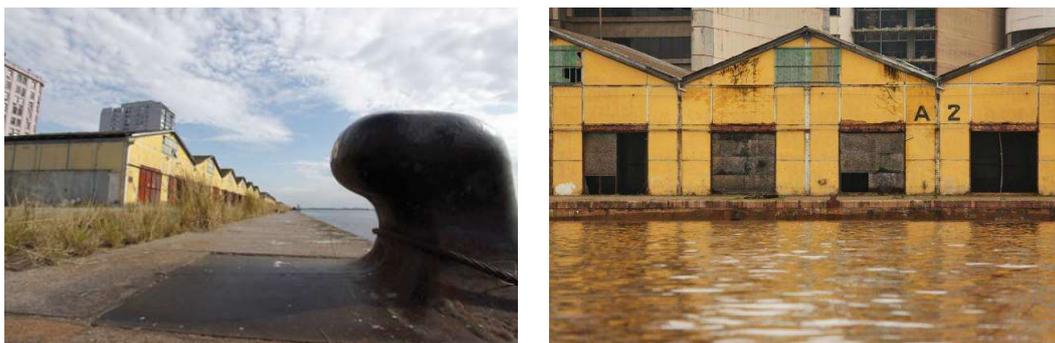


Figura 16 – Nas imagens QC-54 e QC-05 os elementos do Cais do Porto se colocam como obstruções à fruição da paisagem

As únicas imagens que apresentam uma utilização explícita do espaço são as geradas por computador retratando o projeto Cais Mauá¹², enquanto nas fotografias, que são as demais imagens, não há a presença de qualquer personagem no quadro. As imagens geradas por computador, em se tratando de imagens de projeto, reforçam o desejo pela viabilização do uso do espaço do Cais. Este uso é retratado como sendo praticado por uma diversidade de pessoas e produto da renovação do complexo construído do Cais. Levando-se em consideração as características deste agrupamento, se está construindo a ideia de que a renovação proporcionada pela iniciativa privada garantiria o retorno do uso do Cais a população, entendida de forma genérica mas carregando aqui uma ideia de inclusividade dada a diversidade dos personagens expostos nas imagens. As atividades desempenhadas também são entendidas como diversas, constando nos comentários das postagens as atividades de lazer, recreação, cultura e comércio.

Em síntese, o Cais Mauá para QC é um espaço obsoleto e degradado, portanto com um sentido negativo, com sua função de porto sendo um obstáculo ao seu potencial de um espaço de contemplação e passeio que poderia ser proporcionado pela empresa responsável pelo projeto de renovação. Embora em análise puramente visual prevaleça o sentido positivo da intervenção de renovação, em se levando em conta o contexto de comentários do grupo, o sentido é tomado como plural e contraditório. A gestão do espaço por uma empresa passa a carregar então também sentidos negativos como o de exploração econômica e desrespeito ambiental, marcado pela crítica a derrubada de árvores em comentário em QC-20.

¹² Imagens QC-20 e QC-18

3.2 O CAIS MAUÁ DA CULTURA URBANA: AGRUPAMENTO OCUPA CAIS MAUÁ/CAIS MAUÁ DE TODOS

3.2.1 Descrição das imagens



Figura 17 – OC-A-17: Manifestação Ocupa Cais Mauá na praça de acesso à Estação Mercado

OC-A-17: Manifestação Ocupa Cais Mauá na praça de acesso à Estação Mercado

Descritores Formais

ABRANGÊNCIA:

Panorâmica Parcial Pontual

ÂNGULO DE VISÃO:

Vertical Horizontal Obliquo

PONTO DE VISTA:

Central Diagonal Descencional Ascencional

EIXOS COMPOSITIVOS:

Perpendicular Diagonal

FORMATO:

Ret. Horizontal Ret. Vertical Quadrado

Descritores Icônicos

Elementos fixos: largo, armazéns do Cais do Porto, estação Mercado do Trensurb, arco da estação Mercado, acesso à estação do Travessia Guaíba, edificações, paradas de ônibus, postes de iluminação

Elementos móveis: ônibus, carros, bicicletas, faixa “#OcupaCaisMauá”

Personagens: manifestantestantes, usuários de ônibus

Funções e atividades: porto de cargas desativado (armazéns do Cais), transporte público (trem, ônibus, hidroviário), atividade comercial/escritórios, manifestação pública

Localização: fotografia sobre o arco de acesso da Estação Mercado do Trensurb, visualizando a praça de acesso à estação

Descrição da imagem

Esta imagem expõe em cena um dos encontros em espaço público organizado por um dos grupos que compõe movimento de contestação ao projeto do Cais Mauá, o Ocupa Cais Mauá. Trata-se de uma fotografia em horário noturno, iluminada pelas lâmpadas ora amareladas ora branco-azuis da iluminação pública. A cena, que se passa na região central de Porto Alegre, na praça aberta sobre o acesso da Estação Mercado do Trensurb, o metrô da região metropolitana da cidade. A cena é exposta a partir da posição do fotógrafo que encontra-se sobre uma grande estrutura de concreto em formato de arco que dá acesso à estação. Desta posição, se vê uma cena de reunião ao ar livre de várias pessoas em frente ao acesso ao sistema de transporte hidroviário Travessia Guaíba. Em uma pequena edificação, uma faixa roxa pendurada onde se lê “#OcupaCaisMauá” compete com as placas de sinalização de acesso. Próximas a esta pequena edificação, também no fundo da imagem, podem-se ver algumas bicicletas.

Ao fundo à esquerda, algumas pessoas esperam nas paradas de ônibus do conjunto do terminal, e um ônibus encontra-se na parada. Ao fundo à direita pode-se ver a Avenida Mauá e, atrás dela, iluminada, a estação do Trensurb. Ainda atrás do trem, quase que completamente escuros, se podem ver os armazéns do Cais do Porto. Toda a cena é observada por algumas pessoas em primeiro plano, de costas para o fotógrafo e escuras por se encontrarem contra a luz, sentadas à beira do arco de concreto.



Figura 18 – OC-B-11: Fotografia aérea envelhecida do centro de Porto Alegre

OC-A-17: Manifestação Ocupa Cais Mauá na praça de acesso à Estação Mercado

Descritores Formais

ABRANGÊNCIA:

Panorâmica Parcial Pontual

ÂNGULO DE VISÃO:

Vertical Horizontal Obliquo

PONTO DE VISTA:

Central Diagonal Descencional Ascencional

EIXOS COMPOSITIVOS:

Perpendicular Diagonal

FORMATO:

Ret. Horizontal Ret. Vertical Quadrado

Descritores Icônicos

Elementos fixos: chaminé da Usina do Gasômetro, edificações (armazéns e administrativas) do Cais do Porto, edificações da região central de Porto Alegre, margem oeste do Rio Guaíba

Elementos móveis: -

Personagens: -

Funções e atividades: porto de cargas (armazéns do Cais), atividades urbanas, geração de energia termoeleétrica

Localização: ponta oeste da cidade de Porto Alegre

Descrição da imagem

Esta imagem é uma fotografia aérea da região central da Cidade de Porto Alegre. Data, provavelmente, do fim da década de 60 ou início da década de 70, pelas características do suporte e por na imagem se ver a chaminé da Usina Termoeleétrica do Gasômetro ainda em funcionamento, sendo que este equipamento foi desativado na década de 1970.

A porção oeste da cidade de Porto Alegre é retratada vista a partir do norte. Pode ser visto mais a frente o Cais do Porto, desde os armazéns a leste até a quase o limite da ponta, com a chaminé da Usina sendo um dos últimos elementos visíveis. A cidade é retratada nesta imagem cercada por água. No primeiro plano da imagem a parte do Rio Guaíba a norte da cidade, e ao fundo da imagem a parte a oeste da cidade. O porto em primeiro plano é composto por atracadouros e construções relativamente baixas, em comparação à cidade que se ergue vertical e ocupa boa parte da imagem.



Figura 19 – CMdT-A-61: Foto em preto e branco da plataforma do Cais e armazéns

CMdT-A-61: Foto em preto e branco da plataforma do Cais e armazéns

Descritores Formais

ABRANGÊNCIA:

Panorâmica Parcial Pontual

ÂNGULO DE VISÃO:

Vertical Horizontal Obliquo

PONTO DE VISTA:

Central Diagonal Descensional Ascensional

EIXOS COMPOSITIVOS:

Perpendicular Diagonal

FORMATO:

Ret. Horizontal Ret. Vertical Quadrado

Descritores Icônicos

Elementos fixos: armazéns do Cais do Porto, postes de iluminação, guarda-corpos, cabeços de amarração, plataforma do Cais, edifício residencial

Elementos móveis: -

Personagens: -

Funções e atividades: porto de cargas desativado (armazéns do Cais), residência (edifício)

Localização: plataforma do Cais do Porto, entre os armazéns e o Rio Guaíba, direção a oeste

Descrição da imagem

Esta imagem é uma fotografia em preto e branco, em que o fotógrafo estava localizado próximo à margem com a água no Cais do Porto, aproximadamente em frente ao Portal do Cais Mauá, localizado à altura da Av. Sepúlveda, e direcionando a câmera para o oeste. Assim, a imagem apresenta uma perspectiva acentuada composta pelos armazéns do Cais à esquerda, toda a plataforma do atracadouro e, chegando ao limite da direita da imagem, à borda da plataforma, ao longo da qual correm alguns cabeços de amarração, e a um trecho do Rio Guaíba. Próxima à borda da plataforma e paralela a esta, mas ainda à esquerda do ponto de fuga, corre uma linha de guarda-corpos intercalados com postes de iluminação.

O ponto de fuga da perspectiva encontra-se deslocado ao centro do terço direito da imagem e a linha do horizonte levemente abaixo do centro da imagem. Ao fundo da imagem, no horizonte, se vê a margem oposta a oeste do Guaíba. O céu se encontra cheio de nuvens, através das quais pequenos pedaços do céu são visíveis. A relação entre estes dois elementos é pronunciada pelo alto contraste proporcionado pelo filtro colorido.



Figura 20 – CMdT-B-06: Maquete digital de projeto acadêmico para o Cais do Porto

CMdT-B-06: Maquete digital de projeto acadêmico para o Cais do Porto

Descritores Formais

ABRANGÊNCIA:

Panorâmica Parcial Pontual

ÂNGULO DE VISÃO:

Vertical Horizontal Obliquo

PONTO DE VISTA:

Central Diagonal Descencional Ascencional

EIXOS COMPOSITIVOS:

Perpendicular Diagonal

FORMATO:

Ret. Horizontal Ret. Vertical Quadrado

Descritores Icônicos

Elementos fixos: rua, calçadas com passeios, mobiliário urbano (postes e fradinhos), armazéns do Cais, guas, árvores, canteiros, escultura, edifícios, decks

Elementos móveis: automóveis, mesas de bar com guarda-sóis, texto sobre a imagem

Personagens: -

Funções e atividades: porto de cargas desativado, atividades de bar, transporte e circulação, passeio

Localização: Avenida Mauá

Descrição da imagem

Esta imagem é uma maquete digital de autoria de Maria Helena Cavalheiro, para trabalho de conclusão de curso de arquitetura que propunha um projeto de requalificação para o Cais do Porto. A imagem é uma perspectiva descencional da Av. Mauá requalificada. À esquerda do quadro se vê a água do Rio Guaíba e os armazéns do Cais do Porto. À direita há alguns edifícios sem definição na maquete.

Ao longo da beira do Rio, entre a água e os armazéns, se podem ver um pouco das guas desativadas do porto e decks que avançam sobre a água com mesas de bar e guarda-sóis. A avenida Mauá tem um passeio central largo entre suas duas pistas de rolamento. Este passeio é dotado de canteiros com árvores e mobiliário urbano. Em um espaço central deste passeio há uma escultura em formato de cubo. Nas pistas de rolamento, que não parecem pavimentadas com asfalto, se vêem automóveis.

Sobre a imagem, há os textos de informação sobre o evento de exposição pública do projeto e o logo do Cais Mauá de Todos.



Figura 21 – CMdT-C-26: Apresentação pública de projeto para requalificação do Cais do Porto

CMdT-C-26: Apresentação pública de projeto para requalificação do Cais do Porto

Descritores Formais

ABRANGÊNCIA:

Panorâmica Parcial Pontual

ÂNGULO DE VISÃO:

Vertical Horizontal Obliquo

PONTO DE VISTA:

Central Diagonal Descencional Ascencional

EIXOS COMPOSITIVOS:

Perpendicular Diagonal

FORMATO:

Ret. Horizontal Ret. Vertical Quadrado

Descritores Icônicos

Elementos fixos: rua, faixa de segurança, edifício da Junta Comercial do RS, final dos trilhos do Trensurb, acesso ao Cais do Porto, postes de iluminação

Elementos móveis: equipamento de projeção audiovisual, bicicletas, cavalete da Empresa Pública de Circulação e Transportes, bicicleta, estrutura temporária de cobertura, automóvel

Personagens: palestrante, fotógrafo, público assistindo

Funções e atividades: junta comercial, transporte público (trem), apresentação pública, circulação urbana (vias)

Localização: Av. Sepúlveda, entre a R. Siqueira Campos e a Avenida Mauá

Descrição da imagem

Esta imagem expõe um evento ao ar livre em horário noturno na Avenida Sepúlveda. O evento trata-se de uma apresentação audiovisual a um grande público: à esquerda na imagem se vê equipamentos de reprodução de áudio e projeção, que projeta um slide digital em uma tela de armar, e uma mulher falando a um microfone. Ocupando o terço da direita da imagem, principalmente, um grande público em semicírculo assiste a apresentação, estando em sua grande maioria de pé.

Este evento está exposto em uma fotografia de grande angular, tendo seu eixo focal perpendicular ao eixo da rua em que está ocorrendo. À esquerda do quadro, que é um retângulo largo, se vê a Avenida Mauá e, além desta no escuro, o Cais Mauá. Ao fundo da imagem o antigo prédio dos Correios e Telégrafos, hoje o Memorial do Rio Grande do Sul. A Av. Sepúlveda é pavimentada com paralelepípedo, e as ruas se encontram sem carros exceto por um carro ao fundo do quadro na Avenida Mauá. Na esquina das duas avenidas, uma bicicleta encontra-se presa a um poste de iluminação.



Figura 22 – CMdT-F-22; CMdT-H-67: Fotomontagem de área de Shopping sobre foto do Gasômetro

CMdT-F-22; CMdT-H-67: Fotomontagem de área de Shopping sobre foto do Gasômetro

Descritores Formais

ABRANGÊNCIA:

Panorâmica Parcial Pontual

ÂNGULO DE VISÃO:

Vertical Horizontal Obliquo

PONTO DE VISTA:

Central Diagonal Descencional Ascencional

EIXOS COMPOSITIVOS:

Perpendicular Diagonal

FORMATO:

Ret. Horizontal Ret. Vertical Quadrado

Descritores Icônicos

Elementos fixos: armazéns do Cais do Porto, Av. João Goulart, Praça Brigadeiro Sampaio, Museu do Trabalho, edifícios residenciais

Elementos móveis: automóveis, navio, texto sobre a imagem, polígono sobre a imagem

Personagens: manifestantestantes, usuários de ônibus

Funções e atividades: porto de cargas desativado (armazéns do Cais), usina desativada, centro cultural (Usina requalificada), centro de compras (texto)

Localização: ponta do Gasômetro, oeste do centro de Porto Alegre

Descrição da imagem

Esta imagem é uma fotomontagem digital sobre uma fotografia aérea de uma área do centro de Porto Alegre. A fotografia, a partir do norte, exhibe os últimos armazéns do Cais Mauá em direção à Ponta do Gasômetro, em primeiro plano. Se vê a ponta cercada ao oeste pelas águas do Guaíba, e a Usina do Gasômetro, com sua chaminé quase tocando a borda superior do quadro. Vê-se o momento em que a Av. Mauá torna-se a Av. João Goulart, e parte da praça Brigadeiro Sampaio, onde entre as árvores se pode ver um pouco da cobertura do Museu do Trabalho. Atrás deste, os prédios altos do fim da Andradas. Ao longe, nas águas do Guaíba, um navio trafega em direção ao norte, direita da imagem.

Sobre a imagem foram adicionados, por computador, letreiros com os seguintes dizeres:

“Em breve, Shopping aqui!
Últimos dias!
Socorro!!!”

No canto inferior direito, a imagem símbolo do movimento Cais Mauá de Todos também foi adicionada. Um grande polígono de cor cinza escura foi colocado sobre uma grande área na ponta da cidade, cobrindo o último dos armazéns e chegando até a cobrir parte da Usina do Gasômetro.



Figura 23 – CMdT-F-46: Apresentação musical à noite na rua, com pessoas assistindo

CMdT--F-46: Apresentação musical à noite na rua, com pessoas assistindo

Descritores Formais

ABRANGÊNCIA:

Panorâmica Parcial Pontual

ÂNGULO DE VISÃO:

Vertical Horizontal Obliquo

PONTO DE VISTA:

Central Diagonal Descencional Ascencional

EIXOS COMPOSITIVOS:

Perpendicular Diagonal

FORMATO:

Ret. Horizontal Ret. Vertical Quadrado

Descritores Icônicos

Elementos fixos: rua, faixa de segurança, edifícios, poste de iluminação

Elementos móveis: equipamento de som, bandeira

Personagens: músico com violão (Nei Lisboa), público de jovens e adultos (uma criança)

Funções e atividades: apresentação de música, manifestação, circulação urbana (vias)

Localização: Av. Sepúlveda, quase esquina com Mauá, em frente ao prédio do SINE

Descrição da imagem

Esta imagem é uma fotografia noturna de uma apresentação musical noturna na rua. O tema central é composto por um músico (Nei Lisboa) localizado no terço direito do quadro, tocando um violão e cantando ao microfone, de frente para a esquerda do quadro, onde um grande público de pessoas assiste à apresentação disposto em semi-círculo. O público é composto de jovens e adultos e se pode ver uma criança. As primeiras filas estão sentadas, enquanto o restante das pessoas assiste de pé. Em primeiro plano na esquerda da imagem, um homem faz um retrato do músico com um aparelho celular.

O fundo da cena é composto por dois edifícios institucionais; o edifício neoclássico da Inspetoria do Estado, e um edifício moderno da ONG SINE. A rua é pavimentada com paralelepípedo e se pode ver parte de uma faixa de segurança, sobre a qual se localiza o músico. A cena é iluminada por um poste de iluminação pública moderno, ao lado do qual se vê um poste de iluminação antigo desativado.

3.2.2 Sobre o grupo OC+CMdT

As imagens do agrupamento OC+CMdT tem origem e linguagem diversa. Entre as imagens, estão três fotografias tiradas por participantes durante eventos na rua, uma maquete digital de caráter acadêmico, uma fotografia antiga, uma fotografia de caráter de registro/artística e uma montagem sobre fotografia aérea. Duas destas imagens apresentam letreiros sobre elas, se configurando então como imagens destinadas a comunicação; a imagem CMdT-B-06 tem o intuito de divulgar um evento em que um projeto alternativo para o Cais do Porto seria apresentado, enquanto a imagem CMdT-F-22/H-67 tem o intuito de alertar e fazer campanha contra a proposta do projeto Cais Mauá de implementar um Shopping Center na ponta do complexo do Cais do Porto, junto à Usina do Gasômetro.

A partir das informações nas páginas institucionais do Ocupa Cais Mauá e do Cais Mauá de Todos, poderia se afirmar que o agrupamento assume uma posição contrária ao projeto do Cais Mauá. Existem no entanto manifestações favoráveis ao projeto Cais Mauá dentro deste agrupamento. Um comentário que qualifica expressamente noções de visões distintas dentro do agrupamento. Em CMdT-F-22, o comentário critica a posição contrária ao projeto Cais Mauá, posição esta que o autor do comentário remete a ambientalistas e para a qual os favoráveis ao projeto Cais Mauá, então um álder do discurso, seriam uma elite.

A maior parte dos comentários assumem uma crítica ao consumismo na forma do Shopping Center que o projeto Cais Mauá propõe. O modelo oferecido pelo Shopping Center serviria apenas a um grupo da sociedade, qualificado como consumistas, capitalistas e construtor vil, em comentário em CMdT-F-22. Esta crítica pode ser verificada em outros comentários ainda, como o seguinte:

Chega de shopping já tem demais e a era do consumo já passou. Agora não tem nem mais salario.

Comentário em CMdT-H-67

O Shopping ainda seria um contrasenso se construído na beira do Rio:

Shopping na beira do rio? Socorro So pode ser brincadeira

Comentário em CMdT-H-67

Nesta visão crítica ao Shopping Center, a área do Cais do Porto, em particular a área da ponta oeste junto à Usina do Gasômetro gravada sobre a imagem CMdT-F-22/H-67, se prestaria a outras atividades. Qualificada como a parte mais bonita do Cais, seria uma área para “ver o rio, o pôr do sol em paz”, em comentário em CMdT-H-67.

O modelo do Shopping Center é colocado, neste agrupamento, como defasado, contendo também a ideia de que estaria desprovido de uma ligação com a cidade:

é um projeto que já nasce velho, defasado, não tem nenhuma ligação com a cidade, com o entorno. E sim, vamos continuar acreditando que é possível mudar o rumo da história, até porque já mudamos várias vezes, como quando se impediu a derrubada do Mercado Público ou quando se impediu a construção de 40 prédios na área em que hoje é o Parcão.

Comentário em CMdT-F-22

A ligação com a cidade parece ser também recorrente em comentários, como em comentários sobre a imagem CMdT-C-26, em que ocorre um evento na rua à noite qualificado como “coisa mais linda do mundo”.

3.2.3 Produção de significados e sentidos: O Cais Mauá para o Ocupa Cais Mauá e Cais Mauá de Todos

A tabela 2¹³ traz uma síntese dos descritores icônicos das imagens compartilhadas pelo agrupamento OC+CMdT. Valendo-se de elementos dos comentários das postagens, identificam-se nas imagens significantes que constituem álteres do dizer Cais Mauá do OC+CMdT. Nas imagens deste agrupamento que retratam eventos ao ar livre¹⁴ são identificados os manifestantes, personagens presentes nas imagens entendidos como incluindo o povo e expressos com o termo todos no conteúdo textual dos comentários e no próprio nome do agrupamento CMdT, protagonizando as imagens em que são retratados; e o músico e a palestrante, incorporando os artistas e uma ideia de cultura, sendo ponto de foco do tema de suas respectivas imagens. Nos edifícios institucionais identifica-se o poder público, fundo contra o qual se desenvolvem as cenas. Em uma

¹³ Ver página 103.

¹⁴ Imagens OC-A-17; CMdT-C-26; CMdT-F-46

imagem¹⁵ aérea em um polígono cinzento adicionado sobre a imagem, em que seria construído um Shopping, há os incorporadores.

Em termos de objeto, pode-se verificar que o conjunto de imagens deste agrupamento trata de objetos bastante diversos e, mesmo remetendo ao Cais Mauá, os elementos característicos de um cais de porto não são centrais nestas imagens. Os armazéns do Cais figuram como um elemento central para a composição em três imagens¹⁶. Em outras três imagens¹⁷, os armazéns figuram apenas ao fundo da imagem ou como elementos menores dentro da composição, e em uma das imagens¹⁸ eles não aparecem. Assim, o objeto referente do Cais Mauá para OC+CMdT remete a uma região mais ampla da cidade que não é restrita aos limites geográficos do Cais do Porto. Esta ideia é reforçada pela localização geográfica retratada nas imagens, sendo algumas cenas que acontecem fora da área dos armazéns e quase todas (com uma exceção¹⁹) expondo áreas mais amplas da cidade em seus quadros. Nos comentários deste grupo se encontra suporte para esta interpretação, em comentário em CMdT-F-22 que critica a desconexão à cidade que teria um Shopping na área.

Quanto aos significados, as imagens do agrupamento constroem o Cais Mauá como um espaço de relação com a água. Esta relação não é apenas pela função porto de cargas que o Cais do Porto carrega, mas é uma relação mais ampla, da cidade com o Rio Guaíba. Na imagem OC-B-11, assim como em menor grau na imagem CMdT-F-22/H-67, a água do Rio Guaíba envolve a cidade, abraçando-a. A relação com a água é apresentada com um sentido positivo, enaltecido pelo azul puro do rio e pelo abraço. Este sentido é reforçado pelo comentário que se refere à construção de um Shopping:

Vamos perder o perfil urbano da ponta do gasômetro. O Prédio histórico vai perder a moldura de natureza e céu para um idiota de um shopping, estacionamento e tal... (...)

Comentário em CMdT-F-22

¹⁵ Imagem CMdT-F-22/H-67

¹⁶ Imagens CMdT-A-61, CMdT-B-06 e CMdT-F22/H-67

¹⁷ Imagens OC-A-17, OC-B-11 e CMdT-C-26

¹⁸ Imagem CMdT-F-46

¹⁹ Imagem CMdT-A-61

	OC-A-17	OC-B-11	CMdT-A-61	CMdT-B-06	CMdT-C-26	CMdT-F-22/H-67	CMdT-F-46
Elementos fixos	Praça, armazéns, estação do Trensurb, arco da estação, acesso à estação Travessia Guaíba, edificações, paradas de ônibus, postes de iluminação	Chaminé da Usina do Gasômetro, edificações (armazéns e administrativas) do Cais, ponta oeste da cidade, Rio Guaíba	Armazéns do Cais, postes de iluminação, guarda-corpos, cabeços de amarração, plataforma do Cais, edifício residencial	Rua, calçadas com passeios, postes e fradinhos, armazéns renovados, gruas, árvores, edifícios, decks	Armazéns do Cais, Av. João Goulart, Praça Brigadeiro Sampaio, Museu do Trabalho, edifícios residenciais	Armazéns renovados*, Pórtico*, grua, muro da Mauá, canteiros, ilhas	Rua, faixa de segurança, edifícios, poste de iluminação
Elementos móveis	Ônibus, carros, bicicletas, faixa “#OcupaCaisMauá”	–	–	Automóveis, mesas de bar, texto sobre a imagem	Automóveis, navio, texto sobre a imagem, polígono sobre a imagem	–	Equipamento de som, bandeira
Personagens	Manifestantes, usuários de ônibus	–	–	–	–	usuários do espaço, famílias, ciclista	músico com violão, público de jovens e adultos
Funções/ Atividades	Porto de cargas desativado, transporte público, atividade comercial, manifestação	Porto de cargas, atividades urbanas, geração de energia	Porto de cargas desativado, residência (edifício)	porto de cargas desativado, atividades de bar, transporte e circulação, passeio	porto de cargas desativado, usina desativada, centro cultural, centro de compras	Porto de cargas desativado, comercial (armazéns renovados)*, passeio	Apresentação de música, manifestação, circulação urbana (vias)
Localização	Arco de acesso da Estação Mercado, sobre a praça de acesso	Ponta oeste da cidade de Porto Alegre	Plataforma do Cais	Avenida Mauá	Ponta oeste da cidade de Porto Alegre	Cais do Porto entre muro da Mauá e Pórtico	Av. Sepúlveda, quase esquina com Mauá, em frente ao prédio do SINE

Tabela 2 – Sistematização dos descritores icônicos para o agrupamento OC+CMdT



Figura 24 – Na imagem OC-B-11 o rio é retratado como abraçando a cidade

A fotografia OC-B-11, visivelmente antiga por marcas de desgaste como saturação de cores ou danos nas bordas, contribui para a noção de que a relação da cidade com o Rio Guaíba é uma relação construída na história da cidade. Assim, esta relação com a natureza e as funções de porto são incorporadas ao significado do Cais Mauá como um patrimônio a ser preservado. Nas outras imagens em que figura, o espaço dos armazéns e outros equipamentos referentes ao porto é retratado como um patrimônio histórico da cidade, sendo qualificado em comentário em CMdT-F-22 como um “espaço tão histórico, que conta o início da cidade, a entrega das mercadorias, o fluxo de navios, a Porto Alegre do Cais do Porto!”. O sentido do patrimônio histórico também é positivo, portanto, mas traz também um aspecto negativo como em outro comentário na mesma postagem:

até q enfim vão colocar abaixo esse museu depósito d ratos e baratas

Comentário em CMdT-F-22

O patrimônio histórico compõe também o significado de um espaço cultural, aqui entendido como englobando tanto questões artísticas quanto históricas. Este espaço cultural é trazido em imagens em que figuram as atividades de palestra, performance musical e uma manifestação festiva, ideia que é reforçada em um comentário:

É ISSO QUE PRECISAMOS ESPAÇO PARA NOS ARTISTA QUE FAZEM A ARTE E A MUSICAS PARA UM GRANDE ESPAÇO CULTURAL.

Comentário em CMdT-A-61

O Cais Mauá como um espaço da especulação imobiliária é apresentado na imagem CMdT-F-22/H-67, em que um polígono marca a área em que o projeto Cais Mauá propõe um Shopping center, na ponta da cidade. Este significado é apresentado com um sentido negativo, de privatização do espaço público. A este significado estariam incorporados ainda a relação com o rio na ideia de *Ecofriendly Cities*, termo utilizado em um comentário nesta imagem. O uso de um polígono cinza leva ao sentido de que este uso não teria caráter ou identidade.

Em síntese, o agrupamento OC+CMdT constitui uma resposta contrária à proposta de revitalização no projeto Cais Mauá. A constituição deste agrupamento como sendo em relação ao projeto se evidencia no nome das páginas de *Facebook*, que incorporam o nome Cais Mauá mesmo que, historicamente na cidade de Porto Alegre, o espaço do porto junto à Av. Mauá seja conhecido como Cais do Porto (FRANCO, 1992). O projeto não está explícito nas imagens deste agrupamento, se não pela sua negação como na imagem CMdT-F-22/H-67, em que se trata apenas de um polígono cinza. O Cais Mauá que este agrupamento constrói em imagens é de um patrimônio histórico integrado com a cidade, que se afirma diverso por atividades culturais e por um caráter público do espaço. O sentido deste Cais Mauá é predominantemente positivo, embora a posição de manutenção do patrimônio seja afirmada também como um empecilho ao progresso, quando incorporados todos os comentários a esta interpretação.

4 (IN)CONCLUSÃO: CAIS MAUÁ E A CIDADE EM ABERTO

Este capítulo está dividido em duas partes. A primeira parte apresenta a conclusão da análise iniciada e apresentada no capítulo 3, remetendo à linha de interpretação intergrupos mostrada na figura 8.²⁰ Ao construir os sentidos das imagens produzidos entre os grupos, se busca apresentá-los na forma de territorializações-desterritorializações-reterritorializações. Ou seja, se buscará a ordem de um pensamento estratégico para a cidade, de que formas estas ideias são rompidas por discursos de fuga e que outras estruturas se estabelecem então a partir destas fugas.

Na segunda parte do capítulo os resultados das análises são acionados para rediscutir os conceitos teóricos e metodológicos apresentados nos capítulos 1 e 2. Assim, serão trazidas novas noções para os conceitos abordados e, em relação ao método, se fará uma crítica acerca de sua aplicabilidade e de suas limitações. Por fim, o trabalho apontará para novos questionamentos que se possa fazer ao corpo teórico sobre cidade, ciberespaço e o estatuto de imagem como discurso.

4.1 A TERRITORIALIZAÇÃO DO CAIS MAUÁ NO *FACEBOOK*: SENTIDOS PLURAIS

Em termos conceituais, as imagens do agrupamento QC apresentam um Cais Mauá em que os agentes estratégicos (CERTEAU, 2012 [1980]) são muito constitutivos de seu discurso. As relações de ressignificação se dão entre a iniciativa privada, aqui apresentada como garantidora não apenas do uso, simplesmente, mas do uso diverso do espaço; e o governo como incapaz de fazê-lo. Esta oposição se encontra também no sentido (ARAUJO, GUEDES, *et al.*, 2007) dado aos elementos de patrimônio histórico, com um sentido negativo de obsoletos em relação ao sentido positivo de sua renovação. Nas fotografias o conjunto construído aparece com centralidade na imagem, porém com sinais de degradação claros. Nas imagens geradas por computador, no entanto, estes elementos históricos se configuram como um cenário para o desempenho de outras atividades. Embora haja a menção à manutenção do conjunto construído como um bem cultural a ser preservado, este é reterritorializado (DELEUZE e GUATTARI, 2011

²⁰ Ver página 61.

[1980]), principalmente pela ação da empresa, em um Cais Mauá como espaço de consumo.

O agrupamento OC+CMdT tem em suas imagens um dizer Cais Mauá em que os usos táticos (CERTEAU, 2012 [1980]) ressignificam o que é oferecido por agentes estratégicos (Ibid.). O discurso como um todo se constrói sobre a iminência da execução do projeto de revitalização urbana do Cais Mauá, e este projeto está expresso no significante do Shopping, como uma ideia de privatização de um espaço público e de um patrimônio. Em relação a este uso comercial, as atividades culturais que se apresentam constituem táticas (Ibid.) que ressignificam este espaço com uma ideia de inclusividade, expressa na pluralidade de seus personagens e na referência a um Cais Mauá de Todos, no nome de um dos grupos.

O dizer Cais Mauá do OC+CMdT também se dá sobre uma cidade construída historicamente. Nesta cidade construída historicamente estão estruturas antigas que permanecem até usos e equipamentos atuais. Seus significantes (ARAÚJO, GUEDES, *et al.*, 2007) presentes nas imagens são as vias, faixa de segurança, edifícios e estruturas públicas e o sistema de transportes, tanto nos carros quanto nos ônibus. O dizer que se apresenta sobre esta cidade é o de uma construção coletiva sobre a apropriação (CERTEAU, 2012 [1980]) desta. Nas imagens em que há os eventos em espaços públicos, as atividades se tratam de apropriações que ressignificam os espaços; em duas imagens uma atividade de pessoas se dá no meio da rua, enquanto em outra os manifestantes ocupam o topo de uma estrutura de acesso, que não fora pensada para ser ocupada. Esta apropriação tática é reforçada também pelo ângulo de tomada das imagens neste grupo, que se colocam o observador em um ângulo horizontal ou descensional em relação ao tema, o que constrói uma ideia de capacidade de ação sobre este.

Quanto ao fluxo de dados no ciberespaço, o grupo QC apresenta o compartilhamento de imagens de outros sites da rede e imagens de autoria de jornais e da empresa Cais Mauá do Brasil SA, se diferenciando do agrupamento OC+CMdT que apresenta postagens de forma direta de seus participantes, tanto em questões de autoria quanto por nenhuma das imagens ser compartilhamento de outros sites. Assim, o grupo QC se caracteriza pela reprodução de imagens enquanto o segundo apresenta imagens que se poderiam dizer mais próprias. Embora não seja o intuito da análise estabelecer correlações sobre se estas enunciações seriam necessariamente mais diversas, por serem mais próprias, o questionamento sobre esta diversidade é levantado por esta constatação. Como demonstrado pela a análise das postagens dos dois agrupamentos, o agrupamento

OC+CMdT apresenta maior diversidade na construção de seu signo Cais Mauá, em objeto, significado e sentido. Esta pesquisa não tem a capacidade metodológica de atribuir as razões para a diversidade da composição do signo Cais Mauá, embora se possam levantar questionamentos que remetam a combinações de diversos fatores. Esta diversidade pode estar relacionada a este agrupamento ser maior (envolve mais indivíduos), estar mais descentralizado em sua topologia de rede em eventos de *Facebook* enquanto o agrupamento QC está centralizado em um grupo de *Facebook* ou a o grupo apresentar um caráter mais contestatório.

Em relação as diferenças demonstradas pela análise dos dois agrupamentos, o que se pode afirmar é que o seu percorrer na rede – a experiência de navegar por suas imagens e postagens – constroi significações distintas do Cais Mauá. O agrupamento QC constrói uma reterritorialização (DELEUZE e GUATTARI, 2011 [1980]) de um espaço histórico da cidade, que é a região geográfica dos armazéns do Cais do Porto, como um espaço de consumo. Presentes em todas as imagens deste agrupamento, fica claro que o Cais Mauá para QC é vinculado a esta região geográfica. O agrupamento OC+CMdT, em relação a esta circunscrição geográfica, oferece uma desterritorialização (Ibid.). O Cais Mauá para OC+CMdT faz parte da cidade e é cidade, inclusive havendo neste grupo uma fotografia²¹ em que nenhum objeto do Cais do Porto é retratado. Esta desterritorialização (Ibid.) abre possibilidades de dizer um Cais Mauá em relação a outros espaços da cidade, não encerrando seu dizer à região geográfica.

Por outro lado, embora o dizer Cais Mauá para QC remeta à região geográfica dos armazéns do Cais do Porto, estes armazéns são desdesignificados de sua função original relacionada à atividade portuária. Pode-se afirmar que este dizer Cais Mauá produz uma desterritorialização (Ibid.) desta significação (ARAUJO, GUEDES, *et al.*, 2007) dos armazéns, estando sua função agora em aberto. Nas imagens por computador no agrupamento QC, o novo uso dos espaços é apresentado de forma genérica e indefinida. Contra esta desterritorialização (DELEUZE e GUATTARI, 2011 [1980]) o grupo OC+CMdT apresenta uma reterritorialização (Ibid.), reafirmando em sentido (ARAUJO, GUEDES, *et al.*, 2007) o valor positivo das funções de porto dos armazéns do Cais do Porto, função ressignificada para um sentido histórico e incorporada como patrimônio. O

²¹ Imagem CMdT-F-46

conjunto edificado da área portuária para QC é mantido em forma, portanto apenas como suporte a novas atividades, estas sendo o sentido do Cais Mauá, enquanto que para OC+CMdT o conjunto construído compõe, com sua função histórica, o sentido do Cais Mauá.

Em relação à ordem (CERTEAU, 2012 [1980]), instauração estratégica, de uma cidade estabelecida, esta está presente nos dizeres Cais Mauá dos dois agrupamentos. O sentido desta ordem se diferencia pelo isolamento e circunscrição geográfica presentes no dizer Cais Mauá de QC e na relação entre os elementos da cidade do dizer Cais Mauá de OC+CMdT. Enquanto a ordem estratégica é aceita em QC, em OC+CMdT a sua apropriação a ressignifica. Um elemento que marca isto são as bicicletas nas imagens OC-A-17 e CMdT-C-26, que oferecem um contraponto ao sistema de transportes da cidade que é baseado no carro, como suportado por comentários, em diversas postagens, que criticam este veículo. As bicicletas desterritorializam (DELEUZE e GUATTARI, 2011 [1980]) esta estrutura da cidade, mas nas imagens por computador em QC sofrem uma reterritorialização. As bicicletas são incorporadas ao dizer Cais Mauá deste agrupamento, agora com um sentido estrito de passeio, cooptadas por um discurso estratégico. Nestas imagens há a captura ainda de outros elementos culturais a um sentido estrito, como a pipa que um menino levanta e o pôr-do-sol, elemento de valor da cultura local.

O signo (ARAUJO, GUEDES, *et al.*, 2007) Cais Mauá que se pode construir desta análise é construído em grande parte na relação com o projeto de revitalização do Cais Mauá. O que dispara a ação e associação dos diversos grupos e páginas no *Facebook* é justamente a iminência de um projeto, que se trata de uma grande operação estratégica. Esta é uma operação estratégica tanto no termo como afirmado por Certeau, ou seja daquelas operações perpretadas pelos agentes do Estado e do Mercado, quanto no conceito de cidade como negócio e do planejamento estratégico (VAINER, 2000).

Como se pode verificar nas análises das imagens, o discurso estratégico (CERTEAU, 2012 [1980]) da cidade está mais explicitamente reproduzido no grupo QC, sendo as imagens analisadas deste agrupamento de origem de instituições enquadradas como estratégicas, mais especificamente do Mercado (a empresa incorporadora do projeto Cais Mauá e jornais), enquanto no grupo OC+CMdT este discurso não é tão reproduzido. O sentido que se encontra nos dois agrupamentos, no entanto, é bastante plural, havendo comentários críticos e contraditórios nos dois agrupamentos. Ao se preparar esta pesquisa, se esperava que os agrupamentos apresentassem uma adesão clara ao projeto do Cais Mauá, no caso de QC, e uma contestação clara ao projeto, no caso de

OC+CMdT. O que se verifica na análise das imagens, quando se incorpora o contexto e as alteridades dos discursos, é que estas imagens são atravessadas por sentidos plurais.

4.2 UM RETORNO ÀS ELABORAÇÕES TEÓRICAS

O método construído para esta pesquisa buscou combinar elementos de duas abordagens distintas para realizar uma análise que não seria possível se acionando apenas uma dessas abordagens. A Hermenêutica Dialógica (ARAUJO, GUEDES, *et al.*, 2007), estabelecendo como necessidade para se compreender o discurso a explicitação das relações de alteridade, não apresenta no entanto a fundamentação para a análise de imagens. Por outro lado, o acionamento das categorias de descritores formais e descritores icônicos (POSSAMAI, 2008) não daria conta de tratar do *corpus* como discurso, ou seja, como algo atravessado por disputas de poder. O resultado da pesquisa demonstra que a composição deste método híbrido foi capaz de evidenciar sentidos plurais e por vezes contraditórios nas imagens em análise, graças à consideração das relações de alteridade presentes intra- e extradiscursivamente.

O resultado da pesquisa mostra que, mesmo a reprodução de imagens diretamente do material de divulgação da empresa Cais Mauá do Brasil S/A, por exemplo, não significa que esta imagem apresentará o mesmo sentido (ARAUJO, GUEDES, *et al.*, 2007) de sua publicação original. O que se demonstra é que as interações no grupo tornam das postagens *online* discursos como agenciamentos (DELEUZE e GUATTARI, 2011 [1980]), com estes sentidos plurais. Assim, a interação com o conteúdo através do sistema do *Facebook*, postando ou comentando, por exemplo, se constitui como um uso tático de apropriação (CERTEAU, 2012 [1980]) deste sistema, com capacidade de ressignificá-lo.

Uma das características das mídias computacionais, em relação àquelas caracterizadas como mídias de massa, é a liberação do pólo de emissão (LEVY, 2000; LEMOS, 2004). É a característica neste contexto a descentralização das possibilidades de dizer, de grandes agentes, para serem pulverizadas em dizeres plurais, dada as possibilidades de enunciação estendidas aos diversos usuários no ciberespaço. Para Slater (2002), esta característica de difusão das possibilidades de enunciação que leva à possibilidade de surgimento de novas afirmações identitárias. Em relação à cidade construída no ciberespaço caberia a hipótese, então, de que seja uma cidade que rompa com os agentes estratégicos, com poder para instauração de sua ordem, que identifica

Certeau (2012 [1980]). Em alguma medida era o que se supunha ao se elaborar os procedimentos de pesquisa.

Aqui cabe apontar uma certa limitação encontrada no referencial assumido no momento inicial do trabalho²². A escolha pelo trabalho de autores como Levy (2000; 2011[1995]) e Virilio (2005; 2014[1984]) se deu por estarem estabelecidos como referência para tratar das rupturas sofridas pela categoria de espaço frente a novas tecnologias comunicacionais. Estes não deram os subsídios conceituais, no entanto, para se abordar o que parece ser particular da Internet em sua forma mais contemporânea, que é a pulverização e pluralização da enunciação dos discursos, como referido no parágrafo anterior. Porém, cabe a pergunta de até que ponto se constitui, com a Internet, uma ordem de fato distinta da anterior em relação a ruptura com pontos centrais de controle da emissão de informação. No que se analisou nesta pesquisa, a ação de emissão de indivíduos supostamente autônomos se dá pela aglutinação em torno de nós da rede, no caso grupos e páginas no *Facebook*, em que operam além da própria estrutura de *software* subjacente a atividade de moderadores e donos destas páginas.

Ainda, o resultado da pesquisa realizada indica que, embora não sejam os autores de postagens de nenhuma das postagens analisadas, os agentes estratégicos são áteres muito presentes em todas as imagens analisadas, ora tendo seu discurso reafirmado ora sendo o discurso contra o qual se produzem novos sentidos. De qualquer forma, os agentes Estado e Mercado compõe o dizer Cais Mauá dos dois agrupamentos analisados. Neste sentido o fato de os discursos analisados estarem na forma *online* não apresenta uma grande ruptura com o discurso da cidade material.

A particularidade do meio *online* que foi incorporada pelo método de pesquisa adotado é a de constituir discursos efetivamente plurais, cuja autoria não pode ser atribuída a um único indivíduo ou agente. Assim, as contradições e pluralidades de significações e sentidos estiveram presentes na constituição do signo Cais Mauá no *Facebook*. Estas pluralidades de significações e sentidos foram identificadas como proporcionando desterritorializações de dizeres Cais Mauá, em alguns momentos, mas a

²² Agradeço a Frederico Araujo, membro da banca examinadora, por trazer esta questão na oportunidade da arguição pública de defesa desta dissertação.

possibilidade de se constituir um dizer Cais Mauá ao fim da análise constitui uma reterritorialização, ainda que plural e contraditória, deste signo no *Facebook*.

Ao longo deste trabalho foi construído o argumento de que a materialidade da cidade não é o que constitui a sua realidade, sendo a materialidade apenas um dos discursos de cidade. O seu percorrer, o caminhar ao rés do chão como diz Certeau (2012 [1980]) é uma apropriação do discurso oferecido pelos agentes estratégicos, é tática que por sua vez produz uma ressignificação deste objeto. Se entendido o processo de ressignificação como uma territorialização, este também se dá de forma semelhante pelo percorrer das imagens no ambiente *online*, como demonstrou o resultado da pesquisa. O percorrer desta cidade *online* não é uma função de deslocamentos e experimentações geográficos ou geométricos, mas no entanto constitui uma cidade plenamente espacial, tomando-se o conceito de Certeau (Ibid.) sobre o espaço:

Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou proximidades contratuais. (Ibid., p.184)

A relação que os elementos *online* estabelecem, e as possibilidades de utilizá-los, instauram uma ordem de cuja experiência deriva uma espacialidade. Durante a pesquisa se procurou uma ordem que remetesse à linguagem dos discursos imagéticos, mas não é apenas a esta ordem que se deve atentar. O meio em que as imagens são postadas é extremamente relevante. No caso em questão, a plataforma *Facebook* permite tipos de interação específicos, como tipos de associação de usuários em grupos ou páginas e formas de interagir com o conteúdo no curtir, comentar ou compartilhar de uma postagem. Não abandonando a perspectiva de tratar das coisas como discursos, pode-se tratar este conjunto de formas de interação como linguagem, um sistema de regras sintáticas estabelecidas pelo algoritmo da plataforma.

A cidade *online* tem sua ordem estabelecida portanto por estes algoritmos de conexões. Neste caso era o *Facebook*, mas qualquer ação hoje no ciberespaço salta por uma série de sistemas com seus próprios códigos. Pode-se afirmar uma cidade aí por dois pontos de vista: o primeiro é que as imagens, textos e outros conteúdos constituem um dizer **sobre** cidade. Mas o outro ponto de vista é o de que a própria prática deste sistema no ciberespaço é uma prática de cidade, e portanto a instaura. Mas a que aspecto de cidade se refere esta afirmação? Para Flusser (2015 [2008]), é o aspecto de ir a público que está em jogo. O autor afirma que a cidade é historicamente o lugar da política por excelência,

a começar pelo ágora grego. Ao ir para a cidade, ou seja, abandonar o espaço privado da casa, é ir a público, é enfrentar o diferente e sujeitar-se – a si e a suas ideias – à mudança. Flusser (Ibid.) afirma que o movimento de ir a público não depende mais do ato de deslocamento geográfico de deixar as quatro paredes do espaço privado; como afirma Virilio (2014 [1984]), as superfícies da cidade agora perderam opacidade. Para Flusser (2015 [2008]), em casa e conectado se está mais em público do que fora de casa.

Esta cidade *online* que se está dizendo aqui é o espaço público da era digital, é portanto menos referente a uma determinada forma material e mais a este movimento de ir a público. Esta cidade não tem localização geográfica, posto que seus limites não são definidos e se encontram em aberto, embora possa ter referentes (ARAÚJO, GUEDES, *et al.*, 2007) geográficos, como nas imagens analisadas nesta pesquisa. De qualquer maneira, o fato é que para Flusser (2015 [2008]) a vida pública está migrando para este ambiente *online*. Isto pode ser problemático, retomando-se a ideia de que as possibilidades de ação neste ambiente estão dados por códigos estabelecidos pelas empresas que gerenciam estes espaços, como o *Facebook*.

A cidade *online* é gerida pelos poderes privados; o ambiente onde se dá uma parte importante da vida pública, segundo Flusser (Ibid.), tem seus códigos estabelecidos por agentes privados. Se pode traçar um paralelo entre o que ocorre com esta forma de se relacionar e o que o caso do Cais Mauá exemplifica como um movimento generalizado das cidades contemporâneas, que é o da cidade-mercadoria (VAINER, 2000). O projeto Cais Mauá é um exemplo de projeto que busca a competitividade, para dar qualidade de venda à cidade de Porto Alegre.

O grande problema levantado por Vainer (2000) é que desta cidade-mercadoria participam apenas os cidadãos solventes. A cidade se torna um objeto de consumo dentro do sistema capitalista e, portanto, acessível apenas por aqueles que podem pagar por ela. O mesmo se dá na cidade *online*, pelo caráter mediático onde se dá sua instauração. Para participar desta cidade *online*, são necessários não apenas o acesso a um computador e à Internet, mas também o domínio dos códigos deste ambiente com uma linguagem própria, dos computadores. Se de fato a vida pública – e assim a cidade, em uma de suas formas – está migrando para o ambiente *online*, como afirma Flusser (2015 [2008]), o que acaba por se questionar é se a cidade já não está mesmo vendida. O que se verifica, ao menos, é que mesmo nos sistemas altamente codificados, como o do *Facebook* no caso desta pesquisa, a apropriação e o uso destes sistemas sempre vai oferecer ressignificações (CERTEAU, 2012 [1980]).

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. **A construção do porto de Porto Alegre: modernidade urbanística como um suporte de um projeto de estado.** Porto Alegre: dissertação de mestrado UFRGS, 2005.
- ARAÚJO, F. G. B. D. "Identidade" e "Território" enquanto simulacros discursivos. In: ARAÚJO, F. G. B. D.; HAESBAERT, R. **Identidades e territórios: olhares contemporâneos.** Rio de Janeiro: Access, 2007.
- ARAÚJO, F. G. B. D. et al. **Para "compreender" o discurso: uma proposição metodológica de inspiração bakhtiniana.** Belém, PA: [s.n.]. 2007. Trabalho apresentado na sessão livre "Epistemologias e Metodologias para o discurso território", XII Encontro Nacional da ANPUR.
- ARAÚJO, F. G. B. D.; NADER, G. L.; JESUS, D. M. O. D. **modernidade e pós modernidade questões sobre as identidades culturais.** Anais da IX ENANPUR. Rio de Janeiro: ENANPUR. 2001.
- ARTE CULTURA CAPOEIRA. Dicionário de Capoeira. **Arte Cultura Capoeira,** [2010-11]. Disponível em: <http://www.arteculturacapoeira.com.br/site/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=57&Itemid=85>. Acesso em: 22 abr. 2016.
- BACHELARD, G. **A Formação do Espírito Científico.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1938].
- BECKER, H. S. **Sociological Work.** New Brunswick: Transaction Publishers, 2009 [1970].
- BELL, P. Content analysis of visual images. In: LEEUWEN, T. V.; (ORG.), C. J. **Handbook of Visual Analysis.** London: Sage, 2001. p. 10-34.
- BOURDIEU, P. **El oficio del sociólogo.** Buenos Aires: Siglo XXI, 2008 [1973].

CAIS MAUÁ DO BRASIL SA. O PROJETO Conheça o plano de revitalização do Cais Mauá. **Viva Cais Mauá**, s.d. Disponível em: <<http://vivacaismaua.com.br/o-projeto/>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

CERTEAU, M. D. **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012 [1980].

DELEUZE, G. O atual e o virtual. In: ALLIEZ, É. **Deleuze Filosofia Virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996. p. 47-57.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, v. 1, 2011 [1980].

FACEBOOK. Como o Feed de notícias funciona. **Facebook**, s.d. Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/327131014036297/>>. Acesso em: 17 maio 2016.

FLUSSER, V. **Comunicologia**. São Paulo: Martins Editora, 2015 [2008].

FRANCO, S. D. C. **Porto Alegre**: Guia Histórico. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014 [2004].

HALL, S. The Question of Cultural Identity. In: HALL, S., et al. **Modernity: an introduction to modern societies**. Malden: Blackwell, 1996.

HALL, S. The Centrality of Culture: notes on the cultural revolutions of our time. In: THOMPSON, K. **Media and Cultural Regulations**. [S.l.]: SAGE Publications, 1997.

INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Cartografia virtual histórico-urbana de Porto Alegre**. Porto Alegre: [s.n.], 2005.

JAY, M. Cultural relativism and the visual turn. **Journal of Visual Culture**, London, 1, 2002. 267-278.

JORNAL JÁ. Dossiê Cais Mauá: licitação teve um único concorrente. **Jornal Já**, 15 mar. 2016a. Disponível em: <<http://www.jornalja.com.br/dossie-cais-maua-licitacao-teve-um-unico-concorrente/>>. Acesso em: 03 22 2016.

JORNAL JÁ. Dossiê Cais Mauá - Revitalização desafia governos há três décadas. **Jornal Já**, 14 mar. 2016b. Disponível em: <<http://www.jornalja.com.br/dossie-cais-maua-revitalizacao-desafia-governos-ha-tres-decadas/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

KRUSE, F. **Intervenções em centros urbanos: o caso da antiga área portuária de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

LEMOS, A. Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura. **galáxia**, São Paulo, n. 8, Outubro 2004.

LEVY, P. **Cibercultura**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

LEVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011 [1995].

LEWIS, K. et al. Tastes, ties, and time: A new social network dataset using Facebook.com. **Social Networks**, v. 30, p. 330-342, 2008.

MARTINS, M. C.; MARZULO, E. P. **O Pampa em filmes do Sul: a paisagem como imagem**. XV Encontro Nacional da Anpur, 2013, Recife. Desenvolvimento, Planejamento e Governança. Recife: ANPUR. 2013.

MARZULO, E. P. **Anacronismo de um Projeto Urbano**. Porto Alegre: [s.n.]. janeiro 2016.

MICHAELIS. virtual: Significado de "virtual". **Dicionário Online Michaelis**, [2009]. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=virtual>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

PESAVENTO, S. J. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: PMPA, 1991.

PMPA. Cais Mauá. **Prefeitura Municipal de Porto Alegre**, s.d. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=114>. Acesso em: 26 mar. 2016.

POSSAMAI, Z. R. Fotografia, História e Vistas Urbanas. **História**, São Paulo, 27, n. 2, 2008. 253-277.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Usina do Gasômetro. **Prefeitura de Porto Alegre**. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/mais_sobre_essa_historia.doc>. Acesso em: 29 fev. 2016.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REVISTA CONSTRUÇÃO MERCADO. Reabilitação urbana do Cais Mauá, em Porto Alegre, será totalmente financiada por fundos de investimento imobiliário. **Revista Construção Mercado**, dezembro 2013. Disponível em: <<http://construcaomercado.pini.com.br/negocios-incorporacao-construcao/149/artigo302009-1.aspx>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

RIEDER, B. **Studying Facebook via data extraction: the Netvizz application**. Proceedings of the 5th Annual ACM Web Science Conference. New York: ACM. 2013. p. 346-355.

SANTOS, M. O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. n. 2, ago-dez 1999. 15-26.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. 4ª Edição. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012 [1996].

SIMMEL, G. The Metropolis of Modern Life. In: LEVINE, D. **Simmel: On individuality and social forms**. Chicago: Chicago University Press, 1971.

SLATER, D. Social Relationships and Identity Online and Offline. In: LIEVROUW, L.; LIVINGSTONE, S. **Handbook of New Media: Social Shaping and Consequences of Icts**. London : Sage Publications, 2002. p. 533-546.

SLATTERY, R. E.; MCHARDY, R. R.; BAIRATHI, R. **On the Topology of the Facebook Page Network**. Proceedings from Engagement Science: Theory and Methods: Insights from the Emergence API. [S.l.]: [s.n.]. 2013.

SOUZA, C. F. D. **Plano Geral de Melhoramentos: o plano que modernizou a cidade**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

SPH-RS. Cais Mauá de Porto Alegre. **Secretaria de Portos e Hidrovias**, s.d. Disponível em:

<http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/historico_cais_maua1.pdf>. acessado em 22/03/2016.

TPB AFK: The Pirate Bay Away from Keyboard. Direção: Simon Klose. [S.l.]: [s.n.]. 2012.

VAINER, C. Pátria, Empresa e Mercadoria: Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: OTÍLIA ARANTES, C. V. E. M. **A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

VIRILIO, P. **The Information Bomb**. Londres: Verso Books, 2005.

VIRILIO, P. **O Espaço Crítico**. São Paulo: Editora 34, 2014 [1984].

VIRTUAL REALITY SOCIETY. What is Virtual Reality?, [ca. 2010]. Disponível em: <<http://www.vrs.org.uk/virtual-reality/what-is-virtual-reality.html>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

ZERO HORA. O que prevê o projeto de revitalização do Cais Mauá e quem está contra. **Zero Hora**, 2014. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/noticia/2015/09/o-que-preve-o-projeto-de-revitalizacao-do-cais-maua-e-quem-esta-contra-4856991.html>>. Acesso em: 04 25 2016.